

INTERSECCIONALIDADE, GÊNERO UMA DISCIPLINA EM PROCESSO E CORPO-TERRITÓRIO ATRAVÉS DA SALA DE AULA



ROSSANA BRANDÃO TAVARES (ORG.)
[AUTORIA COLETIVA]

 **FAPERJ**

Rossana Brandão Tavares (org.)

interseccionalidade, gênero uma disciplina em processo **e corpo-território** através da sala de aula

Camila Gavazzi Felix

Clarisse Cunha Linke

Gabriel Marinho Santos

Giovanna M. Costa

Hugo Freitas da Cunha

Jess de Oliveira

Lívia Perfeito Sampaio

Marcele da Silva Figueiredo

Rossana Brandão Tavares

Equipe de Realização

- Colaboradoras:* Julia de Melo Amaral, Lívia Dos Santos Sacramento, Mariana Cristina de Souza Pio, Tayná Leoncio Silva
- Revisão:* Julia de Melo Amaral, Giulia Schiavini, Irio Mozer, Lívia Perfeito, Lívia Dos Santos Sacramento, Mariana Cristina de Souza Pio, Ricardo Paixão
- Apoio:* Lívia Perfeito Sampaio
- Capa e desenho:* Tayná Leoncio Silva
- Projeto gráfico e editoração:* Rossana Brandão Tavares
- Diagramação:* Lívia Dos Santos Sacramento, Mariana Cristina de Souza Pio, Rossana Brandão Tavares, Fernanda Helena de Menezes Melo Alves
- Estagiário Docente:* Ricardo Paixão
- Fotos do início dos capítulos:* Rossana Brandão Tavares

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Interseccionalidade, gênero e corpo-território
[livro eletrônico] : uma disciplina em processo
através da sala de aula / organização Rossana
Brandão Tavares. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro,
RJ : Escola de Arquitetura e Urbanismo, 2023.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
ISBN 978-65-00-68561-9

1. Arquitetura 2. Arquitetura e urbanismo -
Estudo e ensino (Superior) 3. Escola de Arquitetura
e Urbanismo (Niterói, RJ) 4. Experiência - Relatos
5. Interseccionalidade I. Tavares, Rossana Brandão.

23-154120

CDD-720.023

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura e urbanismo : Orientação profissional
720.023

sumário

Apresentação do livro..... 06

10.....O início do processo 1

2 Estudantes e expectativas..... 16

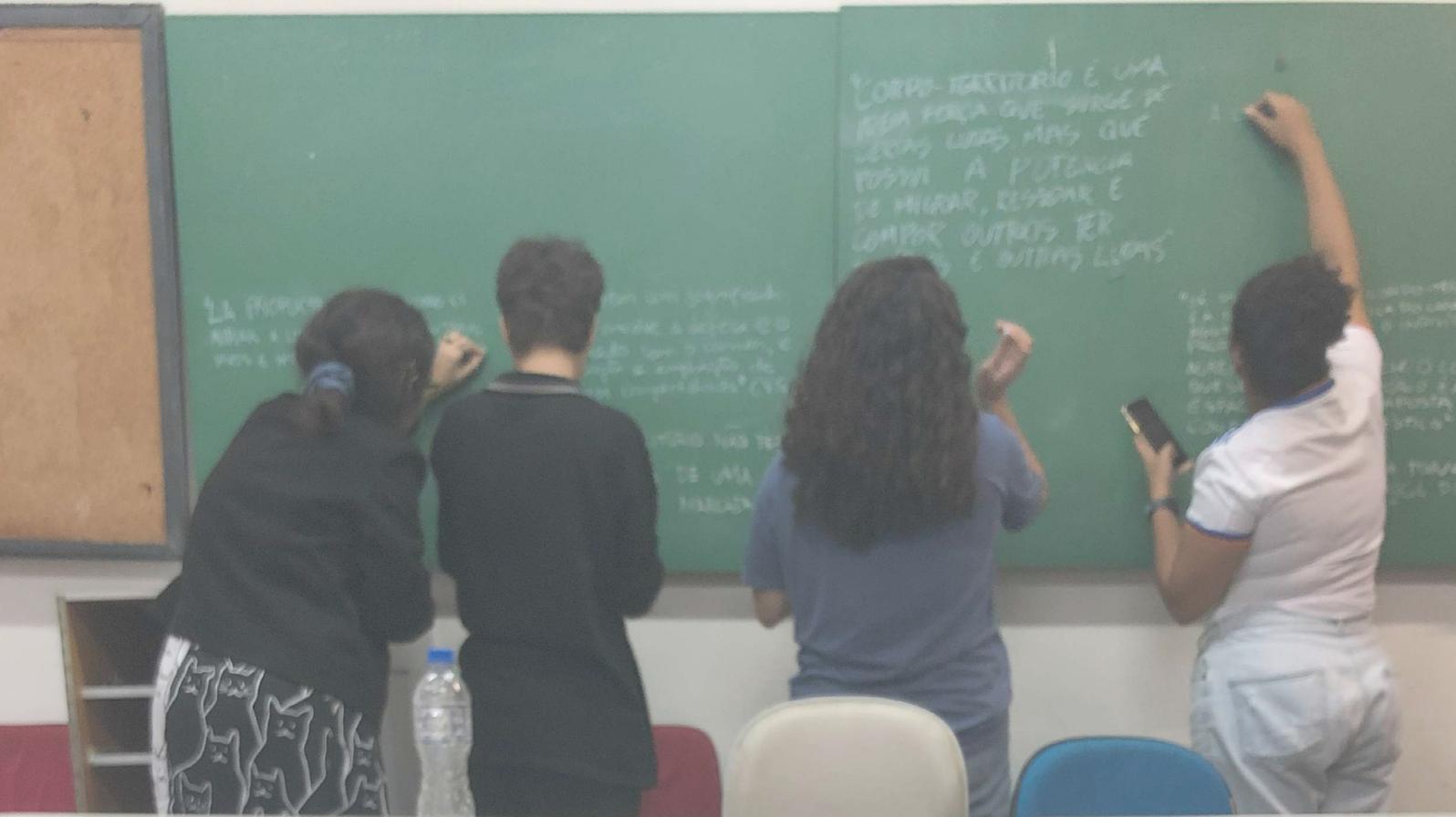
24.....Toró de reflexões 3

4 Trajetórias..... 53

98.....O que aprendemos? 5

agradecimentos..... 104

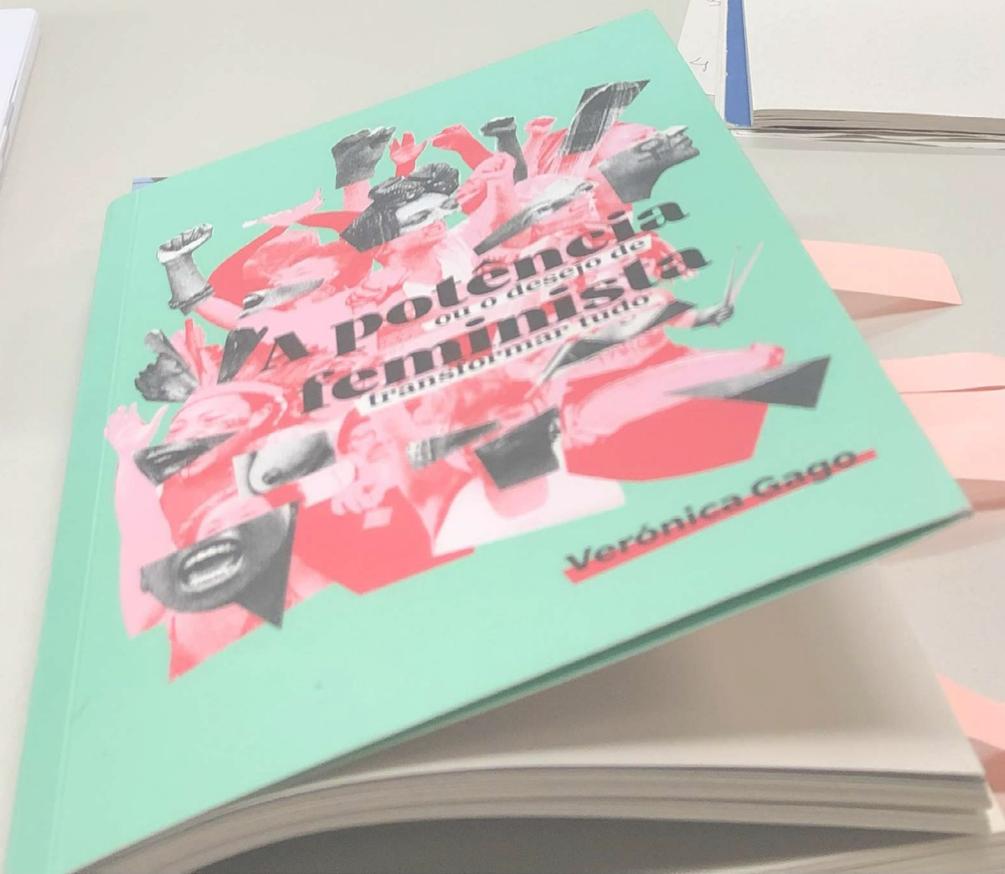
105.....referências



apresentação

Rossana Brandão Tavares

ecoLogia
Rosana BT



Blank page with a blue binding edge on the left.

O trabalho da docência é um desafio cotidiano para qualquer professora que busca construir um processo de ensino e aprendizagem ligados profundamente à produção do conhecimento como instrumento de emancipação política coletiva. Um modo não só de estar em sala de aula, mas todos dias se surpreender e imaginar um mundo, uma sociedade comprometida com a transformação social através da sala de aula. Nos últimos tempos, vivemos radicalmente o desafio dessa construção. Por conta do ensino-remoto durante a pandemia da covid-19, ampliou-se a naturalização de instrumentos de consenso neoliberal na educação, quando foi imposta a desmaterialização da sala de aula, mediada por tecnologias digitais. Parecia ser bastante desafiador o exercício de construção dialógica de ensinagem e romper com a lógica da reprodutibilidade digital (RIBEIRO, 2021).

Nesse contexto de retomada das aulas de corpo presente, experimentar a construção de uma disciplina presencial com estudantes da graduação e pós-graduação, juntos, foi de início um jeito de atrair mais pessoas para uma disciplina optativa que tinha como objetivo contribuir com a compreensão de diversas análises, relacionadas às epistemologias feministas, que emergem para o nosso campo na última década como contribuidoras da produção de reflexões, pesquisas, práticas sociais e políticas no campo da arquitetura e urbanismo. Chamada de “Interseccionalidade, gênero e corpo-território”, a proposta da disciplina essencialmente era o de colocar a turma em contato com o debate, com os conceitos, no sentido de provocar a ampliação da abordagem na EAU/UFF - Escola de Arquitetura e Urbanismo, um universo acadêmico que ainda reproduz ideias em que as teorias feministas são consideradas perspectivas específicas, de interesse apenas de mulheres - consideradas talvez meio loucas, talvez meio aventureiras, pois estamos escapando das doutrinas centradas na pedagogia das competências, na transmissão de conteúdos técnicos e de modelos, a serviço de uma ideia abstrata de mercado de trabalho na área de Arquitetura e Urbanismo. Ou seja, foi organizada uma disciplina que pudesse promover a reflexão crítica e a produção do conhecimento dialogado, num exercício fundamentalmente de conexão com os anseios, os desejos, as dúvidas e incertezas dos discentes, assim como da própria professora.

Sendo assim, esse livro de autoria coletiva onde transitamos entre as narrativas, reflexões e depoimentos dos estudantes e minhas, se pretende ser uma publicação que ofereça, ao mundo acadêmico, outras perspectivas epistemológicas, assim como um olhar atento às falas e discursos discentes sobre suas experiências tanto durante as nossas aulas, como de experiências pregressas. Isso porque grande parte dos questionamentos e reflexões trazidos em sala atravessaram o contato com outras práticas e visões sobre arquitetura e urbanismo e sobre produção do conhecimento. .

Organizado em 5 partes, basicamente a publicação se divide em temas a partir das narrativas dos autores e autoras discentes. Na primeira parte, apresentamos O INÍCIO DO PROCESSO para situar a forma como foram planejadas as aulas. A segunda parte refere-se aos ESTUDANTES e suas EXPECTATIVAS. Cada um se apresenta aos leitores e leitoras, descrevendo suas expectativas e desejos a respeito da disciplina. Já no terceiro momento do do livro, que chamamos de TORÓ DE REFLEXÕES, cada um narra o que foi mais significativo e os melhores momentos desse processo de aprendizado. Além disso,

apresentam os destaques realizados durante as aulas de trechos dos livros estudados, de modo a compreendermos, em alguma medida, a sua relação com a bibliografia estudada. O curioso é que em uma das aulas, realizamos uma dinâmica de escrita coletiva no quadro, e houve relatos de que as citações destacadas foram objeto de debate em outras disciplinas. A parte quarto, *TRAJETÓRIAS*, a turma expõe através de depoimentos a respeito de dois trabalhos realizados (um em sala de aula e outro individualmente) como eles avaliaram a produção e como isso contribuiu para o entendimento dos conceitos e práticas feministas a partir do nosso *corpo-território*, de nossa *corpografia* (JACQUES, 2008). Ao final, abordo reflexões sobre o que aprendemos e como é possível repensar e reestruturar nossas práticas de ensino com vistas a tensionar as estruturas e a cosmovisão sobre espaço e, especialmente, sobre a relevância social e política da arquitetura e urbanismo.

Esta publicação também é uma celebração da construção coletiva de uma possibilidade de se estar na universidade, de experimentar novas metodologias de aprendizagem e estar no ambiente físico da sala de aula. Escapando das ortodoxias, do controle do corpo, deslocando a hierarquia entre professor e aluno, recorrendo às expressões artísticas e da própria corporalidade, todas como ferramentas estruturantes do processo compartilhado de do-discência, ou seja, de acordo com Paulo Freire (1997), a mutualidade inseparável entre educadores e estudantes no processo de ensinar-aprender, a partir da sua compreensão de uma pedagogia dialógica. Esse movimento só foi permitido porque as epistemologias feministas têm me ensinado a descobrir outros modos de exercer a minha profissão, e de dar apoio às estudantes que buscam transgredir os limites generificados impostos. Uma profissão atravessada por muitos estigmas de gênero, que mais recentemente tem reconhecido a importância da trajetória de algumas mulheres, mas ainda se estrutura de forma contraditória e conservadora, mirando mais para a formação profissionalizante do que para possibilidades de transformação estrutural da disciplina, apesar de notórios esforços, como a experiência que temos buscado construir em sala de aula e em pesquisa e extensão.

A oferta e a experiência desta disciplina estão no bojo das pesquisas que venho realizando desde que ingressei como professora da EAU, e mais recentemente de um projeto de pesquisa financiado pela FAPERJ, através do Edital ARC/2019 - Auxílio ao Pesquisador Recém-Contratado. Além dos projetos de Iniciação Científica e JCNE/FAPERJ iniciado em 2022.

Compreendo esse fazer em sala muito atrelado às experiências de pesquisa e como elas alimentam meu fazer metodológico e pedagógico. Esse processo não é um espontaneísmo licencioso, sobretudo, quando proponho juntamente com Diana Helene a ideia de *indisciplina epistemológica*¹ como se estivéssemos evocando um ambiente acadêmico descompromissado com a formação. Pelo contrário. Propomos a desconstrução e a possibilidade de transformação do nosso campo disciplinar como um desa-

fio coletivo, escapando de uma visão redutora do futuro a algo inexorável que compreende a prática como ação reprodutora da história, “que castra as mulheres e os homens na sua capacidade de decidir, de optar, mas não tem força suficiente para mudar a natureza mesma da História” (FREIRE, 2003, p.13).

Mais do que concentrar os objetivos da disciplina na transmissão de conteúdos, é provocar também a ideia de que **a teoria é prática, e que toda prática** (COLLINS, 2022) **parte de uma teoria, mesmo que seja do senso comum, do conhecimento comum**. Nos dias atuais, é preciso de forma didática desconstruir alguns mitos ou verdades sobre a função da teoria, buscando nos aproximar da sua importância social e política. E no campo da arquitetura e urbanismo se mostra relevante o amplo debate a quebra com essa falsa dicotomia. Meu sonho é que estudantes compreendam a importância da teoria, assim como bell hooks (2020) definiu, muito inspirada nos ensinamentos freirianos.

Cheguei à teoria porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (HOOKS, 2020, p.83-85).

A professora bell hooks compartilha em seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” histórias de sua experiência como educadora e fala de algo que parece ser bastante recorrente: a questão da autoestima dos estudantes. Lembro que no período da graduação, quantas vezes pensei em desistir do curso. O fato de ter me aproximado da militância estudantil foi fundamental para me reconectar com meu desejo pela vida universitária, ou mesmo de olhar com carinho para as possibilidades no campo da arquitetura e urbanismo. A experiência em sala de aula muitas vezes é dolorosa porque é recorrente uma prática docente onde há professores que se sentem “autorizados a desumanizar e violentar estudantes impunemente (Ibid, p.191). Não só estudantes que vem de contextos sociais e grupos sociais marginalizados, como aqueles considerados brilhantes, também são atingidos. As práticas explícitas ou sutis que revelam misoginia e racismo parecem ser recorrentes. Mas há exceções. Tive a oportunidade de ter tido professoras e professores incríveis, sensíveis, engajados por uma educação realmente democrática, e foram essenciais. Hoje, alguns são meus amigos e colegas da universidade, e busco honrar os aprendizados e trocas, memórias que ainda compartilhamos.

O desejo expresso dos autores e colaboradores deste livro é que os processos de aprendizagem e reflexões aqui partilhados, contribuam para a prática da liberdade, num exercício de imaginação de novas perspectivas.

E mais uma vez pedimos à imaginação que assuma o poder e que nos inspire a criar novas relações e novas políticas sociais que favoreçam o respeito à vida das mulheres e de todas as vidas que existem neste momento único. [...] Sonho simples e difícil ao mesmo tempo - Ivone Gebara (DINIZ; GEBARA, 2022, p.60).

"SERÁ QUE O ARGUMENTO DE QUE LUGAR É O ESPAÇO DOTADO DE SIGNIFICADO NÃO PERMITE QUE ESSAS RELAÇÕES ESTENDIDAS DE UM GRUPO GLOBALIZADO ^{GOVERNADO OU NACIONAL} TAMBÉM TENHAM SIGNIFICADO? MEU ARGUMENTO NÃO É O DE QUE LUGAR NÃO SEJA CONCRETO, ESTABELECIDO, REAL, VIVIDO, ETC. É QUE O ESPAÇO TAMBÉM O É."
"VITIMA DO ESPAÇO GLOBAL" (PG 264)

"O ESPAÇO É TÃO DESAFIADOR QUANTO O ESPAÇO NEM O LUGAR PODEM FORNECER EM RELAÇÃO AO MUNDO. SE O TEMPO APRESENTA AS OPORTUNIDADES DE (COMO ALGUNS PERCEBERIAM) O TEMPO ENTÃO O ESPAÇO NOS APRESENTA O SEU MAIS AMPLO SENTIDO: O DESAFIO INTER-RELACIONALIDADE CONSTITUTIVA - E NOSSA IMPLICAÇÃO COLETIVA NOS RESULTA EM INTER-RELACIONALIDADE (...)"

- P. 274

• MASSEY, DOREEN

A VERDADEIRA QUESTÃO SOCIOPOLÍTICA DIZ MÍNIMO RESPEITO, TALVEZ, AO GRAU DE APERTURA/FECHAMENTO (E A CONSEQUENTE QUESTÃO DE COMO, DE QUE MANEIRA, PODERÍAMOS MESMO COMEÇAR A MEDI-LA) DO QUE OS TERMOS EM QUE ESSA APERTURA/FECHAMENTO É ESTABELECIDO. Os

1 início do processo

PODER-ARQUI? E ELAS EXIBEM UMA RESPOSTA POLÍTICA?

"A ARQUITETURA PODERIA EVITAR AS ARMADILHAS DO FABRICAL-FORMAS PRESETOVA À MÉRICA... LIBERTAR OS POTENCIAIS DO INCOMPLETO, DO ANSA-DIR-EJA" (TIL, 2001, p. 41) 254

"A NOVA HEGEMÔNICA ANUAL DE QUE O A BIOPOLÍTICO É NADA MAIS DO QUE UMA MANTA IN QUE O HUMANOS PODEM MANIPULAR E DOUTRINAR DEVE SER ABANDONADA E SUBSTITUÍDA PELA DE QUE ELE É, TAMBÉM, UM ATOR ESSENCIAL NA CRIAÇÃO DA CIDADANIA NA CIDADANIA" (1998, p. 75)

Rossana Brandão Tavares

na ut

CADA UM DESSES TEMPO-ESPAÇO É RELACIONAL. CADA UM É CONSTRUÍDO PELA ARTICULAÇÃO DE TRAJETÓRIAS. MAS EM CADA CASO, TAMBÉM, O ALCANCE DAS TRAJETÓRIAS QUE É ADMITIDO É CUIDADOSAMENTE CONTROLADO.

E CADA TEMPO-ESPAÇO, TAMBÉM, ESTÁ CONTINUAMENTE MUDANDO EM SUA CONSTRUÇÃO SENDO RENEGOCIADA.

PELO ESPAÇO (UM NOVO RITMO DE ORGANIZAÇÃO)
MASSEY, DOREEN B. (2001)
P. 253

Iniciar não é uma tarefa fácil, num mundo que cria e impõe limites cotidianamente a determinadas pessoas, para muitos corpos. Não só em quantidade, mas na diversidade e complexidade do controle destas existências. Então, o simples ato de começo é atravessado por perguntas e indagações de si, da relevância de suas ideias e propósitos, se haverá compreensão, adesão, se fará sentido, se será significativo, se será mal julgado, desprezado, tornado irrelevante. Nesse processo, a agenda e os resultados de uma pesquisa foram motivadores. O anseio de criar uma possibilidade entre discentes da graduação e pós-graduação, de constituir um espaço compartilhado, onde todas as sensações, desejos, imaginações num lugar comum para confluir e mobilizar diferenças (HOOKS,2019), me parecia fazer mais sentido como justificativa de proposição da disciplina.

Contudo, dar-se conta que os feminismos me levaram a este anseio íntimo e genuíno, mas também a muitas outras que inclusive se interessaram pela proposta, foram fundamentais para organizar as primeiras propostas de ementa, objetivos e plano de aula. Os primeiros esboços foram discutidos no grupo **Urb.ANAs**, com orientandas e pesquisadoras (Tayná Silva, Lívia Perfeito, Heloisa Marques, Giulia Schiavini, Irio Mozer, Clara Britto, posteriormente, Clarisse Linke, Mariana Pio, Livia Sacramento, Giovanna Costa) que têm feito parte desse desejo coletivo de *ser, fazer e acontecer*¹ uma universidade do pensamento crítico, a partir das práticas teóricas feministas.

O nome da disciplina nos orientou: **INTERSECCIONALIDADES, GÊNERO, CORPO-TERRITÓRIO.**

O objetivo também parecia traduzir nossos anseios e nossas buscas coletivas e individuais de se encontrar e se situar como feministas no campo da arquitetura e urbanistas. Algo que não é evidente, de uma consciência de sujeitas *encorporadas*², ou seja, “nunca plenamente [constituídas], sempre [abertas] à resignificação, o que [as] permite retrabalhar as relações de poder pelo estranhamento performativo produzido por certos corpos” (TAVARES e BONADIO, 2021, p.15). Não se deixando alisar pela heteronormatividade e se disciplinar por um modelo de ser estudante, ser arquiteta e urbanista, em que a própria imaginação de fazer e acontecer não seja uma reprodução mecânica, criativa segundo tal modelo.

Ficamos então com o seguinte direcionamento:

1 Inspirada num outro livro, que fiz parte, de autoria coletiva organizado por Taciana Gouveia, há época era educadora do SOS CORPO, escreve sobre nossas experiências de dois anos de oficinas sobre as mulheres e direito à cidade, como uma “história que não se encerra, ela se abre agora em um convite para que vocês, junto conosco, realizem todo dia a utopia das mulheres como cidadãs do mundo, com plenas possibilidades de ser, fazer e acontecer. Cf. GOUVEIA, Taciana (org.). Ser, fazer e acontecer: mulheres e direito à cidade. Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, 2008.

2 A partir de uma ontologia lefebvriana.

A disciplina tem como objetivo oferecer uma visão geral das abordagens teóricas e metodológicas sobre espaço urbano, territórios e corpo, a partir de autoras e autores que têm refletido sobre as contradições de gênero numa perspectiva interseccional. De caráter transdisciplinar, busca-se de forma dialógica compreender como diversas análises, relacionadas às epistemologias feministas, emergem como contribuidoras para a produção de reflexões, pesquisas e práticas sociais e políticas no campo da arquitetura e urbanismo.

A ementa talvez tenha sido o maior desafio tendo em vista o fato de que a expectativa era de uma turma diversificada no acúmulo do debate sobre os feminismos e questões de gênero, e de momentos diferente de formação acadêmica. Resolvemos nos balizar pela suposição de que alguns conceitos e associações teóricas e práticas poderiam parecer de entendimento comum, mesmo entre pessoas da mesma origem acadêmica, mas sempre há uma oportunidade de aprofundamento, ou mesmo, de compreender outras abordagens. Através de outras experiências de ensino, inclusive com estudantes de graduação na reta final de conclusão do curso, observei a dificuldade de apresentar a seu modo, de forma segura e bem contornada, o entendimento de ***espaço, território, práticas, análise urbana***. Nesse diálogo, as membras do Urb.ANAs também apontaram essas dificuldades de definição segura e crítica sobre aspectos essenciais da formação em arquitetura e urbanismo. Com isso, vislumbramos uma ementa que pudesse trazer isso à tona, problematizando tais conceitos e outros pensamentos categoriais (LUGÓNES, 2020h), com base nas teóricas feministas.

Então, definimos a **ementa**:

Mulheres e gênero. Teorias feministas e o corpo. Espaço urbano e territórios. Corpo-território, interseccionalidade e colonialidade. Teoria da reprodução social e problemática urbana. Práticas espaciais, sociais e políticas, e perspectivas epistemológicas para arquitetura e urbanismo.

Sobre o plano de aula, as ideias de temas a partir de uma imaginação que se prepara para o encontro (DINIZ, 2022), ou seja, de encontros com expectativas de todos os lados nos atravessando, foi planejado já com a intenção de ser modificado no calor da disciplina em acontecimento, no vivido do debate, dúvidas e outros anseios que não atravessaram o planejamento das aulas. Talvez esse seja um dos maiores desafios de professores: sem perder de vista os objetivos da disciplina, como levar em consideração os movimentos da turma, o que move cada um, docente e discentes, para compartilhar 3 horas de sala de aula e mais os momentos de leituras e de decantação de cada momento vivido. Mantivemos o planejado no primeiro bloco que chamamos de **ABORDAGENS SOBRE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE:**

TEMA 1 Sobre mulheres, gênero ou feminismo?

Objetivo: Debater sobre os acúmulos da turma e apresentar os conceitos segundo as teorias feministas e de gênero, e as questões políticas e sociais.

TEMA 2 Feminilidade e mulheridade: questões da heteronormatividade

Objetivo: Abordar a importância dos aspectos normativos e simbólicos, e as diferenças sócio-culturais e políticas entre feminilidade e mulheridade para problematização do debate sobre relações, práticas e performances

TEMA 3 Cotidianos e reprodução social: divisões e contradições

Objetivo: Compreender como a teoria da reprodução social contribui para as pesquisas sobre o cotidiano e os territórios.

TEMA 4 Interseccionando...

Objetivo: Leituras e compreensões para a construção da interseccionalidade como teoria crítica para pesquisas em arquitetura e urbanismo.

Quando iniciamos o Bloco 2, dois acontecimentos e processos interferiram direta e indiretamente na manutenção ou modificação do que havíamos planejado: (i) o exercício proposto na quinta aula, quando refletimos o controle do corpo, o controle do espaço e como isso se relaciona com a história e as nossas próprias biografias; (ii) as atividades de campo que estavam acontecendo paralelamente na área portuária que alimentaram reflexões sobre corpo e território, sobre a necessidade de inversões metodológicas através das narrativas das mulheres. Questões como percepção e vivências do corpo e o familismo se impuseram na reorganização dos temas.

Bloco 2 SOBRE CORPO, ESPAÇO E TERRITÓRIO

TEMA 5 Entender sobre corpo e controle para decolonizar

Objetivo: Discutir a partir de histórias de vida as compreensões e percepções sobre o corpo e controle no cotidiano das cidades, e como reverbera nas perspectivas teórico-práticas em arquitetura e urbanismo.

TEMA 6 Potência feminista pelo corpo-território

Objetivo: Discutir possibilidades de investigação e abordagem a partir das teorias feministas em contexto latino-americano.

TEMA 7 Pelo espaço: por uma nova política da espacialidade

Objetivo: Leituras dos conceitos de espaço a partir da obra de Doreen Massey e os diálogos possíveis com outras autoras/es.

TEMA 8 Familismo e construções de gênero

Objetivo: Discutir a relação entre o familismo como aspecto que atravessa a reprodução social, as concepções habitacionais e as políticas sociais para as mulheres.

Pelos depoimentos e comentários da turma, esse bloco foi o que mais mexeu com as estudantes: a desconstrução de perspectivas reducionistas e dicotômicas sobre espaço, o conceito de corpo-território entre as mulheres latino-americanas, a proximidade com as provocações no livro de Doreen Massey a partir de um olhar feminista e materialista, o lugar do familismo nas políticas públicas, sobretudo de habitação. Minha percepção é que o modo como foram abordados esses temas, tendo iniciado a partir do exercício em sala de aula sobre a relação dos nossos corpos e a experiência urbana, gerou uma grande proximidade na turma, e um clima de confiança em que todas, todes e todos se sentiram à vontade de imprimir a dinâmica da

aula. No Bloco 1, por exemplo, busquei experimentar o debate dos textos, dividindo a turma em 2 ou 3 grupos, a depender dos textos, e cada um ficava responsável em defender o texto ou apresentar as suas contradições, levando em consideração as abordagens dos outros textos, propostos para aquela aula. Ao final, fazíamos um debate amplo de todos os textos e recaímos sempre nas histórias pessoais de cada. Isso foi significativo para pensar o Exercício que inaugurou o Bloco 2, e o Exercício final de elaboração de uma *corpografia*.

O Bloco 3 foi reestruturado em função de fatores práticos, já que houve um determinado mês que alguns estudantes e eu adoecemos por conta da Covid-19, e com isso, algumas aulas foram canceladas. Entretanto, avalio que foi uma oportunidade de decantar leituras e reflexões que contribuíram para que pudéssemos explorar perspectivas sobre cidades feministas, e se modelos e critérios, para tal, seriam importantes no planejamento. A questão epistemológica não só do ponto de vista teórico, mas também nas suas nuances políticas, de maneira a praticar novas aberturas metodológicas em nosso campo, tomando como ponto de partida a própria epistemologia feminista.

Bloco 3 MOLDANDO EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS PELO ESPAÇO

TEMA 9 Sobre cidades feministas

Objetivo: Discutir referências que contribuam para problematizar os critérios que tem sido discutidos sobre como planejar ou debater perspectiva de cidades feministas

TEMA 10 Sobre corpografias

Objetivo: Leituras sobre o livro os textos de Paola Jacques e Ana Clara Ribeiros sobre estudos urbanos e o lugar teórico e metodológico do corpo.

TEMA 11 Tecendo caminhos

Objetivo: Abordar a importância do debate epistemológico e metodológico em arquitetura e urbanismo, considerando as abordagens teórico-metodológicas feministas interseccionais, a partir da ideia de indisciplina.

A ideia de *indisciplina epistemológica*, como apresentamos anteriormente, é uma disciplina em contraponto à ordem heteronormativa, patriarcal e colonial de produção capitalista do espaço urbano. Esse caminho de encerramento da disciplina fez sentido para incrementar a ideia de *corpografia*, com intuito da turma exercitar no último trabalho, a proposta de desenho de uma *corpografia*, como uma indisciplina. Um olhar sobre si no espaço urbano e na cidade, sem o filtro dos tradicionais critérios gráficos e de análise urbana sobre os territórios e sobre as pessoas e seus corpos.

O resultado do processo e das experiências dos exercícios feitos em sala e individualmente pela turma, estão impressos nos próximos capítulos a partir das narrativas dos estudantes. Em cada momento apresentado, eles trazem depoimentos e reflexões sobre a disciplina, sobre os conteúdos abordados, sobre os limites que conseguiram transpor e os desafios que começaram a compreender – cada um a partir de sua corporalidade e territorialidade.

Cabe destacar que alguns critérios foram incontornáveis para a organização da disciplina, como apresentar aos estudantes autoras majoritariamente mulheres ou fora do padrão heteronormativo. O desafio maior dentre algumas referências mais emblemáticas: escapar da bibliografia do norte global. Entretanto, a orientação das interpretações, ponderações e debates se direcionaram para a crítica à colonialidade no sul global e o lugar das abordagens feministas. Isso foi fundamental para exercer comparações, interrelações, e estimular o espírito crítico, eixo fundamental da disciplina.

Outro aspecto é a centralidade da interseccionalidade como teoria crítica, segundo Patricia Hill Collins (2022). Uma potência epistemológica que abre a produção acadêmica e seus muros, como perspectiva de luta social, escapando ao seu reducionismo pelos chamados marcadores sociais, como alguns insistem em restringir. A interseccionalidade como um instrumento teórico de luta e de um modo de lidar com as complexidades da sociedade, que são alisadas pela normatividade. *“Para as teorias críticas, entender e transformar o mundo social é o objetivo primário de investigação [...] As elites não são as únicas que teorizam. Muitas pessoas de nosso cotidiano oferecem explicações contundentes de seus mundos sociais”* (COLLINS, 2022, p.17). A interseccionalidade como o conceito mas como abordagem teórico-metodológica da disciplina permitir trazer a questão da complexidade encarnada na realidade de cada pessoa da turma. Esse foi uma coisa que planejamos sem saber. E deu certo.

2

estudantes e expectativas

autoria coletiva



Sou **Camila Gavazzi Felix**, mãe da Lulu, uma doguinha caramelo, apaixonada por restauração, cinema e estudos de gênero. Nasci em Santa Catarina, me mudei para o Rio de Janeiro em 2007, e para Niterói em 2022. Sou não-binária apenas na medida em que não acredito na invenção do sistema sexo-gênero. Fiz dois anos de pesquisa na área de Patrimônio Cultural, e mais dois anos na área de Urbanismo. Tatuado em handpoke e a cada hora invento um hobby novo. Penso em me tornar professora um dia.

Clarisse Cunha Linke é Mestre em Políticas Sociais pela London School of Economics and Political Science (LSE) e doutoranda no PPGAU/UFF. Atua no Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP Brasil) como Diretora Executiva desde 2012.

Ela trabalha em políticas e programas sociais desde 2001, com experiência no Brasil, Moçambique e Namíbia. Em 2010, foi premiada pela Ashoka no Desafio “Mulheres, Ferramentas e Tecnologia”. Em 2019, foi reconhecida como “Remarkable Women in Transport” pela Iniciativa Transformadora de Mobilidade Urbana (TUMI).



Me chamo **Gabriel Marinho**, tenho 25 anos, moro em São Gonçalo. Atualmente estou me graduando em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal Fluminense. A expressão gráfica através de desenhos a mão e o ato de escrever livremente sempre me fascinaram. Dentro da minha formação como arquiteto e urbanista, o olhar atento e observador sobre a cidade, suas manifestações em diversas áreas me deram a possibilidade de visualização mais amplificada sobre o morar, conviver e ser dentro dos contextos urbanos próximos a mim. Aos poucos, arquitetura e urbanismo deixou de ser apenas desenhar, e passou a ser um modo de pensar.

Giovanna M. Costa, também conhecida como Gio, é Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) onde, atualmente, também faz mestrado em Projeto, Planejamento e Gestão da Arquitetura e da Cidade, com pesquisa voltada para as vivências e experiências de cada indivíduo na cidade, tendo como ponto inicial o direito à cidade de diferentes indivíduos da população brasileira, independentemente de sua classe social, seu gênero ou sua sexualidade.





Meu nome é **Hugo Cunha**, tenho 41 anos, nasci em Volta Redonda, sou músico/arquiteto, casado e pai da Elis que tem 5 anos. Me mudei para Niterói em 2003 para fazer arquitetura e urbanismo. Inicialmente estudei na FAU/UFRJ, depois me transferi para EAU/UFF, onde coleei grau. Trabalhei como arquiteto na Secretaria de Estado de Cultura/RJ na equipe de coordenação do Projeto das Bibliotecas Parque e fui professor na faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Silva e Souza/RJ. Hoje faço doutorado no PPGAU/UFF.

Meu nome é **Jess de Oliveira**, tenho 31 anos e moro na comunidade do Morro do Palácio, em Niterói. Sou formada em Geografia (bacharel e licenciatura) pela UFF e atualmente curso mestrado em Geografia pela mesma universidade. Sou artista poeta, grafiteira e desenhista, ligada à “cena hip-hop”, como é conhecido o complexo cultural de arte de rua ao qual faço parte, e minha produção acadêmica está intrinsecamente atrelada à minha arte.



Lívia Perfeito Sampaio, carioca de Irajá, nascida em 1988, é feminista, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFF, formada no MBA Executivo em Administração: Gestão de Negócios Imobiliários e da Construção Civil pela FGV, Arquiteta e Urbanista pela UFRJ, Técnica em Edificações pelo CEFET-RJ e colaboradora do coletivo-grupo de pesquisa Urb.Anas. O urbanismo feminista e os estudos urbanos sobre o subúrbio carioca são seus principais interesses de pesquisa. Mais informações em: <https://linktr.ee/liviaperfeito>

Me chamo **Marcele Figueiredo**, tenho 23 anos, moro em São Gonçalo. Atualmente, sou graduanda de arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal Fluminense. Sou apaixonada por arte e pela sua capacidade de imprimir identidade e impulsionar o fazer político do contexto que a insere. Como tal, a formação ganhou meu coração pelo seu caráter multidisciplinar e o poder de formar pensamentos críticos aplicáveis, de forma a mudar a realidade das pessoas, propiciar qualidade de vida, dignidade e garantia de direitos. Tenho um profundo interesse em compreender as complexidades urbanas, sociais, ambientais e econômicas que envolvem a dinâmica da profissão.



Do lado de fora o corpo
Salas de aula falham em entender cidades
de vazios dolorosos

O desconforto que falar disso gera
naqueles que nunca tiveram seus corpos
ora ignorados, ora apontados
São falsos neutros universais
a norma padrão, o modulator másculo e europeu
E talvez nem gere desconforto, mas desinteresse
Pois não veem sentido em romper regras que lhes favorecem
ou mesmo reconhecê-las

A cidade não é só uma
As percepções que temos dela multiplicam
numa permutação que beira o infinito,
E os corpos marginais compartilham algumas noções

O dissidente numeroso { } é atomizado em partes
{mulher, queer, pcd, neurodivergente,
não-branco, favelado etc}
{e todas as suas interseccionalidades}

não são sujeitos, um todo coeso
são uma ideia de corpo limitante,
partes
Uma violência reducionista

Recorrer ao corpo que é violado diariamente
como horizonte de libertação

A maior revolta que podemos exercer

Transformar a subjetividade,
romper com a regra,
reconhecer o caráter intrínseco
das categorias determinantes
na experiência de cidade
Para depois destruí-las

Superar a diferenciação
imposta

Superar o colonialismo
que possui

Florescer como múltiplos

Ao me deparar com a ideia de planejamento urbano (e de mobilidade) universal ou neutro, me assusto. Seria possível nivelar as necessidades, os desejos, os medos e os anseios que cada pessoa tem ao se deslocar pela cidade? Seria a cidade passível de ser desenhada e construída para atender a todos “de forma igual”? Ou precisamos **diferenciar para efetivamente compreender** como os diversos corpos circulam – e como são protegidos e valorizados ou, do contrário, violentados e explorados?

Duas perguntas me cutucam diariamente. **Que corpo é esse, padrão, típico, que se diz legítimo representante de todas, todos e todes que se deslocam diariamente pelas cidades?** Se não existe, então por que nos dobramos à ideia de que um homem adulto, fisicamente apto, heterossexual, branco e cisgênero tem legitimidade para ocupar este papel? A segunda pergunta é **qual o impacto desta visão e forma de pensar, desenhar, produzir cidade?**

Minha expectativa com o curso era explorar uma abordagem feminista, decolonial e interseccional que pudesse ser aplicada ao planejamento urbano e de mobilidade. Compreendo hoje que, ao ignorar/invisibilizar os diferentes padrões de deslocamento entre homens e mulheres, acabamos por criar bloqueios e restrições para a circulação de pessoas diversas, garantindo a manutenção do status quo das realidades desiguais, deslocalizadas, periferizadas.

Pensar o urbano é um desafio e despertar que pode surgir de diversas formas. Comigo se deu a partir de pequenos passeios que fiz em minha cidade já com uma óptica mais científica influenciada pela universidade, onde vi retratos sociais, políticos e históricos se revelarem; e aos poucos descobri peças e seus encaixes que justificam a cidade como ela é. “A cidade como deveria ser” torna-se um ideal a ser vivido um dia. Isso instiga as reflexões e formulações de dúvidas sobre o que é morar, construir e viver para cada indivíduo, dando ênfase principalmente aos gêneros. Nisso, a disciplina optativa “Interseccionalidades, gênero, corpo-território” me proporcionou ferramentas de pensamento para uma ampliação de sentidos e observações. A expectativa sobre a disciplina estava ligada a viver e entender essa complexa intersecção de tantas influências sobre as pessoas menos compreendidas e mais marginalizadas da sociedade. Como as estruturas de pensamentos vigente neste contexto atual podem construir uma vida de privilégios para alguns e para outros uma vida de privações e limitações? A interseccionalidade de corpos diversos causa o embate de intenções e a capacidade de identificação com cada lugar de fala, nisso o termo diversidade aflora e passa a se constituir como convite de debate interdisciplinar.

Por conta do viés de interseccionalidade da minha pesquisa, me inscrever na disciplina me pareceu algo natural (e não algo relacionado ao fato da disciplina ser ministrada pela minha orientadora, como alguns dos meus amigos imaginaram no momento da inscrição de disciplinas). Porém, a necessidade de expandir minha bibliografia (e meus horizontes) com um tema tão importante para a minha pesquisa se juntou ao meu interesse pessoal de ter contato com autorAs parecidas comigo, fez com que eu chegasse na primeira aula da disciplina com expectativas altíssimas para tudo que teríamos, estudaríamos e debateríamos ao longo do período.

Na maioria dos casos, quando pulamos em algo de cabeça com altas expectativas, as chances de que saíamos da situação decepcionados (ainda que apenas um pouco), são extremamente altas, mas não foi o caso.

Por conta do plano de aula separado por temas específicos e com leituras muito bem articuladas entre si, a disciplina me ajudou de uma maneira mais valiosa do que eu poderia esperar no começo do semestre, me fazendo olhar para o meu trabalho com novos olhos e a partir de uma nova perspectiva.

Em minha pesquisa venho me interessando pelo pensamento de Michel Foucault. Busco pensar a cidade, a arquitetura e, sobretudo, o urbanismo como um dispositivo de governo/poder que tem por objetivo último agir sobre os corpos, agir sobre as ações dos indivíduos, conduzir a conduta das diferentes populações com finalidade econômica e política. Portanto, em meu trabalho, a relação entre corpo, espaço e poder é fundamental. Neste sentido, minhas expectativas com a disciplina *Interseccionalidade, gênero e corpo-território*, a princípio, eram no aprofundamento da noção “corpo-território” (marcada pelo título da disciplina), na sua relação com as políticas espaciais e com as tramas do poder. No entanto, com o desenvolvimento das aulas, as questões que eu trazia ganharam novos contornos, na medida em que as discussões em sala de aula foram mobilizando os outros temas previstos pelo curso: interseccionalidade e gênero. Embora eu tivesse alguma noção acerca da amplitude destes debates, eles me escapavam de diferentes maneiras. Mais do que isso, eles também repercutiam nos temas da minha pesquisa, o que me forçou/força a deslocamentos muito ricos. Posso dizer que terminei o curso de uma maneira bastante diferente de como entrei, e isso se deve aos movimentos que fui forçado a fazer para continuar a pensar o corpo, o espaço e o poder no domínio da arquitetura e do urbanismo.

Sendo artista, geógrafo e trans não-binária, optei por tema de minha tese estudar a produção do espaço urbano a partir de corpos dissidentes na arte de rua. A experiência do corpo na cidade é um tema que não apenas muito me interessa como também me é muito familiar. Quem já ouviu os versos sagazes e fervorosos que preenchem as rodas de slam, por exemplo, sabe do que estou falando. Na “cena”, ês artistas partem de suas próprias experiências para descrever a realidade urbana em que estão inseridos. A experiência da cidade é uma experiência corpórea. Foi partindo desse ponto, enquanto desenvolvía minha pesquisa, que a ementa da disciplina me interessou. Estava em busca de material que me ajudasse a relacionar a pesquisa em campo com conceitos que fossem capazes de dar conta da dimensão sensível do corpo enquanto categoria de análise. Isso porque, em se tratando de corpos dissidentes, é necessário uma abordagem interseccional, que seja capaz de situar as diferentes experiências conforme os diferentes recortes. A escolha da variação da palavra corpo é proposital, sendo um termo recorrentemente usado entre pessoas dissidentes como uma estratégia de realocação do protagonismo a partir da subversão da linguagem. Estamos falando aqui, portanto, de corpos negros, corpos trans, corpos PCD, corpos periféricos, corpos marginalizados. Como a ementa trazia uma bibliografia que se propunha a abordar justamente tais temas, eu estava animado para participar do debate.

Quando soube da criação da disciplina optativa *Interseccionalidades, gênero, corpo-território*, fiquei muito animada. Não somente porque a temática faz parte dos meus interesses de pesquisa, mas também porque acredito que é um tipo de conhecimento que deveria ser obrigatório. As alunas, alunos e alunes precisam compreender as desigualdades de gênero e suas interseccionalidades para terem melhores condições de atuar em prol de uma arquitetura e de um urbanismo mais justos.

Além disso, creio que essa discussão, em sala de aula, também pode ser um espaço de acolhimento para as alunas e de aprofundamento do entendimento sobre as desigualdades generificadas sofridas no cotidiano. Nesse sentido, penso que uma disciplina assim teria feito muita diferença na minha experiência de graduação. Não me lembro de, na época, pensar especificamente sobre as desigualdades de gênero nas questões urbanas, mas me recordo que sentia falta de mais exemplos de trabalhos de arquitetas nas disciplinas. Essa falta de representatividade me desestimulava a acreditar que seria possível, um dia, ter espaço no mundo profissional sendo uma mulher.

Estimulada por todas essas reflexões, resolvi, mesmo já tendo concluído a graduação e o mestrado, participar da disciplina *Interseccionalidades, gênero, corpo-território*, tanto para aprofundar meus conhecimentos, como para observar a experiência da turma.

A faculdade tem desempenhado um importante papel em direção ao autoconhecimento, estimulando uma visão crítica não só sobre o entorno que nos cerca, mas especialmente sobre o que preenche o interior e constitui o ser capaz de interferir no espaço físico. Esse processo tem provocado um despertar para o encontro comigo mesma, entendendo e buscando me reconhecer e me estabelecer enquanto uma mulher preta, em um contexto urbano-social, muitas vezes, de desvalorização e falta de oportunidades. O contato com a disciplina Seminário Avançado IV aguça profundas reflexões sobre o ser, compreendendo a complexidade social que o envolve, propiciando assim, instrumentos para construção de repertórios reflexivos, e principalmente, novos sentidos que permitem experienciar, expandir e fundamentar novas formulações através da internalização de uma nova forma de pensar que desconstrói certas concretudes preestabelecidas. Tudo isso a partir do caráter corpóreo expresso na relação interpessoal entre um corpo para com outro corpo e de um mesmo corpo com o meio em que se vive.

3 **toró de reflexões**

autoria coletiva

Essa parte do livro visa apresentar as principais reflexões da turma que foram suscitadas pelas leituras em cada aula. A aula que tratou do **Tema 7, Pelo espaço: por uma nova política da espacialidade**, foi organizada de modo que todas, todos e todes estudantes pudessem destacar trechos do livro de Dorren Massey (2008) no quadro em sala. Essa foi uma dinâmica de aula que a turma se sentiu à vontade de pautar os assuntos e a recorrer de forma explícita às suas dificuldades sobre determinados conceitos e análises sobre espaço. Mas outros textos das aulas dos **temas 2 e 8 sobre Feminilidade e mulheridade: questões da heteronormatividade e Familismo e construções de gênero**, respectivamente, foram os que mais mexeram com a subjetividade. Questões como transfobia, feminismo radical, racismo, assistencialismo, projetos de moradia versus família heteronormativa, foram assuntos mais polemizados e questionados. As discussões, perguntas e dúvidas detonadas pelos textos também trouxeram novas questões para mim, não só do ponto de vista conceitual, mas geracional, as interpretações e vivências de estudantes mais jovens, sobretudo, aqueles que não se identificam com o binarismo de gênero. As grandes contradições entre luta, identidade, prática e performance, interesses de gênero e reconhecimento. A confrontação entre Paul Preciado e Claire Heuchan foi um dos momentos mais interessantes de debate com a turma. Foi um fazer junto, ali no calor do toró de reflexões.

O movimento de debruçar sobre os textos, num aguardo da manifestação da turma, antes mesmo que o docente se manifeste, dando o tom da aula e o direcionamento do que deve ser focado, permite que também nos surpreendamos, sem filtros, com as interpretações e questionamentos. Permitir o desconforto da professora, foi o abismo que topei enfrentar no meio do processo. Menos anotações e mais escutas. A escuta sem escudo talvez seja um desafio tradicional de professores, lembrando a partir dessa afirmação de minha experiência como aluna e também como educadora – inclusive tendo sido educadora popular, por alguns anos. Nesses 20 anos dedicados à educação, percebi como o silêncio desloca, como há uma pressão pelo seu preenchimento com conteúdo e opiniões. Para termos uma conexão com o universo do outro, se faz necessário a escuta, sermos escutadeiras (DINIZ, 2022), pois ela nos desloca das nossas certezas e no coloca no espaço da vivência radical e mais profunda. Falar, palestrar, comunicar são nossas ferramentas de ensino, que quase nos conduzem a um estado de transe, fechado em nós mesmos, nas nossas certezas vividas. Para o feminismo, o exercício da fala, e também da escuta, é revolucionário. Isso porque “o mundo patriarcal hierarquiza o ouvir, hierarquiza as falas, hierarquiza os sujeitos que falam” (GEBARA, 2022, p.25).

Nesse sentido, uma prática que tivemos, no Bloco 1 e em parte do Bloco 2, foi iniciar as aulas com alguma música que dialogasse com o tema das aulas. Essa ideia surgiu de experiências de extensão durante a pandemia, na organização de cursos com professoras do Serviço Social¹. Como um “abrir os poros” através da música, um momento de conexão com a presença em sala e com os objetivos da aula. A escuta de uma música também foi utilizada em exercício realizado em sala. Trataremos desse caso, no próximo capítulo.

1 CARDOSO, Isabel; FARAGE, Eblin; BRANDT, Daniele.; HELFREICH, Francine.; OLIVEIRA, Ana C. *Direito à cidade, território e educação popular: os sujeitos e a dimensão pedagógica dos saberes e das lutas*. Rio de Janeiro: UERJ e UFF, 2021 (Curso de extensão oferecido online).

Músicas escutadas na disciplina

Francisco, el Hombre - **Triste, louca ou má** [Álbum SOLTASBRUXAS]
2016

Luedji Luna - **Um corpo no mundo** [Álbum Um Corpo no Mundo]
2017

Martinho da Vila - **Mulheres** [Álbum Tá Delícia, Tá Gostoso]
1995

Nelson Gonçalves - **Ai! que saudade da Amélia** [Mário Lago - letra e
Ataulfo Alves - revisão e música]
1942

Pepeu Gomes - **Masculino e Feminino** [Álbum Masculino e Feminino]
1983

Rita Lee e Zélia Ducan - **Pagu** [Álbum 3001]
2000

Samba Enredo da Mangueira de 2019 - **Histórias Para Ninar Gente Grande** [Composição: Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira, Danilo Firmino, Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo]
2019

O que foi mais significativo?

Como foi o processo?

“Pessoa padrão”

- *Em meados do século passado, Simone de Beauvoir já desmontou esta ideia da possibilidade do humano universal como sendo representativo tanto do homem quanto da mulher. Mais do que isso, apontou para a questão relacional: o homem entendido como padrão normativo de humanidade e a mulher entendida puramente em relação a ele (HEUCHAN, 2018).*
- *O planejamento urbano e de mobilidade, ao contrário do que se pensa, não produz espaços neutros, mas sim espaços estruturados para apoiar e facilitar as formas familiares patriarcais, o trabalho produtivo (em particular dos homens) e a manutenção dos papéis tradicionais de gênero (KERN, 2021).*
- *Sistemas de mobilidade urbana não consideram os diferentes padrões de deslocamento entre homens e mulheres e mantém invisíveis as diferenças entre os papéis ligados ao trabalho produtivo e ao trabalho reprodutivo e de cuidados.*

- Clarisse Linke

Gênero é uma categoria estruturante em nossa sociedade. O problema não é a diferenciação entre gêneros, mas sua instrumentalização para opressão. Preciado estabelece a epistemologia como a “própria condição de um regime de representação” (PRECIADO, 2021). A epistemologia em vigor hoje teria suas raízes no período colonial, na diferenciação biopolítica, entre corpos: masculino e feminino, heterossexual e homossexual, branco e não branco, civilizado e não civilizado. Vivemos em uma época em que a divisão política nunca esteve mais contestada.

A ciência e a filosofia haviam construído o corpo como objeto de estudo e de discurso. A nova epistemologia propõe o corpo como sujeito: “A prática artística, não pensada como arte de galeria, mas pensada como prática conceitual radicalmente experimental na qual os corpos como objeto de poder começaram a ser também o espaço de uma invenção possível, como a fabricação de um corpo revolucionário.” (PRECIADO, 2021). - Camila Gavazzi

Debate epistemológico (produção do conhecimento)

X

Debate semiológico (produção do sentido/significado)

O mais signifi-

cativo nas aulas, foi justamente o olhar sobre

a teoria como produto da prática. Teoria essa que partiu da vivên-

cia e da experiência prática de cada indivíduo, com suas singularidades e par-

ticularidades, e que serve para balizar a própria concepção prática. Contraditoriamente,

neste caso, no campo da arquitetura e do urbanismo – formação extremamente técnica – a teoria não tem a pretensão de gerar um produto final, tem na própria mudança do pensamento a produção prática que se reflete nas ações e conseqüentemente na construção projetual.

A bibliografia trazida pela disciplina e também construída em conjunto com a turma, trouxe a oportunidade de interação entre as diferentes identidades, numa troca saudável de opiniões e experiências calcadas sobre temas sensíveis como as reflexões sobre gênero, raça, diversidade, desigualdades e suas implicações na vida e no espaço urbano cotidiano de cada um, caráter esse, que constitui a originalidade. - Marcele Figueiredo

Quais foram os melhores momentos?

O processo é excluído da prática acadêmica - ênfase em produtos e resultados palpáveis, fechados - Epistemicídio - “defendemos a validade das experiências como conhecimentos situados constituintes do projeto intelectual emancipatório, que a boa ciência está ancorada na parcialidade, na provisoriedade, na instrumentalidade teórica, sem finitude característica do homem moderno heteropatriarcal.” (AKOTIRENE, 2019, p. 50) - Para Donna Haraway, o “tornar-se mulher” significa ser sujeito-em-processo (HARAWAY, 1995, p. 221). Queremos o rompimento com a lógica imediatista do conhecimento, queremos assumir sua natureza fluida.

- Camila Gavazzi

Como foi o processo?

**Para
ir contra este
projeto hegemônico
capitalista, para alcançarmos uma cidade que tenha
à frente a possibilidade de uma
trajetória antirracista e feminista,
prescindimos de processos dialógicos
que incitem mudanças mais radicais nos
conceitos e nas práticas do planejamento
urbano. Um planejamento que não apenas
apare as arestas das políticas públicas e
dos espaços existentes, mas que avance
com soluções transformadoras, resultan-
do em cidades seguras, confiáveis, nas
quais as atividades relacionadas aos
cuidados sejam socializadas e me-
nos exaustivas, e que incorporem
arranjos espaciais para acolher
as diversas mulheres e suas
diversas escolhas. -**

Clarisse Linke

“No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos - teóricos e fabricados - de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política.” (HARAWAY, 2013, p. 37) Ser qualquer coisa hoje vem com uma carga política, simbólica, social, etc, algo artificial, não biológico, portanto máquina. Não existe essência, somos agora acoplados de categorias que se metamorfoseiam com as reações químicas entre si. Como discutido em sala de aula, podemos aplicar a visão espectral de gênero para outras áreas, de forma a nos opor à ficção da coerência, limites fechados e bem definidos. Estamos vivendo o período de superação dos limites impostos, das ficções, dos lugares criados para nos oprimir, sejam eles, a heterossexualidade, a classe, a raça, o gênero ou qualquer outra diferenciação categorial. Não se trata de negar a diferença, mas de superar a sua determinação no destino dos seres. - Camila Gavazzi

O que foi mais significativo?

- O conceito de neoliberalismo se desvelou e se mostrou como um dos principais influenciadores do *modus operandi* da atualidade.
- O que é política? Existem várias definições e para cada termo a língua inglesa determina um diferente significado.

Politics - Política em termos de governo, organizações que fazem as leis de um país. Sobre todo o processo político envolvendo seus conflitos, objetivos, conteúdo, distribuição de poder e recursos públicos.

Policy - se refere a um plano ou a um conjunto de ideias, um acordo. Pode ser em um negócio, pode ser do próprio governo.

- Gabriel Marinho

***“Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão
Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas a minha cobra
Hum hum hum hum
Minha força não é bruta
Não sou freira, nem sou puta
Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda”***

***Composição de Rita Lee e Zélia Duncan,
lançada em 2000, no álbum intitulado
3001, pela, também cantora, Rita Lee.***

Como foi o processo?

Para

Donna Haraway

(2000), o ciborgue torna-se uma metáfora para a interseccionalidade entre o humano e a máquina. Dentro de um olhar antropológico, que se debruça sobre o humano em todas as suas complexidades, o feminismo como reflexão para um ser humano promíscuo devido suas relações cada vez mais comprometidas com máquinas, propõe uma visão utópica, mas em constante e progressivo andamento. - Gabriel Marinho

Os melhores momentos para mim, foram marcados pelos estímulos sonoros em conjunto com as atividades de expressão gráfica a mão livre desenvolvidas em sala. Dentre as análises dinâmicas através das músicas ouvidas, se destacam: a música “Pagu” de Rita Lee e a música “Triste, louca ou má” de Francisco, el Hombre.

- Marcele Figueiredo

Num trecho da música “Pagu”, Rita Lee expressa poeticamente a força da mulher contra toda sociedade patriarcal que em tempos históricos reprimiu e recalçou o pensamento livre, os desejos e as expressões de pensamentos que não fossem de acordo com o conservadorismo vigente. Muitas foram feitas mártires a partir de sua simples expressão de ideia ou estilo de vida. A estereotipização da mulher é alvo de profundo ataque. “Ser carvão”, na música, também representa a capacidade de não morrer, mesmo que outros a joguem na fogueira. Também há a grande ideia de trazer mais um contraponto: se Deus dá asas à cobra, para Rita Lee sua expressão no mundo não deve ser reprimida e logo, a mentalidade religiosa da igreja em tempos de inquisição não condiz com a ideia divina. Para a cantora, Deus não é repressor, nem mesmo vê as mulheres a partir da visão dos homens.

- Marcele Figueiredo

Quais foram os melhores momentos?

Num trecho da música “Triste, louca ou má” de Francisco, el Hombre, a crítica voltada para a estruturação da família dá a voz a expressividade feminista em sua potência e vontade emancipatória. O homem, o lar, a família, os filhos e o ser mãe estão entrelaçados diretamente com a figura e lugar da mulher. A voz e grito de emancipação só podem ser entendidos pelas próprias vozes feministas, que através de suas experiências e vivências podem chegar a momentos onde o sentimento de aprisionamento cresce tão forte que acaba se tornando um sufoco do ser. “Há muitos para definir e poucos para se colocar no lugar” esta é uma das conclusões deste processo. O cuidado familiar e reprodutivo, centralizado na figura da mulher, acaba por vezes limitando-a e restringindo-a a exercer apenas esse papel, não sendo vista, dessa forma, como um ser individual. A música evidencia a inquietação das mulheres quanto aos “enquadros sociais” em que são colocadas socialmente, provocados por suas insubordinações a esse padrão de classificação. - Marcele Figueiredo

Como foi o processo?

*“Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar.”*

Composição de Ju Strassacapa, cantora da banda Francisco el Hombre

*Segundo a
visão do Manifesto Ciborgue: “A máquina
coincide conosco, com nossos processos; ela é um aspecto de
nossa corporificação. Podemos ser responsáveis pelas máquinas; elas não
nos dominam ou nos ameaçam. Nós somos responsáveis pelas fronteiras; nós somos
essas fronteiras.” (HARAWAY, 2000, p. 97) Essa perspectiva revela que, na verdade, temos
controle sobre o que construímos e criamos, apesar de nossa fragilidade como humanos com
vícios e dependências extremas da tecnologia. E sobre o sexo, a intercecção entre humano e
máquina se assemelha: “Podíamos extrair intenso prazer das máquinas apenas ao custo de
estarmos fora de lugar e mesmo assim com a desculpa de que se tratava, afinal, de uma
atividade orgânica, apropriada às mulheres. Ciborgues podem expressar de forma
mais séria o aspecto – algumas vezes, parcial, fluido – do sexo e da
corporificação sexual.” (HARAWAY, 2000, p. 97)*
- Gabriel Marinho

O que foi mais significativo?

Como foi o processo?

Na minha avaliação, a disciplina Interseccionalidades, gênero, corpo-território foi bem sucedida dentro do que se propôs a realizar em um semestre de aulas, ainda mais considerando a complexidade e a extensão dos temas tratados e lembrando também que eles não costumam ser abordados no campo da arquitetura e do urbanismo. Por conta disso, acredito que o Módulo 1 foi especialmente importante, uma vez que ele buscou apresentar algumas discussões mais gerais e amplas sobre as teorias feministas e o conceito de gênero para dar suporte à turma, em função dos diferentes acúmulos a respeito dos temas, e possibilitar a posterior complexificação dos debates, em conjunto com as questões arquitetônicas e urbanas.

Inclusive, tenho a impressão de que a turma participou mais ativamente e espontaneamente das discussões propostas neste módulo. Não sei se foi pela animação de início de período ou por algum outro motivo, mas, na minha lembrança, as aulas com mais questionamentos vindos da turma foram justamente as primeiras, intituladas Sobre mulheres, gênero ou feminismo? e Feminilidade e mulheridade: questões da heteronormatividade. Por conta disso, essas também foram duas das melhores aulas da disciplina para mim. Foi muito interessante assistir a turma tentando chegar em consensos sobre as diferenças entre as palavras mulher, gênero e feminismo e sobre as diversas teorias feministas existentes, que tanto tem pontos em comum, como de divergência. Com isso, acho que ficou claro para os presentes o quanto esses temas são difíceis e complexos e não possuem respostas simples.

- Livia Sampaio

Outra aula

que me marcou foi a ministrada pelo

estagiário docente, Ricardo Paixão, onde discutimos o livro

Cidade Feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por ho-

mens (2021) da Leslie Kern. Além de gostar bastante deste livro, duas questões da

dinâmica da aula me chamaram a atenção. A primeira foi que o livro não foi dividido entre

as alunas, alunos e alunas de maneira que todos os capítulos fossem necessariamente contemplados, como geralmente é feito nestes tipos de dinâmica. Cada pessoa teve a liberdade de escolher ler o capítulo que mais lhe interessou naquele momento. Ou seja, várias alunas, alunos e alunas poderiam ler o mesmo e algum capítulo poderia ficar de fora da aula. Para mim, isso foi ótimo porque deu autonomia para cada pessoa decidir o que fazia mais sentido para as suas próprias investigações e vontades, proporcionando uma maior chance da tarefa ser proveitosa. A segunda questão que quero trazer foi a dinâmica de criação, após a discussão dos capítulos deste livro, de um cartaz que deveria mostrar como seria uma cidade feminista para nós. Durante a tarefa, que foi feita em conjunto pela turma, encontramos dificuldade para escolher elementos que pudessem representar isso e, desta forma, avalio que o exercício serviu para mostrar, na prática, como é complexo encontrar todas as soluções necessárias para construir essa cidade ideal. - Livia

Sampaio

Quais foram os melhores momentos?

Questionamentos

No que consiste a dissolução da ideia de sociedade?

O que é o recesso da democracia?

A teoria pode ser tirada da prática e vice-versa?

É possível pensar o projeto de arquitetura de forma teórica?

Como dar conta das questões ambientais relacionadas ao urbanismo com o avanço do capitalismo?

As fronteiras do público e privado se resumem somente a rua x casa?

- Gabriel Marinho

Como foi o processo?

Outra experiência marcante foi ver a disciplina acontecendo de fato, depois de ter estado presente em reuniões que a Rossana fez com o coletivo-grupo de pesquisa Urb.Anas para discutir e planejar a criação dela. Foi muito bom presenciar o nascimento de uma nova disciplina, ainda mais uma com essa temática. Nesse sentido, também foi significativo, para mim, estar em sala realizando anotações para gerar dados para este livro, uma vez que já sabíamos desde o início sobre este projeto. Creio que tudo isso me ajudou a apurar a minha percepção sobre a atividade docente.

- Lívia Sampaio

Quero destacar também que alguns homens se inscreveram e participaram da disciplina, o que considero positivo porque muitas vezes em atividades desse tipo somente mulheres e/ou pessoas não-binárias comparecem e eu acredito que é extremamente necessário que os homens também busquem informação sobre gênero e/ou feminismo – e a sala de aula é um ótimo espaço para isso. Desse modo, penso que a disciplina Interseccionalidades, gênero, corpo-território foi uma experiência fundamental para a EAU/UFF e espero que ela seja oferecida muitas vezes ainda. Para mim, foi uma felicidade imensa poder participar deste momento, que considero muito importante para a história da faculdade. Em vista disso, acredito que a publicação deste livro é também algo muito relevante, uma vez que, além de registrar esta experiência,

também pode ser uma ferramenta bastante útil para inspirar e colaborar com outras, outros e outras docentes que queiram construir disciplinas com essas temáticas.

Por fim, com o intuito de tentar demonstrar o que foi essa vivência, de outras maneiras para além do texto, desenhei a ilustração abaixo logo que terminei de escrever essas reflexões.

- Lívia Sampaio



Imagem: Conversas sobre urbanismo feminista, de Lívia Perfeito Sampaio.

O que foi mais significativo?

Falando sobre dinâmicas de sala de aula, também gostei de uma dinâmica que a Rossana fez na aula Potência feminista pelo corpo-território, onde as alunas, alunos e alunes escreveram no quadro uma frase dos textos lidos para, posteriormente, comentarem com a turma, com o objetivo de gerar debates. Acho que foi uma boa maneira de estimular que todas as pessoas falassem durante a aula, o que acredito ser uma prática importante para encorajar, especialmente, a participação das alunas, tendo em vista que ainda hoje as mulheres não costumam ser socializadas para falar em público e acreditarem nas suas próprias ideias. - Lívia Sampaio

Feminismo decolonial

- **Narrativas hegemônicas: resultado da tríade modernidade ocidental eurocêntrica-capitalismo-colonialismo** (Ochy Curiel, 2020).
- **Feminismo decolonial: possibilidade de produção de uma nova compreensão acerca das relações globais e locais.**
- **O ponto de partida do feminismo decolonial possibilita questionar as narrativas da historiografia oficial, reconhecer outros saberes locais subalternizados e entender as narrativas a partir do entrelaçamento entre raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica.**
- **Planejamento com olhar sensível: um ponto de partida ético fundamental de Curiel (2000); que tem convergências com o lugar de fala de Djamila Ribeiro (2017) ou lugar de enunciação de Donna Haraway (apud CURIEL, 2000).**
- **“O posicionamento das mulheres afro-americanas não é o mesmo do de outras mulheres de cor, cada condição de opressão requer análise específica [...]” (HARAWAY, 2004, p.243).** - Clarisse Linke

Como foi o processo?

*Assim
como as cidades
que estudo são plurais, a disciplina foi algo plural. Não só por possibilitar leituras que fogem completamente ao padrão das outras disciplinas, mas também por proporcionar debates que nos fazem ver as mesmas questões com outros olhos e ouvir novas vivências. Em um ambiente que nos possibilita a troca de experiências, a possibilidade de conseguir ver um pouco mais da cidade do outro me permitiu compreender um pouco melhor as diferentes experiências com a cidade que me rodeia, algo que me vem sendo extremamente valioso no que diz respeito a entender os diferentes olhares sobre um mesmo objeto de estudo: as cidades.* - Giovanna M. Costa

A subjetividade não é mera abstração. Tem materialidade, concretude, é fruto de nossas sínteses, mesmo que não concluídas (e há conclusão?). Devemos questionar a invalidação da subjetividade. A quem incomoda o demorar-se, o refletir?

Indisciplina - superação de binários, transgressões epistemológicas

O debate da interseccionalidade não é mero somatório, mas o reconhecimento da inseparabilidade das categorias de raça, gênero, classe, etc, no entendimento de fenômenos sociais. Quando consideradas em conjunto produzem leituras mais apuradas/ críticas da realidade. “Universalizante e deliberada, a sororidade dá a falsa impressão de existir empatia e homogeneidade de posicionamento terceiro-mundista, africano e estadunidense contra o colonialismo moderno.” (AKOTIRENE, 2019, p. 45)

- Camila Gavazzi

Quais foram os melhores momentos?

Nas aulas, o que mais foi significativo foram as diferentes trocas de ideias, partindo de bibliografias bem fundamentadas. Também foi muito produtivo fazer destaques de frases que chamaram mais atenção, elucidando nossa interpretação e opinião pessoal sobre o que destacamos. As reflexões sobre gênero, espaço, demarcações de espaço no imaginário coletivo, implicações pessoais, significações pessoais e uma variedade de lugares de falas que acompanham a diversidade de gêneros.

- Gabriel Marinho

- O trabalho dos assistentes sociais e arquitetos está ligado ao diálogo entre as necessidades das pessoas e sua identificação com a arquitetura e urbanismo.
- A diferença entre o debate epistemológico (conhecimento) e semiológico (simbologia).
- São Gonçalo para as mulheres é diferente da São Gonçalo para os homens.
- Ao resgatar um conhecimento primário que é dado nas faculdades de arquitetura e urbanismo, a pergunta “qual a diferença entre conceito e partido?” despertou reflexões diversas para cada sobre o tema.
- A teoria é tão importante quanto a prática.

- Gabriel Marinho

Como foi o processo?

Trabalho reprodutivo

Visão do feminismo marxista: o trabalho reprodutivo está ausente da reflexão sobre como a força de trabalho é produzida e mantida! Ignora-se o entrelaçamento entre trabalho produtivo e reprodutivo que faz com que a base material da opressão às mulheres esteja amarrada ao sistema como um todo (BHATTACHARYA, 2013). Mobilidade urbana: deslocamentos diários das mulheres não são definidos prioritariamente em função de seus papéis em torno do trabalho produtivo, mas sim do trabalho reprodutivo e de cuidados.

Estudos em diferentes países e realidades demonstram que um dia típico na vida das mulheres envolve viagens mais curtas, frequentes, horários variados e dispersos, muitas vezes fora do pico. Homens tendem a fazer viagens mais lineares e pendulares, entre casa e trabalho, e tendem a viajar mais de carro e moto.

A mobilidade a pé e o transporte público têm centralidade nas vidas das mulheres, em todas as dimensões de sua existência: trabalhar, transportar filhos, estudar, passear, fazer compras, ir ao posto de saúde etc. Para aquelas que moram na periferia, o transporte público é ainda mais relevante, já que viabiliza o acesso às oportunidades de trabalho e estudo que estão concentradas em poucas centralidades.

A conveniência dos serviços de transporte público é fundamental para garantir as viagens encadeadas das mulheres. É preciso contar com a pontualidade, previsibilidade e flexibilidade dos serviços, proximidade ao sistema, conforto, segurança e integrações que não onerem o custo e não aumentem o tempo de viagem.

- Clarisse Linke

Que espacialidade cria o corpo que é território?
Direito à cidade, mas não à cidade capitalista. A revolução urbana precede o direito urbano. Assim como o direito à terra.
[contraponto]

O neoliberalismo dissolve a ideia de sociedade: “Não existe essa coisa de sociedade, o que há e sempre haverá são indivíduos.” (THATCHER, 1993, p. 626)¹
- Camila Gavazzi.

Perspectiva interseccional

E de que mulher estamos falando? Para além da problemática do homem entendido como padrão universal, temos a tendência a identificar a demanda das feministas do século XX como sendo representativas das demandas de todas as mulheres. Esta mulher, todavia, é branca, e seus interesses não são universais, de modo que este é um feminismo liberal que forja sororidades a partir de gênero somente, mas mantém o status quo de indiferença em relação à violência sofrida pelas mulheres de cor (hooks, 2019).

Agenda global da mobilidade urbana: captura da agenda feminista, alinhada às demandas do feminismo liberal, mais palatáveis para qualificar as narrativas em torno do futuro da mobilidade com garantias para a continuação e consolidação do modelo extrativista do capital.

Interseccionalidade e seus debates: perspectiva que amplia e aprofunda o entendimento da vida e do comportamento humano, catalisando novas interpretações, fomentando novas questões e áreas de investigação e fornecendo novas direções para repensar áreas de uma disciplina tradicional (Collins, 2021). Abordagem com relevância estratégica, que pode ser vista como uma oportunidade de formar coalizões e solidariedades políticas em prol dos oprimidos por gênero, raça, classe, sexualidade ou território (Akotirene, 2019). Mas, também, uma abordagem pertencente a uma epistemologia do século XV, fazendo com que o processo político de lutas identitárias mantenha a discussão no interior da sociedade dominante, e que para a revolução real seria necessário “desmontar a infraestrutura epistemológica do patriarcado colonial e capitalista” (Preciado, 2021, p.15). Ou como nos ensinou Audre Lorde em uma conferência em 1979, “as ferramentas do mestre não irão desmantelar a casa do mestre”.

- Clarisse Linke

Precisamos pensar uma cidade feminista.

Françoise Choay (1979) chama Marx e Engels de “Utópicos sem modelo”, já que defendem que não adianta propor um modelo à priori de cidade que irá resolver os problemas sociais latentes que enfrentamos. A cidade é a sua sociedade, o acúmulo da sua história e o reflexo de sua realidade. Um projeto pode, na melhor das hipóteses dar uma base reformista, uma resposta a um problema mais imediato, mas nunca a solução. É o caso por exemplo dos vagões rosa, que não resolvem o problema do machismo e do assédio, não muda quase nada estruturalmente, mas é essencial para as mulheres que o frequentam e tem, naquele período dos seus dias, um pouco mais de tranquilidade em seus trajetos. - Camila Gavazzi

¹ É bom frisar que aqui as ideias sobre sociedade e indivíduos apresentada pela estudante a partir de Thatcher são discordantes do conceito de direito à cidade, segundo Henri Lefebvre.

Quais foram os melhores momentos?

Como foi o processo?

“A conjunção das palavras corpo-território fala por si mesma, diz que é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem” (GAGO, 2020, p.107).

Uma artista cubana que é referência para mim e pensei em incluir ao falar de corpo-território:

“A materialidade e crueza de um corpo nu, transfigurado e muitas vezes deformado, como aparece nas obras dela, vêm para comunicar justamente a transcendência de uma alma que clama pelo espaço, visibilidade e sensibilidade de sua existência. Por carregar as marcas em si, o corpo de Ana fala sem rodeios, de forma altamente visual, direta e passional.” (COELHO, 2017).

- Camila Gavazzi.

Ana Mendieta - Silueta Series (1973 - 1977)



Os melhores momentos para mim foram relacionados às dinâmicas de reflexão com ajuda de outros suportes e mídias. Na aula, que foi passado o videoclipe “Um Corpo no Mundo” de Luedji Luna, foi marcante pela arte exposta, de um corpo tão marginalizado pela cor e todo o estereótipo.

Um trecho de “Um Corpo no Mundo” de Luedji Luna enquadra a vivência individual do seu corpo no mundo e seus significados:

***“Atravessei o mar
Um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração
Um adeus
Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte”***

A força que os marginalizados encontram é profundamente enraizada em sua insistência por vencer. O correr atrás, o não desistir dos sonhos e outras frases tidas como clichês fazem parte da brasilidade que “não desiste nunca”.

- Gabriel Marinho

O que foi mais significativo?

Um trecho da música “Sujeito de Sorte” de Belchior, ilustra a brasilidade do lutar e insistir em lutar, dia após dia:

*“Presentemente, eu posso me
Considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço
Me sinto são, e salvo, e forte
E tenho comigo pensado
Deus é Brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer
No ano passado
Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro”*

- Gabriel Marinho

Relatar expectativas e experiências é sempre algo complicado para mim. Sinto que eu sou uma pessoa que ao mesmo tempo que tento não criar expectativas, eu espero muito de mim o tempo todo. Principalmente no que diz respeito à minha vida acadêmica. Desde o começo da minha vida escolar, eu tive metas e objetivos muito claros e específicos. Passei a graduação inteira seguindo a mesma ideia, tendo meus objetivos definidos desde o começo e riscando itens conforme os semestres iam passando. Basicamente, eu era o pior pesadelo da minha orientadora (que coincidentemente é a Rossana, organizadora deste livro) e sempre quis “abraçar o mundo com os braços e as pernas”. Aprendi apenas no final do curso de Arquitetura e Urbanismo que não tem problema nenhum em não produzir o tempo todo, e que é saudável dar um passo para trás ocasionalmente.

- Giovanna M. Costa

Como foi o processo?

Partindo da divisão de 3 módulos (1. Abordagens sobre gênero e interseccionalidade, 2. Sobre corpo, espaço e território; e 3. Moldando epistemologias pelo espaço), pudemos ter diversos debates sobre assuntos que geralmente não são abordados na Academia. Debates estes que culminaram em atividades de “encerramento” completamente descontraídas e que, ainda assim, nos fazem refletir sobre coisas basicamente entranhadas na nossa existência como seres humanos, enquanto nos faz ver que essas experiências são, simultaneamente, unicamente nossas e semelhantes às de nossos colegas. - Giovanna M. Costa

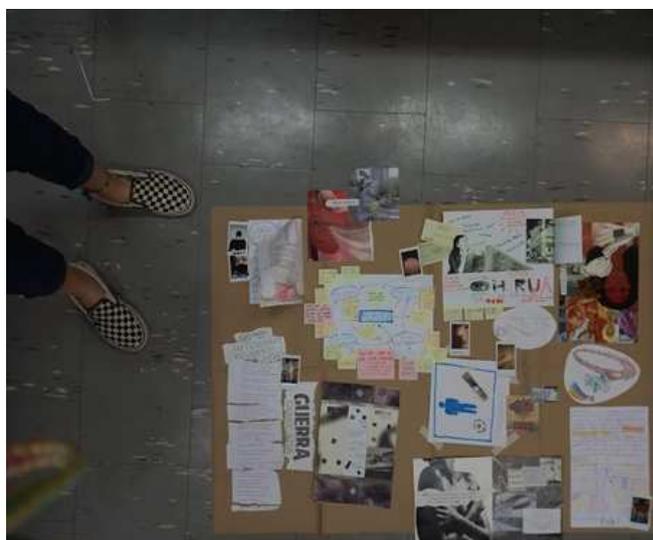


Foto de Giovanna M. Costa

Quais foram os melhores momentos?

Admito, perdi as 3 primeiras aulas. Eu nunca tinha cursado nada em arquitetura, não estava familiarizada com os prédios, as salas, e sim, eu me perdi. Pra ser honesto, eu estava numa fase difícil durante aquele período. Tinha sido assaltada algumas semanas antes, o que foi uma experiência bastante traumática (olha aí o tema da experiência de um corpo vulnerável na cidade vindo à tona, mais uma vez). Na primeira semana eu não fui. Na segunda semana eu fui ao campus assistir a aula, mas chegando lá eu não me lembrava em qual sala seria (menos ainda em qual prédio a tal sala ficava). Estava sem acesso a telefone para buscar as informações no e-mail, ainda tentei perguntar onde acontecia a aula, mas não descobri, e tive que voltar pra casa. - Jess de Oliveira

Como foi o processo?

Foi com a mentalidade de dar um passo atrás na minha pesquisa e entender melhor certos conceitos fundamentais não só para a minha pesquisa, mas para a minha vivência na cidade. Mas é claro que certos traços de personalidade não mudam, então eu também tinha objetivos. E quando eu me inscrevi na disciplina, não foi como uma “obrigação moral” porque a disciplina estava sendo ofertada pela minha orientadora.

Não.

Meu principal objetivo era aumentar a bibliografia do meu trabalho, com novas autorAs.

- Giovanna M. Costa

***C o m o
mulher e pesqui-
sadora, sempre possuo o in-
teresse de criar um repertório de
referências que são um pouco mais pa-
recidas comigo. Escrever sobre as cidades
com um olhar fundamentado por outras
pesquisadoras que escrevem sobre cidades,
tentando ter um olhar “não viciado” em olha-
res que não correspondem aos meus, como
no caso de autores clássicos dos temas que
estudo (já que a grande maioria desses
são homens, brancos e do hemisfé-
rio norte).***

- Giovanna M. Costa

Geralmente gosto das primeiras aulas e acho bastante importante porque nelas parecem estar os traços mais gerais do curso, as sínteses mais amplas, as visões panorâmicas sobre os temas que iremos tratar ao longo do curso. Então, destaco as conversas sobre a organização da disciplina, sobre a metodologia e, a partir disto, poder compreender, de uma maneira esquemática, a ligação dos temas entre si. A visão geral da história das teorias feministas e as abordagens sobre gênero e interseccionalidade, suas implicações políticas e sociais. Depois, de que maneira é possível pensar esses temas em relação aos problemas ligados ao corpo, espaço e território. E com o aprofundamento dos trabalhos em aula - e este me pareceu ser um dos exercícios mais fecundos -, pensar a cidade a partir dos problemas de gênero, da mulher, a abordagem interseccional no domínio do urbano. Portanto, estivemos diante de problemas fundamentais que buscam discutir a estrutura social e urbana, mas também, o modo como nossas cidades são investidas estrategicamente pelo poder.

- Hugo Cunha

O que foi mais significativo?

Essa necessidade de novos olhares parte do princípio que, particularmente, considero impossível escrever sobre qualquer assunto sem que nossas experiências pessoais transbordem ao menos um pouco das palavras. Acredito que moldamos as palavras que escrevemos do mesmo jeito que um escultor molda a argila, nós deixamos um pedaço de nós em nossos textos, quase como se nossos textos fossem páginas de um diário pessoal.

Ainda mais em um contexto como o das cidades em que vivemos, onde cada indivíduo possui uma experiência diferente de acordo com sua localidade, seu gênero, sua sexualidade, sua raça, sua cultura... É possível dizer que ao escrever sobre uma cidade em específico, escrevemos sobre diferentes cidades, ainda que todas elas tenham o mesmo nome. - Giovanna M. Costa

Como foi o processo?

Na aula seguinte (a quarta aula) eu consegui chegar a tempo, na sala certa, no horário certo. A turma já estava em debate desde a semana anterior, e não demorou muito pra entender a dinâmica da disciplina. Havia os textos a serem lidos previamente, e então a professora Rosana conduzia o debate em sala, mediando os temas com nossas próprias perspectivas, nossas próprias experiências. Eu, que não sou uma pessoa tímida, logo já estava familiarizada com as trocas. - Jess de Oliveira



Foto de Giovanna M. Costa

Eu sabia que o tema daquela aula seria Interseccionalidade, e embora não tivesse conseguido acessar o material online a tempo (como eu disse, acesso era algo que estava limitado dentro daquele contexto), me adiantei a ler o livro da Carla Akotirene, que por sorte eu tinha. Era interessante ser a única pessoa de graduação em geografia numa turma de arquitetos. É interessante perceber que mesmo que sejam cursos que dialoguem tanto entre si, as abordagens possam ser até bem distintas. Enquanto boa parte da turma trazia perspectivas sobre projetos, usos e funcionalidades dos espaços, eu (até pela minha própria especialização) acabava abordando mais território e dinâmicas sociais. De certa forma, falávamos sobre as mesmas coisas, mas de maneiras ligeiramente diferentes.

- Jess de Oliveira

Quais foram os melhores momentos?

Outro detalhe que me marcou muito foi o fato de eu ser a única pessoa trans na sala, predominada por mulheres cis. Os debates de gênero, por vezes, retornavam (por hábito) para uma questão binária: homem & mulher, homem VS mulher, homem OU mulher... Eu insistia em ampliar as discussões, tensionando os limites de gênero para além desse binarismo. Ainda assim, mesmo com todas as pontuações e todas as vezes em que me referi a mim mesma com pronomes neutros ou masculinos, segui sendo permanentemente lide e tratada como mulher até um dos últimos dias de aula, pela maior parte da turma. As microviolências que corpos cis não identificam. - Jess de Oliveira

Talvez eu tenha falado muito de mim no decorrer de toda a disciplina? Talvez. Mas como eu disse, eu sou artista da cena hip-hop, talvez esse seja um vício de linguagem. De qualquer forma, acho que foi, sei lá, bacana dessa forma. Lembro que em dado momento discutíamos sobre urbanismo feminista brasileiro, e como pensar a cidade a partir do feminismo era pensar uma cidade mais inclusiva. Isso foi no início de novembro. Naquela aula eu falei sobre o "tempo queer", e como que os referenciais de vida adulta são cisheteronormativos, o que organiza e impõe sistemas normativos, e diferencia muito a experiência LGBT na cidade, resultando em isolamento. A ordem urbana é também uma ordem moral, pontuamos.

- Jess de Oliveira

Como foi o processo?

E m muitos momentos de nossas aulas fiquei com a impressão de que estávamos a suspeitar da noção de "natureza humana", mesmo que isso não fosse dito claramente por nós. Creio que quase ninguém em sala de aula acreditava na ideia de uma essência humana de origem que permanecesse inalterada diante dos diferentes processos. Com isso, abre-se para a possibilidade de tornarmo-nos algo a ser inventado e construído. Tenho a impressão de que estas ideias nos aproximam muito da teoria queer. - Hugo Cunha

Acredito que muito do que discutimos em sala possa vir a contribuir para o alargamento dessas percepções para todes que ali estiveram presentes, mas de novo: a cidade é uma experiência corpórea; a sala de aula também é. E quando não se está familiarizado com existências plurais e corpos dissidentes, não é de se admirar certa falta de traquejo. Nem mesmo eu, sendo pessoa não-binária, lido naturalmente com a linguagem neutra. Não está no nosso vocabulário, no nosso cotidiano, é como se alfabetizar outra vez. Corpos dissidentes são escanteadas no cotidiano "comum", então a galera não tá alfabetizada a lidar conosco.

- Jess de Oliveira

O que foi mais significativo?

É a partir desse espírito de troca que tivemos durante todo o semestre que vejo minha pesquisa avançar de maneira valiosa, graças a disciplina com novas referências de teóricas, teóricos e teóricas (e não curiosamente, apenas uma dessas palavras ficou sem a marcação de erro ortográfico) que me falam de suas experiências, me sentindo um pouco mais preparada para abordar visões que diferem não só da minha, mas também diferem das visões de famosos teóricos homens, brancos e do hemisfério norte, que têm sido utilizados quase que religiosamente em todas as produções sobre o tema e fizeram parte da minha formação até o momento. - Giovanna M. Costa

Como foi o processo?

Em um dos primeiros textos que trabalhamos e discutimos na disciplina intitulado: “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra, de Donna Haraway (2004), me marcou as partes em que a autora mostra como o conceito de “gênero” nasce, sobretudo, como uma ferramenta de luta nas “múltiplas arenas”. Me interessou porque parece que não se trata de tentar classificar, descrever, enquadrar aquilo que seria o “gênero” íntimo dos diferentes corpos, ou seja, não se trata de buscar identificar os diferentes corpos a determinados gêneros. Mas ao contrário, através da formulação do conceito político de “gênero”, trata-se de questionar os sistemas históricos socialmente constituídos e seus mecanismos de diferenciação sexual em que “mulheres” e “homens” são distribuídos em posições fixadas em termos de hierarquia e antagonismo. - Hugo Cunha

Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. A teoria e a prática feminista em torno de gênero buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relação de hierarquia e antagonismo (HARAWAY, 2004, p. 211).

“Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta.”

Donna Haraway

Destaque de Hugo Cunha

Foram muito ricas as discussões críticas em sala de aula acerca do machismo que atravessa o tecido social. Inúmeras foram as vezes e de diferentes maneiras que, em nossos debates, apareciam a necessidade de criticar a organização, disposição e ordem dos elementos (discursivos e não-discursivos) que constituem o corpo social e que dão consistência ao poder patriarcal. E na medida em que os textos eram trabalhados e as rodas de conversa iam se desenvolvendo, os problemas ganhavam concretude na vida real de nós alunes, os casos concretos eram trazidos e podíamos discutir sobre problemas ligados diretamente as nossas experiências.

- Hugo Cunha

Quais foram os melhores momentos?

Como foi o processo?

E a bem da verdade, a moral privilegia corpos cis, heterossexuais, masculinos, brancos e de classes sociais bem favorecidas. Não é como se minhas contribuições tivessem sido as únicas que tensionavam a normatividade. E talvez eu esteja apenas me justificando pra não parecer pretensioso demais. Existe uma (sei lá) tendência humana de ser mais fortemente marcada pelos eventos e fatores que causam certo incômodo, e eu não poderia deixar de incluir nesse depoimento a minha experiência de pessoa trans discutindo feminismo. Mas além de honesto, eu sou justo (ou tento ser, eu sou só humano). A turma foi, o tempo inteiro, genuinamente acolhedora, e tudo que discutimos em sala engrandeceu minha experiência. E aqui eu coloco um ponto final porque estou falando de maneira ampla mesmo. Minha experiência acadêmica, minha experiência artística, minha experiência humana. E boa parte do material tratado em sala (fosse texto, fosse conversa) já virou citação na minha tese. Não posso encerrar esse texto sem dizer: obrigade. - Jess de Oliveira

Outro ponto importante que destaco deste mesmo texto diz respeito as limitações da abordagem marxista tradicional no desdobramento do conceito político de gênero. Mesmo que Marx e Engels sejam autores muito importante para nós, a observação crítica de Haraway (2004) nos ajuda a compreender como que determinadas ideias fundamentais destes autores são incapazes de dar conta da problemática. Donna Haraway explica que Marx e Engels não podiam historicizar sexo e gênero a partir do suposto da heterossexualidade como natural.

As abordagens marxistas tradicionais não levaram a um conceito político de gênero por duas razões: primeiro, as mulheres, como os povos “tribais”, existiam de maneira instável nas fronteiras do natural e do social nos escritos mais importantes de Marx e Engels, de modo que seus esforços para explicar a posição subordinada das mulheres foram minados pela categoria da divisão natural do trabalho, que se apoia numa heterossexualidade inquestionável; segundo, Marx e Engels teorizaram a relação econômica de propriedade como a base da opressão das mulheres no casamento, de modo que a subordinação das mulheres pudesse ser examinada em termos das relações capitalistas de classe, mas não em termos de uma política sexual específica entre homens e mulheres (HARAWAY, 2004, p. 212)

Talvez a crítica de Haraway se encontre com algumas das ideias de Foucault. Me parece que, neste ponto, ambos concordam que o poder não deve ser pensado necessariamente em termos econômicos. Ou seja, a opressão das mulheres no casamento, como diz Donna, mas o poder, de uma maneira mais ampla em Foucault, não tem origem e não devem ser reduzidos às relações de economia. O poder não é uma função da economia, o poder tem sua especificidade e está em todo lugar. Nesse sentido, Donna Haraway pôde esclarecer que existe uma política sexual específica entre homens e mulheres que vai além das relações econômicas de propriedade. - Hugo Cunha

Destaques da turma de trechos de livros

Doreen Massey (2005) nos convoca a reconhecer a existência e relevância de espaços não hegemônicos coetâneos, e critica a cosmologia da narrativa única dado que esta "oblitera as multiplicidades, as heterogeneidades contemporâneas do espaço. Reduz coexistências simultâneas a um lugar na fila da história" (2005, p. 24). - Clarisse Linke

A topografia é muito diferente quando o local (e, concomitantemente, o global) é pensado relacionalmente. Neste caso, cada luta local já é uma conquista relacional, baseada tanto dentro quanto para além do 'local', e é internamente múltipla (MASSEY, 2008, p. 256).

Será que o argumento de que lugar é o espaço dotado de significado não permite que essas relações estendidas de um mundo globalizado também tenham significado? Meu argumento não é o de que lugar não seja concreto, estabelecido, real, vivido, etc. É que o espaço também o é (MASSEY, 2008, p. 261).

Questiona a abordagem que aceita a globalização "como se fosse resultado de uma lei da natureza" (Massey, 2005, p.24), e não de um projeto. - Clarisse Linke

O espaço é tão desafiador quanto o tempo. Nem o espaço, nem o lugar podem fornecer um refúgio em relação ao mundo. Se o tempo nos apresenta as oportunidades de mudança e (como alguns perceberiam) o terror da morte. Então, o espaço nos apresenta o social em seu mais amplo sentido: o desafio de nossa interrelacionalidade constitutiva - E, assim, a nossa implicação coletiva nos resultados dessa interrelacionalidade (MASSEY, 2008, p. 274).

Por motivos que fogem do acadêmico, o trabalho de Massey foi o que mais me chamou atenção desde o começo. Desde que me entendo por gente, sou apaixonada por ficção científica. Principalmente por histórias que envolvem o conceito de tempo e espaço. E ver um dos meus maiores interesses pessoais entrelaçado a minha pesquisa, partindo do modo como imaginamos o espaço em si e como o espaço sempre está condicionado ao tempo... foi algo interessante. - Giovanna M. Costa

Destaques da turma de trechos de livros

Aponta para a necessidade de se reconhecer espaços e realidades heterogêneas, múltiplas, que estão sempre em construção e que existem de forma coetânea. - Clarisse Linke

As transformações constantes no espaço urbano – seja pela ação humana ou pela natureza – proporcionam o florescer de novas conexões potenciais, sendo assim “uma arena de possibilidades” (MASSEY, 2005, p.162). - Clarisse Linke

Cada um desses tempo-espaço é relacional. Cada um é construído pela articulação de trajetórias. Mas em cada caso, também, o alcance das trajetórias que é admitido é, cuidadosamente, controlado. E cada tempo-espaço, também está continuamente mudado em sua construção sendo renegociada (MASSEY, 2008, p. 253).

A verdadeira questão sociopolítica diz menos respeito, talvez, ao grau de abertura/fechamento (e à consequente questão de como, de que maneira, poderíamos mesmo começar a medi-la) do que os termos em que essa abertura/fechamento é estabelecida. Os limites são erguidos contra o quê? Quais são as relações dentro das quais a tentativa de negar (e admitir) a entrada e levar a cabo? Quais são as geometrias de poder aqui? e elas exigem uma resposta política? (MASSEY, 2008, p. 253).

Ainda que o texto não parta do princípio de seres extraterrestres, mas sim de teorias anteriores e posteriores ao estruturalismo, a abordagem serviu para conceituar o espaço em si como o oposto negativo do tempo. A autora afirma que o espaço, junto ao tempo, era visto como uma representação metafórica, onde “a própria vida e, certamente, a política, são dele arrancadas” (MASSEY, 2005, p. 56), quase como se o mundo ficasse parado por um momento, esperando uma análise. - Giovanna M. Costa

Valorização de sistemas abertos, com conexões múltiplas e ainda por fazer, que caracterizam os espaços heterotópicos.
- Clarisse Linke

Um dos pontos do livro *Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade* (2008) da Doreen Massey, que ficou marcado na minha lembrança e que me chamou novamente a atenção ao reler o Capítulo 15, no momento da escrita deste texto, foi quando ela disse que "a topografia é muito diferente quando o local (e, concomitantemente, o global) é pensado relacionalmente. Neste caso, cada luta local já é uma conquista relacional, baseada tanto dentro quanto para além do 'local', e é internamente múltipla" (MASSEY, 2008; p. 256). - Lívia Sampaio

Andrew Benjamin (1999) tocou um ponto semelhante como uma proposição mais geral de que "a arquitetura poderia evitar armadilhas do fabricar-formas prescritivo à medida que liberasse os potenciais do incompleto, do ainda-por-ser (TILL, 2001, p. 29 apud MASSEY, 2008, p. 254).

A noção hegemônica atual de que o ambiente biofísico é nada mais do que uma massa inerte que os humanos podem manipular e dominar deve ser abandonada e substituída pela noção que ele é, também, um ator essencial, ainda que natural e não-social, na criação de lugares habitáveis (LITTLE, 1998, p. 75 apud MASSEY, 2008, p. 254).

A topografia é muito diferente quando o local (é concomitantemente o global) é pensado relacionalmente. Neste caso, cada luta social local, já é uma conquista relacional (MASSEY, 2008, p. 256).

[...] mobilidade do homem e isolamento da mulher [...] parecia existir uma nítida cartografia de gênero e um contraste perfeito entre abertura global e autocontenção local (MASSEY, 2008, p. 251).

A incerteza não é um elemento que precisa gerar tanto desconforto, ao contrário. É um elemento que traz liberdade, desarticulação e surpresa no encontro entre modos de vida. - Clarisse Linke

Ainda que as teorias do tempo não sejam descartadas do texto, como os seres alienígenas e as viagens no tempo, a maneira como ela fala sobre "fugir de transformar a geografia mundial em uma narrativa histórica" (MASSEY, 2005, p.65) é tão fantástica que quase faz com que eu me sinta em um livro de Douglas Adams.
- Giovanna M. Costa

Destaques da turma de trechos de livros

Penso que é importante sempre ter em vista essa dinâmica entre o local e o global, uma vez que as lutas feministas e territoriais são profundamente afetadas por estas duas dimensões. Sabendo disso, é possível tanto valorizar e celebrar “pequenas” vitórias “locais”, quanto antecipar questões por meio da observação das discussões “globais” sobre estes temas. Duas ações que considero essenciais para o avanço das lutas feministas e territoriais. - Lívia Sampaio

Universalizante e deliberada, a sororidade dá a falsa impressão de existir empatia e homogeneidade de posicionamento terceiro-mundista, africano e estadunidense contra o colonialismo moderno (AKOTIRENE, 2019, p. 45).

defendemos a validade das experiências como conhecimentos situados constituintes do projeto intelectual emancipatório, que a boa ciência está ancorada na parcialidade, na provisoriada, na instrumentalidade teórica, sem finitude característica do homem moderno heteropatriarcal (AKOTIRENE, 2019, p. 50).

“A diversidade cultural não é um fenômeno de outros exóticos e incomensuráveis, em terras distantes e em diferentes estágios de desenvolvimento histórico, como o antigo conceito de cultura fazia emergir. Não. Ela é aqui e agora em cada sociedade” (TULLY, 1995, p. 11 apud MASSEY, 2008, p. 274).

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos - teóricos e fabricados - de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. (HARAWAY, 2013, p. 37)

Destaques da turma de trechos de livros

Destaques da turma de trechos de livros

O fato de que as categorias de gênero ocidentais são apresentadas como inerentes à natureza (dos corpos), e operam numa dualidade dicotômica, binariamente oposta entre masculino/feminino, homem/mulher, em que o macho é presumido como superior e, portanto, categoria definidora, é particularmente alienígena a muitas culturas africanas. Quando realidades africanas são interpretadas com base nessas alegações ocidentais, o que encontramos são distorções, mistificações linguísticas e muitas vezes uma total falta de compreensão, devido à incomensurabilidade das categorias e instituições sociais. (OYEWUMI, 2004, p. 8 apud AKOTIRENE, 2019, p. 48)

Para africanas e para epistemologias africanas, o macho não é a norma. (AKOTIRENE, 2019, p. 49)

Angela Davis, por ser abolicionista penal e crítica da interseccionalidade, pontua que: “Menciono essa genealogia que leva a sério as produções epistemológicas de pessoas cujo trabalho principal é organizar movimentos radicais porque considero importante evitar que o termo “interseccionalidade” apague histórias cruciais de ativismo. Havia entre nós aquelas pessoas que, não tanto em virtude das análises acadêmicas, mas por causa de nossa experiência, reconheceram que tínhamos de descobrir uma forma de reunir tais questões. Elas não estavam separadas em nosso corpo e também não estavam separadas em termos de luta.” (DAVIS, 2018, p. 33 apud AKOTIRENE, 2019, p. 62)

Destaques da turma de trechos de livros

Corpo e território compactados como única palavra desliberaliza a noção do corpo como propriedade individual e específica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território. O corpo se revela, assim, composição de afetos, recursos e possibilidades que não são "individuais", mas se singularizam, porque passam pelo corpo de cada um na medida em que cada corpo nunca é só "um", mas o é sempre com outros, e com outras forças também não humanas (GAGO, 2020, p.107)

"A conjunção das palavras corpo-território fala por si mesma: diz que é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem" (GAGO, 2020, p. 107).

Já dissemos que o corpo-território é a imagem antagônica do caráter abstrato que supõe o indivíduo proprietário. Agregamos uma segunda tese: o corpo que se torna território é a espacialidade contraposta ao confinamento doméstico. Porque o corpo que se torna território é o que foge do contorno individual (e, portanto, do contrato como laço político privilegiado), da cidadania sempre escamoteada, da exploração sempre oculta como serviço natural. Por isso, o corpo-território impulsiona a invenção de outros "territórios existenciais" (GUATTARI e ROLNIK, 2013 apud GAGO, 2020,p.128)

O corpo-território possibilita o desacato, a confrontação e a invenção de outros modos de vida, e isso implica que nessas lutas se viabilizem saberes do corpo em seu devir território e, ao mesmo tempo, o indeterminam, porque não sabemos do que é capaz um corpo enquanto corpo-território. Por essa razão, corpo-território é uma ideia-força que surge de certas lutas, mas que possui a potência de migrar, ressoar e compor outros territórios e outras lutas (GAGO, 2020, p110).

Por isso, é estratégica em um sentido muito preciso, que expande um modo de “ver” a partir dos corpos experimentados como territórios e dos territórios vividos como corpos. A imagem do corpo-território revela batalhas que estão ocorrendo aqui e agora, além de assinalar um campo de forças e torná-lo sensível e legível a partir da conflituosidade (GAGO, 2020, p.106).

Se as mulheres não falam de seus corpos entre si, se não reconhecem seus direitos ao prazer e a não sofrer violência, não poderão entender que a militarização é uma prática de invasão territorial que se vincula à violência contra as mulheres, ao utilizar as violações sexuais como arma de guerra (CALENTANI, 2012 apud GAGO, 2020, p.111).

Em outras palavras: se é possível abstrair o corpo é porque esse corpo é marcado como masculino. Já o corpo-território não permite ser abstraído de uma corporalidade marcada, justamente por sua impossibilidade de ser regido e definido pela mera regra proprietária (GAGO, 2020, p.123).

Destaques da turma de trechos de livros

Várias feministas se encarregaram de ler Marx nessa perspectiva. Elas realizam um duplo movimento e têm um duplo objetivo: levar Marx a lugares ocultos de sua obra e, simultaneamente, radicalizar o gesto de investigação marxiana de pousar o olhar sobre o “laboratório secreto” onde se produz a realidade capitalista. A primeira dimensão oculta (e ocultada) é a reprodução: aquilo que é invisibilizado e, ao mesmo tempo, constitutivo da produção social contemporânea (GAGO, 2020, p.145).

Vida tem um significado vital: envolve a defesa e o cuidado com o comum, e produção e ampliação de riqueza compartilhada (GAGO, 2020, p.109).

A invasão desenhou, afinal, “uma cidade para excluir e induzir o respeito pelo medo”, o que é muito diferente de uma cidade para tornar as pessoas livres. Esta é a regra desde o início do século XVI: “a cidade como uma máquina de exclusão” (LARA, 2018, p. 71 apud NAME, 2021, p. 7). Que segue “segmentando, fragmentando, estratificando a população em seu ordenamento urbano” (RODRIGUES, [2013] 2016, p. 303 apud NAME, 2021, p. 7).

Destaques da turma de trechos de livros

A colonialidade e a brancura estabelecem ligação com a zona do ser e do não ser (Frantz Fanon [1952] 2008) para delinear moralidades, práticas e discursos que humanizam ou desumanizam grupos (MALDONADO-TORRES, [2004] 2008; GROSFOGUEL, 2012 apud NAME, 2021, p. 4).

“Não há um único aventureiro branco, garimpeiro de ouro ou diamantes, pirata, torturador, caçador, [...] que não tenha uma viela com seu nome” (MBEMBE, Achille, 2006 apud NAME, 2021, p. 5).

Como pensar o urbanismo feminista para a cidade do Rio de Janeiro?

Como uma cidade com a expressão da arte feminista alcança os homens?

Como atenuar a disparidade de direitos espaciais entre homens e mulheres no que tange ao habitar?

Como a perspectiva teórica impacta o modo de projeção e produção das cidades? E de que forma é capaz de transformar o imaginário coletivo a respeito das diferenças e complexidades urbano-sociais?

Como implementar e enxergar essas reflexões na cidade existente, de modo prático, fora do campo ideológico?

- Marcele Figueiredo

Até que ponto as violações do espaço pessoal das mulheres por meio do toque, palavras ou outras infrações são toleradas e até mesmo incentivadas na cidade é tão boa quanto uma medida como qualquer outra para mim de quão longe estamos da cidade sociável – e feminista – dos encontros espontâneos. (KERN, 2020, p. 78 e 79)

Não é interessante que o termo decolonial desenhe um novo estilo, como reincidentemente se nota na história da arquitetura. Talvez, por isso, seja melhor, no lugar de arquitetura decolonial, tratar de uma perspectiva decolonial em arquitetura (MOASSAB; RUGERI; FREITEZ; NAME, 2020, p. 21 apud NAME, 2021, p. 9) Ou que finalmente discutamos o racismo estrutural (e particularmente o epistêmico) em nosso campo. (NAME, 2021, p. 9)

Sobre reparação histórica e direito à memória, de acordo com Name (2021, p. 5, apud LORDE, [1979] 2020, p.137), “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. Elas podem possibilitar que os vencamos em seu próprio jogo durante certo tempo, mas nunca permitirão que provoquemos uma mudança autêntica”.

As mulheres são socializadas para não ocupar espaço, principalmente como indivíduos. O melhor que esperamos é passar despercebido. (KERN, 2020, p. 84)

Enquanto grupo, as mulheres negras estão numa posição invulgar nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente no fundo da escala profissional como o nosso estatuto social, em geral, é mais baixo do que o de qualquer outro grupo. Ao ocuparmos esta posição, sofreremos as consequências da opressão sexista, racista e classista. Ao mesmo tempo, somos um grupo que não é sociabilizado para assumir o papel de explorador/opressor, na medida em que não nos é permitido explorar ou oprimir um "outro" institucionalizado. (HOOKS, 2019, p. 12)

Existe um grande número de obras de feministas brancas em que o racismo está presente, o que apoiou, assim, a supremacia branca e negou a possibilidade de as mulheres se unirem politicamente para além das fronteiras étnicas e raciais. (HOOKS, 2019, p. 2)

"Quando uma teoria é transformada numa ideologia, começa por se destruir a si mesma e ao seu auto-conhecimento. Inicialmente criada a partir do sentimento, finge pairar acima e em volta do sentimento. Acima da sensação. Organiza a experiência segundo si mesma, sem lhe tocar. Por força de ser ela própria, é suposto que saiba. Invocar o nome desta ideologia é conferir veracidade. Ninguém lhe pode contar nada de novo. A experiência deixa de a surpreender, de a informar, de a transformar. Fica indignada com qualquer detalhe que não se enquadre na sua visão do mundo. Começou como um clamor contra a negação da verdade, agora nega qualquer verdade que não se enquadre no seu plano. Começou como uma forma de restituição da nossa noção de realidade, agora tenta disciplinar pessoas reais, refazer seres naturais à sua própria imagem. Tudo o que não consegue explicar registra como seu inimigo. Começou como uma teoria de libertação, sente-se ameaçada por novas teorias de libertação; constrói uma prisão para a mente." (GRIFFIN, Susan, Citação ao Ensaio "The Way of All Ideology" apud HOOKS, 2019, p. 38).

Destaques da turma de trechos de livros

Os homens respeitarão os direitos de propriedade de outro homem mais prontamente do que respeitarão o simples "não" de uma mulher. (KERN, 2020, p. 85)

Um sinal da sua vitimização é a aceitação do seu destino sem aparente questionamento, sem protestos organizados, sem indignação, nem fúria coletiva. (HOOKS, 2019, p. 1)

A luta feminista precisa de formar uma visão do mundo antagônica. Isto significa que o mundo que conhecemos mais intimamente, o mundo em que nos sentimos "seguros" (mesmo que este sentimento se baseie numa ilusão) tem de mudar radicalmente. Talvez seja o reconhecimento de que todos temos de mudar, e não só aqueles que rotulamos de inimigos ou de opressores, que até agora serviu para controlar

os nossos impulsos revolucionários. Se queremos que o movimento feminista pelo fim da atual opressão progrida e se queremos transformar a nossa atual realidade, estes impulsos revolucionários têm de inspirar livremente a nossa teoria e a nossa prática. (HOOKS, 2019, p. 130)

As ativistas feministas fariam bem se aca-tassem as palavras de Susan Griffin, quando esta nos relembra, no seu ensaio "The Way of All Ideology": "Um conhecimento político profundo não leva à criação de um inimigo. Na verdade, criar monstros inexplicáveis pela circunstância é o mesmo que esquecer a visão política que, acima de tudo, explica o comportamento que emana da circunstância, uma visão que acredita numa capacidade inata em todos os seres humanos para a criação, as alegrias e a bondade, numa natureza humana que, em circunstâncias adequadas, pode florescer.

Quando um movimento pela libertação se inspira sobretudo no ódio a um inimigo em vez de se inspirar numa visão de possibilidade, começa a derrotar-se a si próprio. As suas próprias ideias deixam de curar. Apesar de se declarar a favor da libertação, a sua linguagem já não é libertadora. Começa a exigir uma censura no seu interior. Os seus conceitos de verdade tornam-se cada vez mais restritos. E o movimento, que começou com uma evocação comovente de verdade, começa a parecer fraudulento do exterior, começa a refletir tudo aquilo a que afirma opor-se, porque agora também é um opressor de determinadas verdades e de oradores, e começa, como os anteriores opressores, a esconder-se de si mesmo." (GRIFFIN, Susan, Citação ao Ensaio "The Way of All Ideology" apud HOOKS, 2019, p. 129).

Destaques da turma de trechos de livros

4 trajetórias

autoria coletiva

Neste capítulo apresentamos os resultados de dois exercícios realizados na disciplina INTERSECCIONALIDADE, GÊNERO, CORPO-TERRITÓRIO: um realizado em sala e o outro como trabalho final, ambos realizados individualmente.

O primeiro exercício foi a primeira aula do Bloco 2, chamado de *Entender sobre o corpo e controle para descolonizar*. Fornecemos um papel pardo, revistas e material de desenho e colagem, foi apresentado em vídeo a música de Luedji Luna, Um corpo no mundo. A turma se espalhou de pé pela sala. Três perguntas foram apresentadas como orientativas do exercício

1. ***Quando você percebeu a primeira tentativa de controle do seu corpo e de seus desejos?***
2. ***Quando você se deu conta que houve outras situações em que você não percebeu (ou entendeu) no momento, que era uma tentativa de controle?***
3. ***Expresse quando ou onde você se sente menos a vontade na cidade, em seu cotidiano. Por quê?***

Apartir dessas questões, cada um ficou livre para se expressar da forma que achasse melhor. Poesias, textos, desenhos, colagens foram feitos para expressar uma série de situações significativas relacionadas ao controle de nossos corpos: assédio, medo, constrangimento, dores. Além disso, foi disponibilizado um máquina fotográfica tipo polaroid em que cada um poderia escolher, para registrar em foto, uma parte do corpo que sentisse, ou absorvesse, ou representasse a ideia de controle.

O último trabalho, chamado de *Corpografia Indisciplinar*, foi solicitado para o ***exercício que se fizesse reflexões a partir dos conteúdos da disciplina, considerando o cotidiano de cada um, suas práticas espaciais, territórios e espacialidades. A premissa do trabalho era de a turma compreendesse que o processo de pesquisa é uma experiência teórico-metodológica.***

A forma de registro do processo e reflexões/problematizações/resultados do exercício *corpográfico*, foi livre: desenhos, prosa, poesia, fotos, áudios, vídeos etc. foram aceitos.

O resultado surpreende pela sensibilidade e ousadia impressos nos trabalhos. Foi emocionante observar e ler, conhecer um pouco mais cada estudantes, um pouco de suas histórias e, de alguma maneira, entender as razões pelas quais se interessam em cursar a disciplina. E também avaliar positivamente a própria experiência dos exercícios, e como a bibliografia contribuiu com o pensamento crítico sobre a realidade de cada um, e também sobre arquitetura e urbanismo e seus assuntos mais contemporâneos e relevantes, segundo eles e elas mesmas.

UM CORPO NO MUNDO - Luedji Luna
2017

*Atravessei o mar
Um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração
Um adeus*

*Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte*

*E Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queria mais
Je suis ici agora*

*Cada rua dessa cidade cinza sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas*

*E palavra amor, cadê?
Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queira mais
Je suis ici, agora
Je suis ici
E a palavra amor cadê?*

A cidade de uma precisa ser a cidade de todas, que através da luta pelo direito de ser, se unam tornando-se uma.

Esta contribuição foi desenvolvida a partir da leitura do capítulo 3, intitulado "Cidade de uma", do livro "Cidade Feminista" da autora Leslie Kern. Neste livro a autora relaciona discussões acadêmicas e históricas a respeito das mulheres e do espaço urbano, defendendo a geografia feminista e seus pilares - o corpo e a vida cotidiana - através de discussões sobre poder, gênero e espaço urbano, com fragmentos de relatos de sua própria experiência na cidade.

No capítulo 3, "Cidade de uma", a autora retrata a problemática de ser uma mulher sozinha em espaços públicos e privados, a naturalização da gentrificação e segregação e o seu impacto em comunidades vulneráveis e racializadas.

A representação do desenho de um fone de ouvido, expressa historicamente a dificuldade da mulher de estar sozinha, limitada e condicionada à condescendência do "lugar de mulher". Ainda hoje, as mulheres não possuem um espaço seguro para existirem e serem com seus corpos, seja em espaços públicos ou privados, estando frequentemente vulneráveis a situações de violência e perigo, mesmo nas mais cotidianas e rotineiras atividades. Isso evidencia a mudança da geografia urbana para a mulher, cujos trajetos são sempre prolongados e nunca encurtados, sempre vinculado à família e nunca ao ser individual.

A escolha dessa representação exprime a identificação pessoal que tenho com a autora diante de tantas inquietudes, essa em especial se trata da escolha e direito da mulher de querer estar sozinha e não ser incomodada.

- Marcele Figueredo

O exercício me colocou a pensar a questão do poder em uma dimensão imediata, na minha própria vida. Quando percebi a primeira tentativa de controle sobre meu corpo, anseios e desejos? Embora podemos supor que desde meu nascimento eu já estava enredado a determinadas relações de poder, a questão se situa no nível da percepção. Ou seja, "quando percebi o poder sobre mim?". Trata-se de desenvolver a minha percepção acerca dos poderes sobre mim. Eu, por ser um homem, branco, hétero, e o poder por ser produtivo, ativo e não apenas repressor, ele irá requerer que eu ocupe determinadas posições, produza determinados discursos, exerça determinadas práticas que, supostamente, seriam esperadas que um homem-branco-hétero realize. Neste sentido, o exercício me pareceu de extrema importância, por ir em direção a caminhos possíveis capazes de viragens concretas através de questões advindas daí. Em nossos silêncios, bloqueios e fechamentos, mas também em nossos desvios em relação aos desejos e anseios em jogo, e evidentemente, no meu caso, nos privilégios que me rondam; se atentos a isso, é possível a abertura de um campo criativo de ações estratégicas, resistências locais, tomadas de decisão, ajeitar ferramentas, criar armas de guerra. A questão me anima, vejo a partir dela todo um conjunto de problemas possíveis de serem colocados, capazes de desdobramentos muito potentes. - Hugo Cunha

Despossuídos de direitos
Corpos em transe, em eterno vir a ser
Os espectrais tem medo da cidade,
com razão
A cidade não somente não é deles,
mas também os nega

As guerras urbanas nascem da sana de subjugar
Dominação e individuação são os princípios
do que move o Capital
A cidade que abraça o Outro, sua antítese

Saturados de poder, sem proteção
São alvos de leis anti-drogas, anti-terrorismo
ou anti-qualquer coisa que sirva de justificativa

Mas fica feio assumir uma postura de indiferença frente a
isso,
então a questão palestina vira uma causa humanitária,
uma tragédia, em vez de política viva
Como se fosse possível separar política de guerra,
da violação de corpos que não geram comoção

Muros não são consequências, mas causas
Da agressão das cidades,
desmembramento, o corpo da democracia nasceu necro-
sado
A militarização nasce do princípio de individualidade,
da corrupção do sentido primeiro de cidade
que pode nunca ter existido para além da utopia

A imagem pode assumir nuances
O spectral tornar matéria
O vermelho dos nervos que brotam no peito
A dor de vir a ser onde não se reconhece
Sentir-se o outro

-Camila Gavazzi

EM CONSTANTE MOVIMENTO

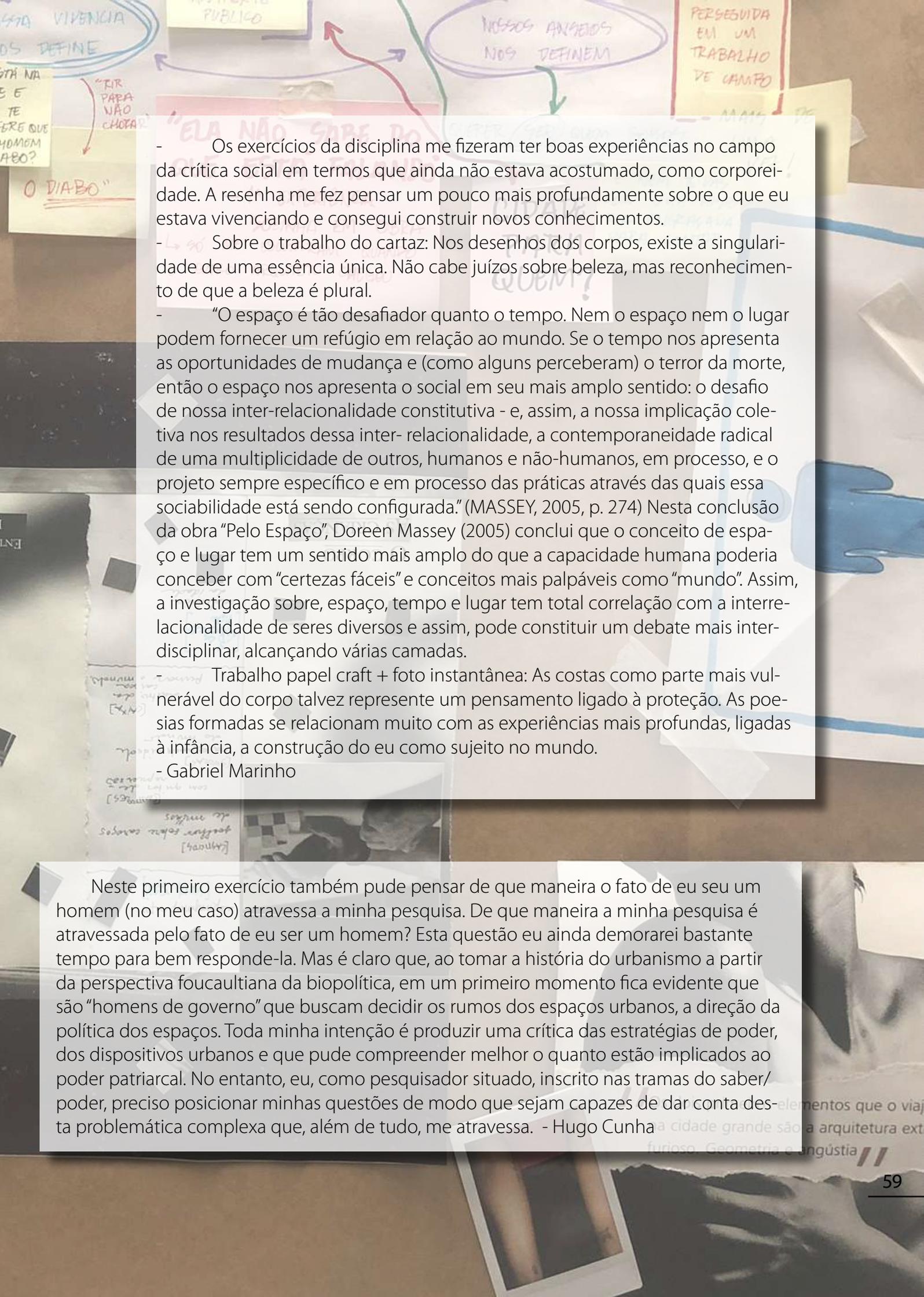
FUTURO

Nessa atividade, fomos instigados a associar nosso corpo ao nosso trabalho, associar o que nos motivou a escolher determinado tema. No meu caso, o trabalho de conclusão de curso se apresentou como a possibilidade de entender melhor uma causa que eu já apoiava, a causa palestina, e entender como o que acontece do outro lado do mundo pode nos ajudar a entender melhor o que acontece e acontecerá por aqui. Israel exporta suas técnicas de opressão para vários cantos, inclusive, no Brasil, importamos armamentos e treinamentos de seus soldados, para aplicar contra a população favelada e não-branca, moradores de rua, etc, basicamente todos que não se enquadram na posição de "cidadão de bem".

Fui levada a trazer à consciência, ao longo da minha graduação, todas as sensações que a cidade produz em mim, todas as contradições que, como futura arquiteta urbanista e ativista de esquerda, sinto e me incomodam. Sinto vergonha de sentir tanto medo ao andar na cidade, me sinto limitada, pequena. As possibilidades murcham com mais frequência do que florescem, porque por mais que coabitamos a mesma cidade, somos atomizados em nossas próprias vidas, casas, sem ter tanto contato e troca com aquele que se coloca como o Outro no imaginário hegemônico. Me incomoda tamanha disparidade no tratamento legal, e creio que o caso palestino grite mais alto isso do que em qualquer outro lugar. Lá, a cidade e as leis são divididas de maneiras explícitas, ao contrário do Brasil, onde a disparidade é dissimulada.

- Camila Gavazzi

Depois a questão é colocada em relação a nossa vida cotidiana, nossa vida urbana. Quais espaços das cidades te constroem? Quando isto ocorre/ocorreu? É importante a questão porque não olhamos para a cidade através de uma perspectiva externa a ela, mas ao contrário, a questão nos coloca a pensar a nossa vida implicada diretamente a matéria da cidade. O poder que investe na cidade afim de requerer os corpos com finalidade produtiva, gerir as massas, governar os fluxos, conduzir as condutas. Bem, tudo isso está em jogo. Como identificar? Haverá diferentes marcas da cidade em nós. Portanto a questão também aponta para a possibilidade de uma experimentação encarnada da cidade, pois trata-se de recorrer a memória, mas também ao "vivo ativo" da experiência diária. Os constrangimentos e as situações de perigo afetarão os diferentes corpos de diferentes maneiras. - Hugo Cunha

- 
- 4770 VIVENCIA
OS DEFINE
- “TIRAR PARA NÃO CHORAR”
- O DIABO”
- PUBO
- “Nossos ANGELOS NOS DEFINEM”
- PERSEGUIDA EM UM TRABALHO DE CAMPO
- Os exercícios da disciplina me fizeram ter boas experiências no campo da crítica social em termos que ainda não estava acostumado, como corporeidade. A resenha me fez pensar um pouco mais profundamente sobre o que eu estava vivenciando e consegui construir novos conhecimentos.
 - Sobre o trabalho do cartaz: Nos desenhos dos corpos, existe a singularidade de uma essência única. Não cabe juízos sobre beleza, mas reconhecimento de que a beleza é plural.
 - “O espaço é tão desafiador quanto o tempo. Nem o espaço nem o lugar podem fornecer um refúgio em relação ao mundo. Se o tempo nos apresenta as oportunidades de mudança e (como alguns perceberam) o terror da morte, então o espaço nos apresenta o social em seu mais amplo sentido: o desafio de nossa inter-relacionalidade constitutiva - e, assim, a nossa implicação coletiva nos resultados dessa inter-relacionalidade, a contemporaneidade radical de uma multiplicidade de outros, humanos e não-humanos, em processo, e o projeto sempre específico e em processo das práticas através das quais essa sociabilidade está sendo configurada.” (MASSEY, 2005, p. 274) Nesta conclusão da obra “Pelo Espaço”, Doreen Massey (2005) conclui que o conceito de espaço e lugar tem um sentido mais amplo do que a capacidade humana poderia conceber com “certezas fáceis” e conceitos mais palpáveis como “mundo”. Assim, a investigação sobre, espaço, tempo e lugar tem total correlação com a interrelacionalidade de seres diversos e assim, pode constituir um debate mais interdisciplinar, alcançando várias camadas.
 - Trabalho papel craft + foto instantânea: As costas como parte mais vulnerável do corpo talvez represente um pensamento ligado à proteção. As poesias formadas se relacionam muito com as experiências mais profundas, ligadas à infância, a construção do eu como sujeito no mundo.
 - Gabriel Marinho

Neste primeiro exercício também pude pensar de que maneira o fato de eu ser um homem (no meu caso) atravessa a minha pesquisa. De que maneira a minha pesquisa é atravessada pelo fato de eu ser um homem? Esta questão eu ainda demorarei bastante tempo para bem responde-la. Mas é claro que, ao tomar a história do urbanismo a partir da perspectiva foucaultiana da biopolítica, em um primeiro momento fica evidente que são “homens de governo” que buscam decidir os rumos dos espaços urbanos, a direção da política dos espaços. Toda minha intenção é produzir uma crítica das estratégias de poder, dos dispositivos urbanos e que pude compreender melhor o quanto estão implicados ao poder patriarcal. No entanto, eu, como pesquisador situado, inscrito nas tramas do saber/poder, preciso posicionar minhas questões de modo que sejam capazes de dar conta desta problemática complexa que, além de tudo, me atravessa. - Hugo Cunha

Depoimentos da turma

... pode relaxar!

muslaubenta

Quando você
vai se formar
filhos
e or
nomes
dinheiro



Provavelmente uma das coisas mais singulares nessa disciplina tenha sido a coletivização das atividades. Frequentemente as atividades cumprem um propósito avaliativo individual, mas sendo o objetivo do exercício pedagógico (alô faculdade de licenciatura, brigadeira pela formação!) justamente a construção do conhecimento, os exercícios coletivos cumprem muito bem o papel da troca de perspectivas. Em se tratando de uma disciplina que tanto se ancorou na perspectiva do corpo, acho que não poderia ser diferente. E que bom que assim foi, eu gostei bastante. Não só os debates que eram propostos em sala, mas os exercícios que se propunham a complementá-los. As perguntas que nos colocavam na condição de protagonistas e viventes dos temas abordados nos ofereceram a oportunidade de trazer à tona nossas próprias experiências. A novidade, para mim, era esse tipo de dinâmica em sala de aula (não que fosse a primeira vez, mas não é a regra, convenhamos). Era, ao mesmo tempo, empoderador e desafiador, expor nossas vivências é também expor nossas vulnerabilidades, mas poder protagonizar esse espaço discursivo é maravilhoso. No trabalho da corpografia, fotografar meus dentes foi uma forma de expressar as raivas ante às desigualdades e a voz (invisível à câmera, porém num registro simbólico) que reivindico. E falar em voz é fundamentalmente significativo. Em outro trabalho, que realizamos a construção de um cartaz, e era pra ter feito algum tipo de desenho, optei por escrever um poema, que foi basicamente o resumo daquele mesmo dia e das angústias que latejavam na minha cabeça até o momento da aula. Escrevo e recito em voz alta um poema que fala justamente sobre a voz que tanto necessito e as tensões que meu corpo vivencia nos espaços pelos quais circulo, questionando as normatividades e pronomes que impõem sobre mim, e curiosamente (ou não) logo que terminei, mais uma vez, fui referenciada no feminino. Naquele mesmo momento me perguntei se minha voz era minimamente audível ou, ao menos, útil, e então uma colega me tratou na linguagem neutra, num visível esforço de quem foi retirada de seu lugar comum. Talvez eu tenha voz, de fato. E eu não cheguei a agradecer a ela, nem acho que caberia, mas aquele pequeno gesto foi mais importante do que ela imagina. - Jess de Oliveira

MEMORIA

INTENÇÕES

O exercício do papel craft foi de longe o mais interessante, por um motivo que não deveria ser motivo em si. A princípio, a atividade mais lúdica de responder questões sobre como o meu gênero faz com que a minha vivência acadêmica e profissional se diferencie da vivência de meus amigos e colegas de profissão.

É algo óbvio para mim. É a MINHA vivência, algo entranhado na minha existência e que me afeta diretamente todos os dias. E é óbvio que minhas amigas e colegas de profissão passam por exatamente a mesma coisa, o mesmo apagamento profissional, as mesmas tensões (e literalmente as mesmas, considerando que quase toda a turma apontou sentir o estresse na base do pescoço)... Isso é algo lógico de se assumir, ainda que empiricamente.

Mas VER os relatos acontecendo e ver que elas realmente passam pela mesma coisa e que a situação realmente é igual para todas nós foi algo que funcionou como um choque de realidade para mim, me fazendo repensar muitos pontos fundamentais da minha pesquisa.

Particularmente, eu considero impossível escrever sobre qualquer assunto sem que nossas experiências transbordem ao menos um pouco das palavras e parto desse princípio para escrever, tendo como principal base as experiências de cada um na cidade e como que elas diferem das experiências de outras pessoas. Ainda mais em um contexto como o das cidades em que vivemos, onde cada indivíduo possui uma experiência diferente de acordo com sua localidade, seu gênero, sua sexualidade, sua raça, sua cultura... é possível dizer que ao escrever sobre uma cidade em específico, escrevemos sobre diferentes cidades com o mesmo nome.

Ver na prática que nossas experiências na cidade, na profissão e na vida são tão diferentes e tão parecidas ao mesmo tempo me fez perceber que essas diferentes vivências devem ser documentadas. Devem ser registradas, ainda que esse registro funcione apenas como uma tentativa de fazer com que outras pessoas tenham essa mesma realização de que não são as únicas passando por isso e que não estão sozinhas.

Às vezes, saber disso é exatamente o que nós precisamos. - Giovanna M. Costa

Minha dor na lombar é meu corpo me apontando meu medo. É o registro da memória urbana da prática ordinária do cotidiano inscrito no meu corpo.

Meu corpo fala, fala alto, da dor. E do medo. Da vida urbana marcada por faltas.

Falta de calma e serenidade. Falta de confiança na circulação dia e noite. Falta de tempo de respiro entre os movimentos cotidianos os quais preciso dar conta para ser mãe, mulher, filha, companheira, profissional, amiga, e, até mesmo, uma simples observadora da vida urbana (nos raros momentos os quais estou em suspensão).

- Clarisse Linke

GUERRA
FABRICADA

Depoimentos da turma



PESQUISA

- EVENTOS
- MULHERES
- ARQUITETAS
- MULHERES PRETAS
- DOMESTICANTE

PIONEIROS
PROSTITUTA
SÓCIA
ESPOSA
CICLISTA



TEÇÃO
ERDADE
RIMENTAR
CIL E INSEGURO

DUALISMO



MELHOR E O
PIOR
LUGAR

CIDADE

MINHA RUA

NÃO PODE BRINCAR
IR PARA RUA SOZ
PODE BRINCAR

Infelizmente, eu não pude comparecer no dia da dinâmica do primeiro cartaz coletivo da turma, então, não contribuí com a criação dele. Sendo assim, vou comentar apenas sobre os outros três exercícios propostos, que foram, respectivamente, um texto, um segundo cartaz coletivo e uma corpografia. Para começar, destaco que gostei de realizar todos os exercícios e achei bem interessante que houvesse uma variedade de propostas entre eles, assim a turma teve a oportunidade de experimentar diferentes formatos.

No caso do texto, em resumo, era para escrevermos sobre como as teorias feministas podem nos auxiliar nas nossas pesquisas ou sobre como elas podem contribuir para a arquitetura e o urbanismo de modo geral. Considerando este contexto, eu escolhi a segunda opção e, assim, refleti sobre a importância e a necessidade de uma maior incorporação das demandas do trabalho reprodutivo pelo planejamento urbano, tendo como objetivo a melhoria da vida cotidiana, especialmente a das mulheres, já que elas são as que costumam ser mais responsabilizadas por estas atividades na nossa sociedade patriarcal.

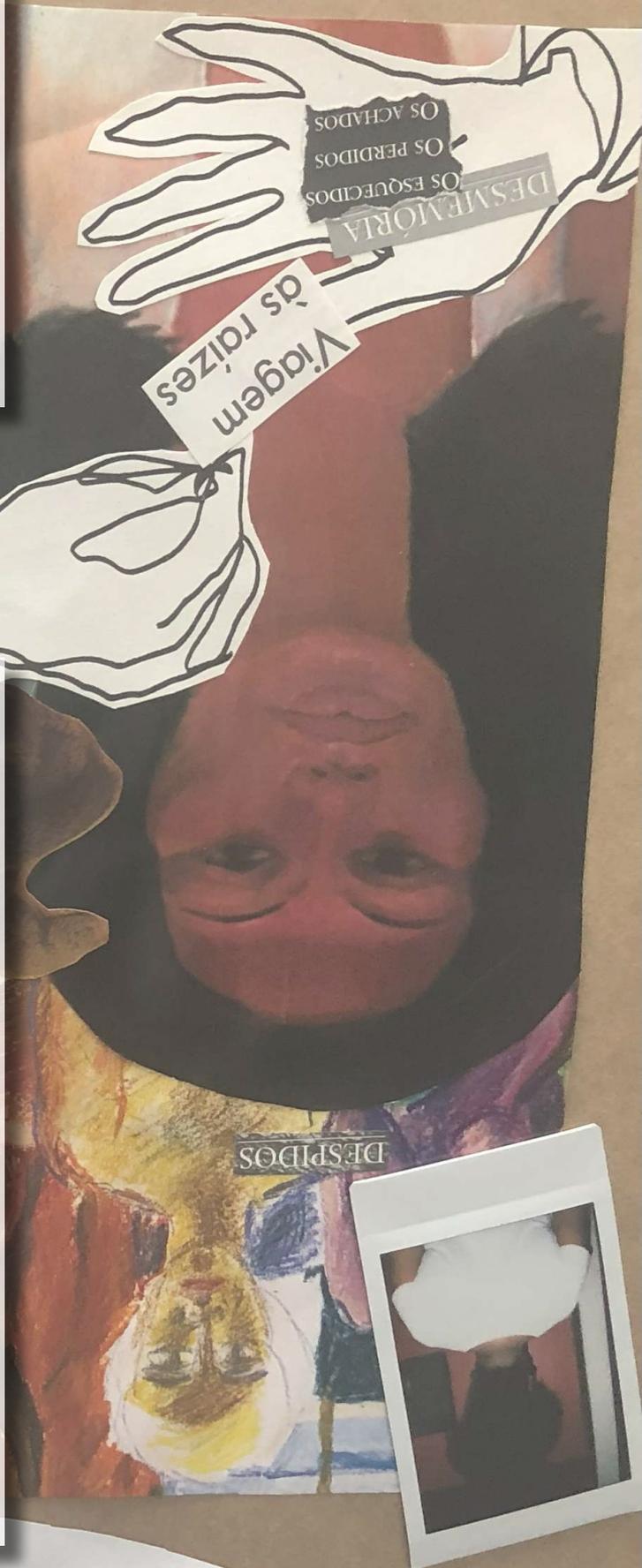
- Lívia Sampaio

Com relação ao segundo cartaz coletivo, eu já comentei um pouco sobre a elaboração dele no capítulo anterior, mas repito aqui que o objetivo do exercício era que a turma registrasse nele como seria uma cidade feminista para nós. Tarefa que se mostrou complicada, pois foi difícil representar todas as mudanças que seriam necessárias, mas que acabou servindo também para mostrar o tamanho do desafio que é construir uma cidade feminista, no contexto de uma sociedade patriarcal.

- Lívia Sampaio

No último exercício, que foi o da corpografia, eu refleti sobre a minha primeira moradia, localizada no subúrbio carioca, e como que a relação entre ela, o bairro e o meu corpo de menina moldou algumas das minhas percepções e práticas espaciais em determinados momentos da minha vida. Para mim, foi muito especial ter conseguido organizar várias lembranças antigas em uma reflexão sobre o impacto que determinadas experiências de moradia podem causar. Eu realmente fiquei muito satisfeita com o resultado. Inclusive, por causa disso, acredito que, em uma próxima edição da disciplina, seria bem interessante que os trabalhos de corpografia fossem apresentados em sala de aula, ao invés de serem entregues somente por meio digital, como foi no caso da nossa turma. Depois que fiz o meu, eu fiquei bem curiosa para ver a explicação ao vivo das outras pessoas sobre os seus próprios trabalhos e acho que isso poderia gerar uma última discussão bem rica para o encerramento da disciplina.

- Lívia Sampaio





carta do futuro

- JESS

Fevereiro, segunda-feira 13, dia útil

Pode parecer meio clichê essa coisa de escrever uma carta do futuro. E talvez seja mesmo. Admito que em parte eu gosto sim dos clichês. Em parte só. Mas acontece que esse recurso foi necessário dessa vez.

Acontece que a vida não tá um moranguinho, ainda mais pra ume estudante e artista/trabalhadore autônome não-binárie, tentando tocar o mestrado adiante, lidando com escassez de tempo, recursos, fôlego e atendimento psicológico gratuito (não anda tendo muito por aí, especialmente quando você precisa). Era final do segundo semestre de 2022 e havia essa atividade para concluir a disciplina de Interseccionalidade, gênero, raça e corpo-território (o nome é isso tudo mesmo). A professora pediu para fazer um exercício de indisciplina para a disciplina, e eu achei isso interessantíssimo, a contravenção no próprio nome da proposta.

Na perspectiva de pensar/propor cidades feministas, criticar as normativas que compõem a produção do espaço urbano e as experiências de viver-cidade precisa perpassar a contravenção das mesmas. Eu sou artista, artista de rua ainda por cima, e imediatamente a ideia me veio: vou grafitar

A construção de um graffiti, em si, já carrega muito desse enfrentamento ante a hegemonia da cidade. Se apropriar do espaço e intervir na paisagem, revelando identidades marginalizadas e subvertendo seus usos, sem finalidade de troca, pra uma cidade capitalista, onde tudo se resume a consumo, é uma afronta. Vale ressaltar que aqui estou mencionando o graffiti indômito, não o mercantil (OLIVEIRA, 2018). Um graffiti feito sem ter sido convidado ou contratado para estar ali, estampando os muros da cidade. Um graffiti feito por ume artista periférique apenas porque sim, porque ile quis fazer dos muros da cidade sua tela, espaço de exposição de sua arte e, conseqüentemente, suas identidades. Espaço Público. Espaço disputado. A visibilidade é recurso importante pra vozes-corpos marginalizados. Um graffiti feito por um corpo como o meu (não-binário & com vulva), afronta mais ainda.

Isso porque a cidade não abre muito espaço pra mim, assim como pra tantas pessoas como eu, e diferentes de mim, mas que, assim como eu, não comportamos exatamente as exigências do Cistema capitalista. E isso que era pra ser só uma carta já tá virando uma palestra/explicação. Eu poderia fazer registros e fotos da minha arte, mas

não daria conta de metade dos significados que é a fazedura dela quando sou eu que tô fazendo. Então eu vou descrever com a maior riqueza de detalhes que eu for capaz, pra tentar trazer à luz alguma dimensão da poético-política a que me proponho: Chegamos eu e meu amigo Noah (não-binário transmasculino, diga-se de passagem) às 8h da manhã na rua onde eu pretendia grafitar. Pedi ao Noah que me acompanhasse por alguns motivos, pra nós óbvios:

1. Eu não estaria sozinho. Graffiti é uma arte que demora, e durante esse tempo eu estaria em espaço público, sujeito à olhares, abordagens, comentários de outrem e se pá intervenção policial. Graffiti é “permitido” por lei em Niterói, mas apenas nos espaços previamente selecionados pela prefeitura, e ainda assim eu correria risco. Meu corpo sozinho em espaço público é extremamente vulnerável

2. Noah partilha de experiência semelhante à mim, e poderemos fazer companhia uma à outra nos faz sentir não apenas mais seguras, mas também confortáveis, pois entendemos o lugar de vulnerabilidade que nos encontramos. Além disso, ele teria a perspicácia de identificar essas nuances de nossa experiência para poder registrar

3. Noah é um fotógrafo muito sensível, e a ideia seria, além da companhia, que ele pudesse registrar esse momento. O momento de confecção da arte, o momento de nossos corpos expostos na rua, a reação das pessoas...

Eu ajeitei minha mochila no chão e retirei meus materiais. Latas de spray, potinhos de margarina vazios, uma latinha de tinta branca, alguns tubos de corante, pincel... Algumas pessoas atravessavam a calçada para passar longe. Os olhares se fixavam em nós, curiosos e confusos. Não era uma coisa cotidiana acontecendo. Não para transeuntes.

Eu, no entanto, que já grafito há algum tempo, conheço essas reações. Como eu disse, o graffiti é uma arte marginalizada (embora alguns veículos de mídia tentem nos convencer do contrário, a experiência de qualquer grafiteiro que esteja fazendo a arte porque quer colocar sua marca-identidade na rua pode garantir que não é). A maior parte das vezes que grafitei foi em mutirões, quase sempre acompanhada de muitos outros grafiteiros e quase todos eles homens cis (pra variar, quase todos os espaços são protagonizados por eles). E aí vem outra observação interessante: as reações das pessoas ao me verem grafitando é sempre muito diferente das reações para com os outros grafiteiros-homens cis.

O graffiti em mutirões é muito diferente do graffiti na rua, feito sem aviso prévio. O mutirão frequentemente acontece em comunidades, quase sempre fazemos um evento que inclui música e outras atividades, é um evento cultural. O graffiti assim na rua, de repente, é um sequestro da rotina. De repente uma pessoa que não está a caminho do trabalho ou do mercado, que não está pintando aquela fachada por contrato terceirizado. De repente uma pessoa no meio da rua, sem estar a serviço do capital, fazendo arte. De repente eu ali, sendo essa pessoa. Não demorou muito pra algumas

peças começarem a passar mais perto. É sempre assim, na rua. Primeiro, o espanto. Depois, a curiosidade. Mas sempre a surpresa (já chego nessa parte). Nos mutirões, como geral já sabe que o graffiti vai acontecer, a aproximação é imediata. Na rua sempre tem esse momento inicial de choque. O engraçado é que, no meu caso, não há uma naturalização em seguida (prometo, já chego nessa parte).

Não demorou muito pra algumas pessoas começarem a passar mais perto. É sempre assim, na rua. Primeiro, o espanto. Depois, a curiosidade. Mas sempre a surpresa (já chego nessa parte). Nos mutirões, como geral já sabe que o graffiti vai acontecer, a aproximação é imediata. Na rua sempre tem esse momento inicial de choque. O engraçado é que, no meu caso, não há uma naturalização em seguida (prometo, já chego nessa parte). Mas tanto nos mutirões quanto na rua, as crianças parecem se sentir confortáveis para se aproximar, fascinadas. Especialmente as meninas.

É visível como eu me torno um ímã pra molecada. Várias vezes tem vários caras pintando, mas as crianças vem ate mim, perguntam o que eu tô fazendo, pedem pra participar. Depois de um tempo os garotos vão interagindo com os grafiteiros homens, mas as meninas seguem comigo. Eu já fui como essas crianças, fascinada com os desenhos (eu sempre desenhei), mas insegura o bastante pra não querer muito contato com homens adultos. Eu já estava na metade do desenho quando passou uma mãe com uma menina de 6 ou 7 anos

“Olha mamãe! que bonito!”

A mulher me deu um sorriso amarelo e seguiu com a menina pela mão, tentando desviar sua atenção.

Eu gostaria de ter feito este graffiti no final de 2022, entregar um relato interessante, cheio de fotos que o Noah fez (tem foto dessa menininha também, ficou linda), mas como eu disse, a vida não anda muito fácil. As latas de spray são caras e no final daquele ano eu ainda estava com complicações financeiras devido à um assalto que sofri em setembro. Demorou um pouco pra eu me estabilizar. Mas escrever essa carta não foi tão difícil. Essa experiência não foi tão diferente assim de todas as outras vezes que grafitei ou transitei pela cidade.

Na verdade é meio por isso que decidi pesquisar a produção do espaço urbano a partir da perspectiva de corpos dissidentes na arte de rua. Nossas corpos tem dimensão vivida das desigualdades colocadas pra nós na cidade capitalista, e usamos a arte como uma ferramenta de expressão de nossas experiências, enfrentamento às desigualdades e disputa pelos espaços. Quando me perguntaram qual seria o recorte espacial da minha pesquisa, eu não hesitei em responder que era o corpo. Nossas corpos. Me interessa tecer narrativas não só sobre os espaços que nossas corpos ocupam, mas também as narrativas que criamos para e ao ocupá-los. “Se o Estado diz que não, meu corpo é uma ocupação”, já dizia o grito de guerra do Slam Respeita, uma batalha de poesia criada por e para pessoas LGBTQ+ e mulheres cis.

Quando meu amigo Douglas Nicácio morreu, em 2017, eu fiz um graffiti num muro à caminho da faculdade, em sua homenagem. Dizia “Todo corpo é um território, todo território é um corpo”. Ele costumava trazer essa questão em nossas conversas nos grupos de estudo. O graffiti foi apagado na semana seguinte pela prefeitura, que pintou o muro de branco e colocou uma placa que dizia “espaço reservado para artistas e grafiteiros”. Contraditório, não é? Apagar um graffiti pra reservar o espaço para graffiti. Bem, acho que isso resume bem como a cidade lida com a arte de rua. Pode, desde que seja autorizada, convidada e atenda aos interesses do capital para compor a paisagem. Existir nesses espaços para além disso é, como eu já disse, uma afronta.

E existem papéis bem delimitados para corpos dissidentes dentro do CISTema. Ocupar as ruas públicas com arte não é um deles. E foi nessa que o Noah, além de captar em suas fotos os olhares intrigados das pessoas que passavam por nós enquanto eu grafitava, também precisou intervir, mais de uma vez, quando um ou outro queria puxar conversinhas irrelevantes que atrapalhavam meu trabalho e me constrangiam. É complicado descrever uma conversa com conteúdo aparentemente superficial mas com conotação bastante clara de assédio, quando você não está consentindo sequer na continuação da interação e ainda assim o cara insiste em “conversar”. Mesmo depois de você pedir pra dar licença. Mesmo depois de você e seu amigo pedirem licença. Nós não temos voz, parece.

A destituição do lugar de sujeito de direitos que pessoas dissidentes enfrentam está em vários dispositivos sofisticados e sutis no dia a dia. Meu desafio nessa pesquisa é identificar alguns deles através dos relatos e das artes dêis artistas entrevistados. E sabe aquela parte que prometi voltar? Pois bem, já era quase meio-dia quando um homem de meia idade se aproximou para fazer uma pergunta:

“Você que está fazendo esse desenho?”

Eu sinceramente não sei como ainda me surpreendo com essa pergunta, não houve um único dia que eu tenha saído pra grafitar que não tenha ouvido essa pergunta, às vezes mais de uma vez, por pessoas diferentes. Não importa há quantos minutos a pessoa esteja me vendo fazer o desenho, não importa se o momento de espanto inicial tenha passado, não importa o quanto toda fazedura do graffiti esteja distante do cotidiano das pessoas, é tão des-natural que um corpo como o meu ocupe esse lugar, que a surpresa parece simplesmente insuperável. Olhei pra lata de spray na minha mão, pras minhas mãos cheias de tinta, pra parede à minha frente, toda colorida, olhei pro homem que me olhava com um sorriso besta, e respondi.

“Não”.

meu primeiro lar

- Lívia Perfeito Sampaio

13 de dezembro de 2022

Quando a turma da disciplina Interseccionalidades, gênero, corpo-território (2022.2 - EAU/UFF) foi solicitada pela profa Rossana Brandão Tavares a fazer uma corpografia indisciplinar, a partir dos artigos Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas (2010) de Paola Berenstein Jacques e Indisciplina Epistemológica: Viradas metodológicas para o campo da Arquitetura e Urbanismo (2021) de Rossana Brandão Tavares e Diana Helene Ramos, a primeira lembrança que me veio à mente foi a relação do meu corpo com a minha primeira casa e algumas das consequências dessa vivência espacial. Até os 14 anos de idade, quase 15, vivi com minha família em um apartamento pequeno e quente, em Irajá, no subúrbio do Rio de Janeiro, onde a vista das janelas dava para a cozinha dos nossos vizinhos. Foi nesse espaço em que fiquei a maior parte do tempo desses anos. Quando saía de lá, na maioria das vezes, o local de destino era também algum ambiente fechado, como a escola, a casa de familiares e amigos ou o shopping, cujo um dos atrativos era ter ar-condicionado, nos salvando em vários verões. Hoje, depois de muitos anos, leituras e práticas feministas, penso que, se eu tivesse sido um menino cishétero, talvez tivesse frequentado mais o espaço público do bairro para brincar, jogar futebol e soltar pipa, como nas imagens suburbanas clássicas, mas, como fui uma menina cishétero branca, em uma sociedade patriarcal, o que mais fiz foi ficar dentro de casa (imagem 1 e 2)

Como consequência dessa vivência, demorei muito tempo para aprender a sentir prazer em estar no espaço público. Lembro que, durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo, muitas vezes ouvi professores e professoras usarem o termo “espaço de contemplação” para nomear uma parte de parques e praças, onde, resumidamente, as pessoas paravam apenas para observar e sentir o ambiente. Racionalmente, entendi rápido a ideia, mas ainda levou muito mais tempo para que eu pudesse realmente me conectar emocionalmente com isso. Foi só quando consegui experimentar mais a cidade, como um todo e com frequência, que finalmente entendi de fato.

Outra situação que, depois de muitos anos, percebi que tem ligação com a vivência nesta primeira moradia foi a dificuldade que tive para entender a importância da vista de uma janela. Mais uma vez, durante a graduação, eu compreendia racionalmente que era tido como algo positivo que uma janela mostrasse, por exemplo, o mar, o Cristo Redentor, entre outros, mas eu também não conseguia me conectar emocionalmente com aquilo. Mesmo já vivendo em outro apartamento, que tem uma vista



Imagem 1 - Eu, brincando na sala da minha primeira casa, por volta de 1993.

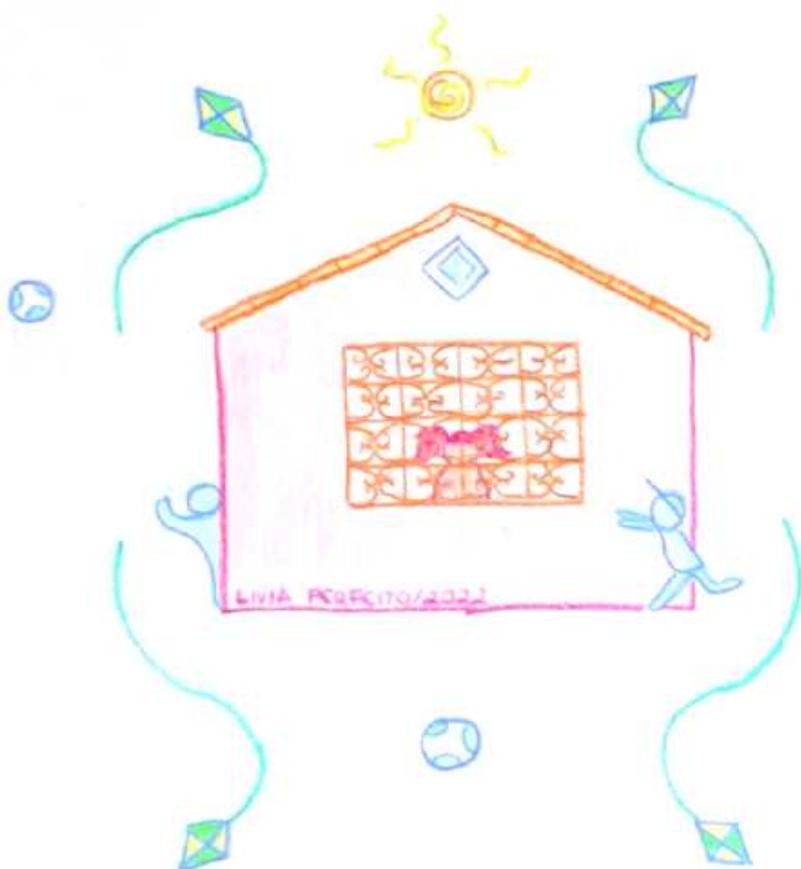


Imagem 2 - Ilustração que desenei durante o processo de reflexão. Procurei utilizar elementos associados usualmente ao subúrbio carioca, como as casas, as imagens nas fachadas, as grades nas janelas e/ou cobogós, além de reproduzir também as atividades que descrevi anteriormente: brincar na rua, jogar futebol e soltar pipas versus ficar em casa. Já com o uso do azul e do rosa, representando respectivamente meninos/espço público e menina/espço privado, tive a intenção de denunciar criticamente a divisão dicotômica das práticas espaciais dentro do patriarcado. Fonte: Autora (2022)

ampla do céu em todas as suas janelas, eu ainda não tinha adquirido o hábito de olhar para fora, depois de tantos anos vivendo onde a vista era a cozinha dos vizinhos.

Felizmente, hoje, eu consigo sentir o prazer de observar até a vista mais simples possível de uma janela: o céu (Imagem 3). E isso faz muita diferença na qualidade do meu cotidiano. Aprendi que os pequenos prazeres devem ser celebrados, sobretudo em uma sociedade capitalista e patriarcal que nos quer tristes e impotentes. Além da celebração, entendo que a indisciplina estratégica também pode ser um caminho de transformação da relação do nosso corpo com o espaço. Por ter sido uma menina e ser uma mulher, perdi muito e continuaria perdendo se não fossem por alguns pequenos atos de indisciplina, como, por exemplo, correr sozinha pelas ruas desertas de Irajá, tarde da noite, ao voltar de alguma atividade que eu queria ou precisava ir; pedir para caminhar junto com alguma mulher desconhecida, ao perceber que ela estava indo para o mesmo lugar que eu, em um trajeto que me causasse medo; andar sozinha de táxi e aplicativos de carro; entre outras situações (Imagem 4).

Deste modo, o espaço onde vivi e onde vivo estão marcados em mim e fizeram com que essas e outras reflexões¹ nascessem, mas a capacidade de acreditar que as minhas experiências são válidas para pensar a arquitetura e o urbanismo veio a partir do contato com o feminismo. Por isso e muito mais, agradeço e aprecio a coragem das feministas de outras gerações. Afinal, se não fossem elas a trazer novas questões e/ou perspectivas, quando e por quem elas seriam levantadas em uma sociedade onde, muitas vezes, as necessidades das mulheres não são priorizadas?

Sendo assim, acredito que a relação entre o corpo e o espaço, que aparece, por meio da perspectiva feminista, quando as experiências pessoais são valorizadas e colocadas no centro da discussão, são fontes ricas para a reflexão e a transformação das nossas cidades e devem ser mais exploradas pelo campo da Arquitetura e do Urbanismo brasileiro. A partir dessa tarefa, há muito a ser descoberto, pois existem muitas vozes que ainda não foram plenamente escutadas e que podem trazer novos caminhos para, como dizem Tavares e Ramos (2021), uma virada epistemológica indisciplinar na arquitetura e no urbanismo.

Inclusive, levando em consideração o apresentado neste relato e refletindo sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo, conhecer e ter uma maior atenção ao histórico das práticas espaciais das alunas, alunos e alunas, sobretudo no início da graduação, é uma ação específica que vale a pena investir durante o processo de aprendizagem. O que pode parecer óbvio, após anos de experiência enquanto docente e/ou profissional, não necessariamente o é para os discentes. Penso que explorar os diferentes acúmulos espaciais de cada um para trocar conhecimentos é uma maneira frutífera para aproximar o aprendizado arquitetônico e urbanístico da vida cotidiana dos discentes e valorizar a diversidade de realidades que estão inscritas nos seus corpos.

1 Mais reflexões em: PERFEITO Sampaio, Livia. Mulheres e Subúrbios Cariocas: uma perspectiva feminista interseccional da segregação espacial na vida cotidiana. 2021. 170p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/25604>. Acesso em: 13 dez. 2022



Imagem 3 - Arco-íris em Irajá.

Fonte: Autora (2020).

Imagem 4 - Tirei essa foto no retorno do último dia da disciplina Interseccionalidades, gênero, corpo-território.

Eram umas 21h e estava chovendo em Irajá. A rua estava deserta, mas, mesmo assim, tirei essa foto, correndo, em 2 segundos. Meu objetivo com essa imagem foi registrar simbolicamente todos os momentos em que tive*

*que fazer isso com medo de estar sozinha, mas, ainda assim, segui em frente. Inicialmente, não pretendia

colocá-la neste trabalho, era algo para mim, que agora resolvi compartilhar. Fonte: Autora (2022).



Imagem 4

por cidades eróticas

- Camila Gavazzi

Por cidades eróticas

De pé ou em movimento,
existir longe do frenesi é raramente um convite aceito,
Estar na cidade é ter para onde ir
e a deriva de que falam os livros europeus
não funciona onde
andar é somente o trajeto entre dois pontos

Com olhar para os pés ou um horizonte nebuloso,
enquanto a visão periférica atua, às vezes olho para trás com medo
E a consciência de que o medo é um projeto
gera constrangimento por senti-lo

Sigo distraída em mim mesma
Fragmentos de pensamentos,
percepções automáticas, cotidianas

A arquiteta em mim se questiona em lampejos de consciência a
inconsciência do andar
Inconsciente ainda que seja um processo intimamente mental
De dissociação da experiência corporal

Combater a automação do costume exige a artificialidade da reflexão
Tornar-se um ciborgue urbanista
Que passa a notar por onde o olhar percorre
O que os ouvidos captam
E o que o corpo sente

A maior dissidência que se pode cometer
É ousar desejar a cidade
para longe da experiência domesticada
e facilmente digerida das imagens

Viver a cidade, corporificá-la,
cessar o isolamento mental
e em igual medida perceber-se enquanto corpo

Num estímulo mútuo de encarnação
Viver a integridade do corpo e dos sentidos

Trazer consciência ao processo inevitável de criar cidades
e atuar com intenção e responsabilidade,
com paixão e fogo revolucionário
De criar uma cidade de utopia erótica

Uma cidade de excesso e transgressão
Que nos tire de nós mesmos
Em direção ao outro
De indivíduos a sujeitos
De não-lugares a lugares onde se demora

BIBLIOGRAFIA:

HAN, Byung-Chul. *Agonia do eros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

HARAWAY, Donna J. *Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: *Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano / organização e tradução Tomaz Tadeu - 2. ed. - Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. - (Mimo)*

JACQUES, Paola B. *arquitextos 093.07: Corpografias urbanas | vitruvius*. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

TAVARES, Rossana B. ; RAMOS, Diana H. (2021). *Indisciplina Epistemológica: Viradas metodológicas para o campo da Arquitetura e Urbanismo*. *Indisciplinar*, 7(2), 232-277. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/38147>

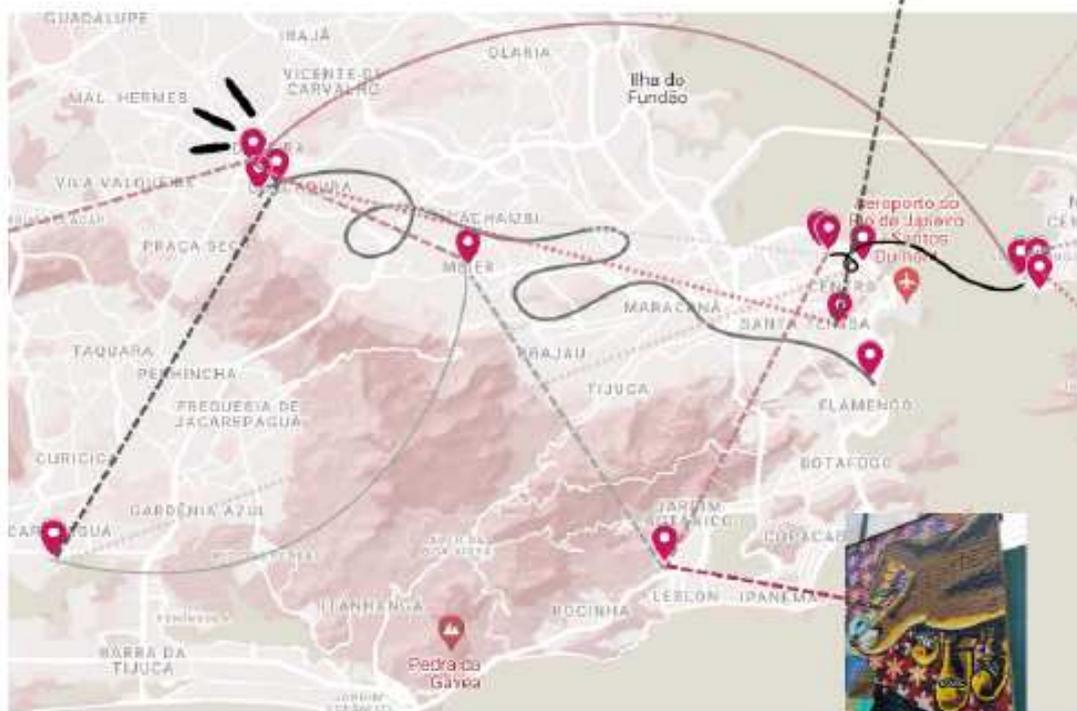
TAVARES, Rossana B. ; BONADIO, Mariana G. *Ao encontro do corpo: teorias da performatividade para um debate diferencial sobre espaço urbano*. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 23, 25 maio 2021.

CORPOGRAFIAS

Interseccionalidades,
gênero e corpo-
território.



Um percurso de
descobertas urbanas e de
memórias cartografadas.



Uma viagem pela galeria do meu telefone.

Um percurso a partir de deriva urbanas durante a
faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2017 / 2022.

Um diário em fotos e cheiros corporificados.

“A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade, o que passamos a chamar de corpografia urbana.”
- Jacques, Paola Berenstein



Casa de vó

Sobre pegar acerola no quintal e ocheiro do fusca azul.

Um dia de domingo
chuvoso no Méier.



Orla da Boa Viagem

Para refrescar a cabeça depois da entrega
de projeto.

Zona Portuária

Sobre subverter conceitos, sobre reinvenção.



Andar da Central até a Praça XV

E parar para descansar no CCBB.

Andar pela Gávea

Sobre deriva em grupo e foto dos arquitetos de pés cansados.



Perambulações de trem

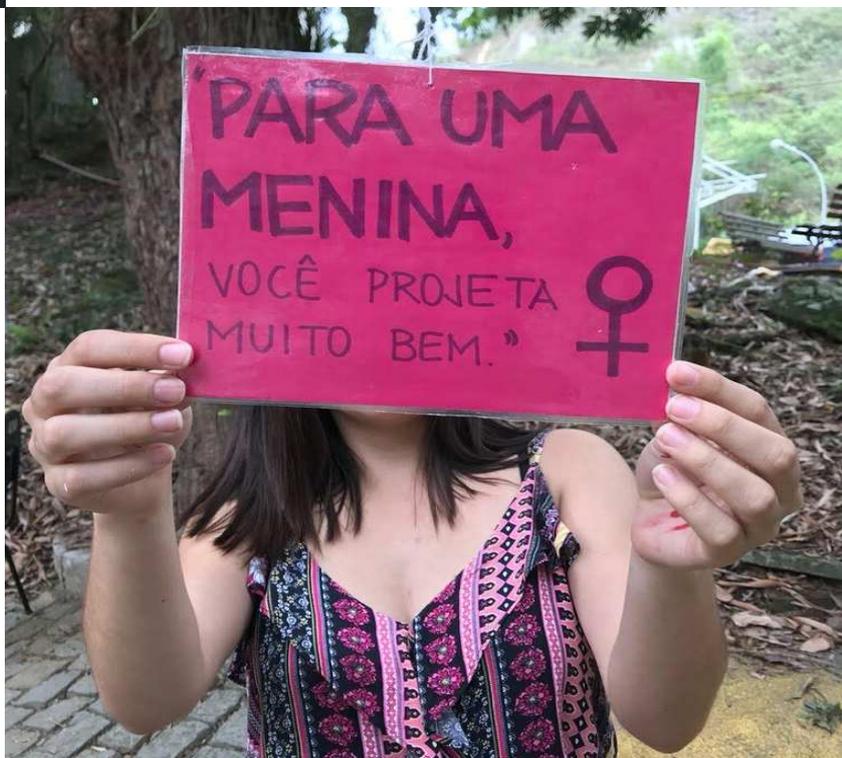
Atenção ao espaço entre o trem e a plataforma.



Parque das Ruínas

Sobre as estrias que ganhei pelo caminho.

Um Casarão e um Chalé,
noites sem dormir,
muitos afetos.



“... da corporeidade dos homens lentos, ou seja, a simples experiência corporal no cotidiano. Parto da premissa de que o estudo das relações entre corpo – corpo ordinário, vivido, cotidiano – e cidade, pode mostrar alguns caminhos alternativos, desvios, linhas de fuga, micro-políticas ou ações moleculares de resistência ao processo molar de espetacularização das cidades contemporâneas.” - Jacques, Paola Berenstein



pontos de calo

- Ana Beatriz

Mulheres, bikes e o colidir

Ao falar sobre corpografia e cotidiano na cidade, busquei retomar aos meus pontos de calo, de medo e insegurança recente sob o ponto de vista dos modais, em especial a bicicleta.

Andar de bicicleta não é medo!

Como o meu corpo está sujeito as escolhas as ações de xxxx pessoas?

Depois de alguns acidentes, de viver, de ver e sentir, alguns locais passam a ser doloridos. Nessa atividade revisitei também pontos de calo para outros corpos femininos.

Como a bike que é liberdade passa a ser medo?

EU COLIDI

Meus pontos de calo

Lugares onde meu corpo foi lançado, empurrado, machucado.

Busquei ir novamente a esses espaços a fim de vivenciá-los, observá-los, experimentá-los.





Além disso, quis deixar uma marca das exposições que os corpos femininos sofrem em acidentes de bicicleta.

EU COLIDI

Meus pontos de calo

Para cada imagem um acidente. Para cada imagem um corpo meu, de uma amiga, de uma conhecida. Para cada imagem uma moto que bateu, um carro que entrou, algum que não viu, uma bicicleta que colidiu e um corpo que caiu.

Na bicicleta a sua proteção é o seu corpo.

ELAS COLIDIRAM

Em meio a essa experiência, resgarei acontecimentos que haviam acontecido com pessoas próximas.

Essas pessoas, essas mulheres, esses corpos femininos também vivenciaram situações de desprezo, principalmente no que se trata de desenho de espaços urbanos, públicos, de ciclovia e locais que protejam nossos corpos.

Quem são as mulheres que utilizam bicicleta em Niterói?

As contagens de ciclistas realizadas entre 2016 e 2022 disponíveis no site da coordenadoria do Niterói de bicicleta não mencionam dados relativos a mulheres ciclistas.

Além disso, não foram encontrados dados da acidentes envolvendo corpos femininos.



De acordo com o global status report on road safety (2018) da world health organization, acidentes de trânsito são a principal causa de morte no trânsito de jovens de 18 a 29 anos.

Acidente de bicicleta é acidente de trânsito.

Uma ciclista sofreu um acidente aqui

Por fim, esse trabalho com concluído com a inserção de lembretes das colisões que mulheres sofreram nesses espaços.

Uma ciclista sofreu um acidente aqui uma ciclista sofreu um acidente aqui

**UMA CICLISTA
SOFREU UM
ACIDENTE AQUI**



descobrimo a linguagem das superfícies corpográficas urbanas

- Gabriel Marinho

Esta corpografia indisciplinar tem como metodologia a descoberta da mensagem que a cidade passa através das superfícies de seus muros e paredes.

É uma grafia baseada num processo desenvolvido a partir da interação de um corpo humano (meu olhar fotográfico) com superfícies de muros do meu bairro. Nisso o conhecimento teórico construído perpassa uma análise do concreto, do feito, do histórico.

O processo de construção da corpografia, se deu em dois dias, em horários distintos.

O caráter experimental do trabalho é uma imersão dentro da interseccionalidade do urbano, com relação entre gêneros, arquitetura, urbanismo e a reflexão feminista.

A ideia é identificar a linguagem não verbal inscrita na cidade sob breves fabulações poéticas, questionamentos e críticas presentes em recortes específicos: fotografias em proporção 1x1, ortogonalmente.

Tais superfícies têm correlação entre público e privado pois são muros que protegem moradas privadas.

Os corpos anônimos constroem a cidade em movimento.

A cidade é habitada pelo privado que se faz público. Cada moradia é um anonimato poderoso, na perspectiva de que ainda que desconhecido, altera, move e (afeta os afetos) do público, trazendo as marcas de seu privado.

Qualquer descoberta é resultado de um olhar indisciplinar.

A disciplina pressupõe o já existente como conhecimento dado.

A disciplina deve andar juntamente com a indisciplina.

“ela teve a ótica afetada por um afeto desestabilizado desde a infância. Por trás do muro se escondia seu choro e gemidos. Sua relação tóxica com o paterno formou uma fronteira. A superfície foi marcada desta forma, em opressão, cisão e silenciamento” duas partes tão próximas, mas quase impossíveis de se envolver pela força do amor puro. Esta fotografia é imagem possível do estado da mulher interior que ela se tornou com o tempo.

Onde está o registro da coreografia dos corpos em invisibilidade?

Onde está a movimentação dos corpos ansiosos?

O esforço dos corpos em opressão sob a pressão de serem melhores do que são sempre movidos pela culpa.

Onde está a movimentação dos corpos depressivos?

O peso da tristeza que também se esconde em sua essência, por trás de fachadas/invólucros/peles de pessoas tão próximas ----- mas ainda tão distantes.

(o preconceito e o negacionismo da realidade é uma forma de opressão que faz pressão sobre os ombros invisíveis.)

Onde está o registro da imagem de alegrias anônimas provocam em meninas e meninos que, ainda que presentes num mundo sombrio, provam de emoções puras de alegria em inocência?

A construção das experiências na infância é um processo de aventura constante, que não deve ser intimidada ou calada, mas tratada como corpografia sagrada, que não deve ser alvo de palavras malditas. As palavras paternas e maternas são grandes compositoras de uma corpografia.

Qual peso de uma emoção não falada?

Quanto pesa na saúde mental o sentimento censurado?

As vontades os desejos a voz?

Onde há autoestima, amor-próprio e emoções faladas?

“ele, com as mãos, fez muitas artes como seus registros espontâneos. Mas lhe pesou olhares de julgamento...” o peso do julgamento na perspectiva do que deveria ser feito, também é um registro corpográfico silenciado sob a pena de rejeição. São indisciplinados e corajosos, eles que conseguem ser quem são sem o peso da culpa e medo.

_ “isso não é coisa de menino.”

A fachada é um fragmento da construção (arquitetônica)

A pele do corpo humano é um fragmento da construção (biológica)

A construção do bom ou mal é um processo espontâneo. Os corpos são construídos por muitas mãos. São muitos pedreiros que trabalham a argamassa e assentam tijolos de uma obra grandiosa.

As relações, sejam elas malignas ou essencialmente benignas, sempre estarão presentes em uma dualidade.

Olho mágico improvisado

Pensar o olhar voyeur é pensar a tensão da ótica que deseja ser anônima sobre o outro. O masculino sobre o feminino; o feminino sobre o masculino; masculino sobre o masculino feminino sobre o feminino... A curiosidade do olhar stalker:

O[in]discreto

A curiosidade parte de corpos públicos para a nudez privada. A curiosidade parte de corpos privados para a nudez pública. Esta é uma fotografia de uma corpografia ótica as sexualidades anônimas se fazem presentes na grafia, mas de forma discreta, tímida e inviabilizadas. Na corpografia da sexualidade não celebrada, a marginalização é um processo automático. Ausências e silêncios se repetem. Apesar de invisíveis, esta é uma corpografia que sonha ser registrada, sob a aspiração de ser livre e amada. Sonham com a validação. A descamação da superfície é a renovação do corpo. O corpo de hoje não é o mesmo corpo de amanhã. [des]camação

O ambiente afeta o corpo o corpo afeta o ambiente.

As manchas são marcas da grafia de muitas coisas sobre os corpos. Manchas de nascença.

Manchas de sol. Ou manchas do pecado racista. Manchas de apedrejamentos sobre corpos femininos. Superfícies hiper registadas. Esta é uma imagem de uma corpografia multicorporal. Nesta fotografia há formação de um mosaico distorcido, onde o registro de muitas marcas se misturam, confundindo a imagem do corpo puro, ou sem influências de outros.

Superfícies sensíveis. Esta é uma imagem de uma corpografia tátil.

O poder do toque do outro é um dos processos de registro mais potentes.

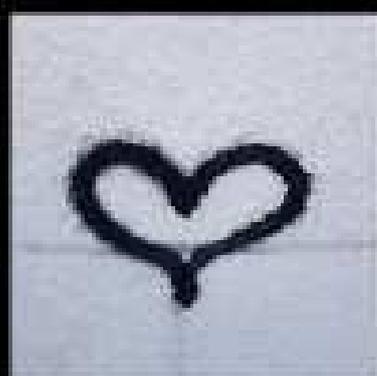
A mão é um instrumento polissêmico. Suas obras são múltiplas e quando entram em contato com outro corpo, há registro imediato de uma nova inscrição afetiva.

Onde está a coreografia do corpo masculino que é impulsionado a se expressar em danças?

Esta é uma coreografia estigmatizada, tida como vergonhosa, uma resistência que nasce a partir do silêncio. Superfícies azuis. Esta é uma imagem de uma coreografia invisível. O drama desta grafia desconhecida é a restrição de quem finge ser o que na verdade não é...

O amor é polissêmico invisibilizados em muitos caminhos move corpos em afetos diversos em sentidos amplos, afeta a corpografia. O amor próprio afeta o outro e o outramento faz mudar sua semântica está representado por um coração simétrico, mas é muito mais assimétrico.

[multi]
corpo
grafias



corpo[grafia]s

- Giovanna M. Costa

O que realmente determina o direito à cidade de cada indivíduo?

Sua classe social? Seu gênero? Sua sexualidade?

Todos nós vivemos diferentes cidades. Nossas experiências nas cidades variam tanto de pessoa para pessoa que é possível falar que uma cidade pode, na verdade, ser na verdade várias cidades que possuem o mesmo nome. A minha experiência com a cidade em que eu moro é diferente da experiência com a cidade que você, leitor, tem, ainda que sejamos vizinhos. Essas vivências variam dependendo de questões que variam entre gênero, sexualidade, raça, classe social... As cidades que experimentamos são tão singulares como nós.

Que pessoa fora do espectro “padrão” homem branco cis-hetero-allosexual nunca recebeu um “Me avise quando chegar!” ao invés de uma despedida? Essa frase, carregada de preocupação, é uma frase que praticamente todas as minorias do mundo escutam diariamente. Principalmente as mulheres (sejam elas cis ou trans).

Desde muito novas, as meninas aprendem que a questão de segurança é diferente para elas. Nós crescemos condicionadas a andar pelas ruas procurando os lugares mais movimentados, a ir o caminho mais longo porque ele é um pouco mais seguro, a não sairmos sozinhas, a procurarmos as ruas mais iluminadas... Ainda que exista perigo para todos, para as mulheres a vida é um pouquinho mais perigosa.

Tendo em mente essa diferença de vivências nas cidades, a proposta da presente corpografia consiste em analisar a maneira que as mulheres colocam seus corpos nas cidades. Partindo de relatos populares no Twitter, pesquisei por palavras chave para ver COMO as mulheres se sentem andando nas ruas.

Ainda que muitas partam do humor, falando que preferem ser seguidas “pelo demônio” do que por um homem na rua, a situação das mulheres que fazem parte das cidades é uma de medo. Medo de sair. Medo de andar.

Medo de viver.

Uma cidade bem planejada é uma cidade democrática, o que significa que todos os indivíduos possuem o direito de andar pelas ruas sem medo, independente da hora ou lugar, se encontrar com os amigos na praça, utilizar um transporte de massa digno independentemente de sua localização geográfica.

Uma rua deserta não deveria nos lembrar de relatos de momentos ruins ou nos inspirar medo.

Todos os relatos apresentados na presente corpografia foram retirados de perfis públicos no Twitter, com seus respectivos autores e datas de publicação presentes nos posts correspondentes. Os mais antigos, que porventura pertençam a contas suspensas foram retiradas de páginas também públicas e todas as fontes estão nas imagens equivalentes. A rede social em questão foi escolhida para o exercício porque a maioria dos usuários usa o Twitter como local de desabafo. Por permitir um certo anonimato, diferente de redes sociais como Instagram e Facebook, o site funciona quase como que um diário, permitindo que as pessoas relatem casos sem o medo de serem julgadas.

A ideia apresentada aqui surgiu na cidade em si. Quando, no começo da noite, logo após receber uma “cantada” no ponto de ônibus, um homem em situação de rua me atirou um chinelo por conta do meu cabelo colorido. Tudo em um intervalo de 10 minutos, em um trajeto que estou acostumada a fazer diariamente.

Após o acontecimento, relatei o acontecido no Twitter, principalmente pelo caso da chinelada ser extremamente inusitado. Ao ver a preocupação dos meus amigos, pensei em pesquisar quantas mulheres relatam suas vivências no site.

O resultado é o aqui apresentado.

Vi relatos de desconhecidas e de amigas, lado a lado. Relatos de mulheres do Norte e do Sul. De megalópoles e de pequenas cidades do interior. De pré-adolescentes e de mulheres mais velhas do que a minha mãe.

Foi um baque.

Ainda que nós saibamos que as cidades das mulheres são diferentes, é chocante para nós saber que nós não estamos sozinhas. É aterrorizante saber que não estamos sozinhas.

A rua vazia que para eles é relaxante, para nós é quase como que a materialização do medo.

Onde eles sentem um medo, nós sentimos vários.

Ler os comentários é um exercício completamente diferente. E ficará para outro momento.

No meio de palavras de apoio e de mensagens preocupadas, encontramos homens chamando a situação de “mi mi mi” e falando que a mulher “mereceu”. O anonimato é uma faca de dois gumes.

Os relatos aqui apresentados são reais. Aconteceram com mulheres reais. Normais.

A nossa cidade é diferente da cidade deles.

corpografia

- Nathany Souza

A cada dia que passa estamos olhando mais para baixo por conta do uso excessivo do celular. Por muitas vezes vemos a silhueta dos prédios através de sombras ou de reflexos formados no chão.

“As pessoas estão cada vez mais conectadas ao celular e não conseguem desligar desse hábito quando estão dirigindo ou andando na rua, ao atender ligações, acionar aplicativos e até para digitar mensagens. Tirar os olhos do trânsito por apenas 2 ou 3 segundos é o suficiente para causar um grave acidente”(CZERWONKA, 2015)

Por vezes conhecemos mais o piso do local do que o próprio espaço em si.

Desde o dia que comecei a fazer esse trabalho percebi alguns elementos que antes nunca parei para prestar atenção.





suspensão em movimento

- Clarisse C. Linke

Vinculando o corpo e a vida, assim como suas pausas, ao espaço, ao tempo e à paisagem.

Suspensão

sub. fem. Ação de suspender, de interromper temporariamente; estado de suspenso. Interrupção temporária ou adiamento definitivo de; pausa: suspensão do jogo (Oxford).

Suspensão em movimento (possibilidade #1)

Ato de se deslocar pela cidade permitindo-se a alienação; a pausa; a livre associação guiada pela experiência vivida incorporada¹.

Suspensão em movimento (possibilidade #2)

Registro da memória urbana da prática ordinária do cotidiano, experimentado e inscrito no corpo por sons, palavras e imagens.

Suspensão em movimento (possibilidade #3)

Momentos de suspensão como possibilidades para “inversões de sentido das interações sociais, do desarranjo de regras e de desvios inesperados das rotinas urbanas” (RIBEIRO, 2010).

Suspensão em movimento (possibilidade #4)

Não é a contemplação desejada pelo imaginário burguês. Mas:

O rompimento das fronteiras binárias entre público e privado. No qual a cidade (espaço público, em movimento) também pode oferecer tempos para a pausa alienada (geralmente vivida no espaço privado, estático);

Uma “reflexão sobre o urbanismo, através do desenvolvimento de outras formas, corporais ou incorporadas, de se apreender o espaço urbano para, posteriormente, se propor outras formas de intervenção nas cidades” (JACQUES, 2008).

Reflexões, fotos e áudios realizados entre 6-8/12/2022 por Clarisse C. Linke

Suspensão em movimento

Vinculando o corpo e a vida, assim como suas pausas, ao espaço, ao tempo e à paisagem.

Clarisse Cunha Linke, 12 de dezembro de 2022

Sugerimos que o vídeo seja assistido em modo janela flutuante.
Tempo de duração: 8 min.

historiografia urbana feminista

- Marcele Figueiredo

Historiografia urbana feminista inscrita na pele e transcrita nos muros

Esta [corpo]grafia [in]disciplinar tem como objetivo expor o trabalho de mulheres que usam seu poder de manifestação artística através da experimentação dos seus próprios corpos nos espaços urbanos. Grafiteiras, críticas e feministas, elas manifestam seus anseios e paradigmas vividos e denunciam violências expressas no cotidiano das mulheres como a insegurança sofrida por elas no habitar, seja público ou privado, através da arte do grafite, da ilustração e da tatuagem.

Tem como metodologia evidenciar a experiência do ser mulher e as dores que a condição do feminino carrega. É uma forma de expressão da subjetividade humana. A construção do processo passou por uma pesquisa do trabalho dessas mulheres, e da minha própria identificação enquanto mulher com a realidade por elas exposta, através da afirmação e do atravessamento das minhas inquietações pessoais enquanto mulher, negra, periférica e de classe média baixa.

O caráter experimental do trabalho é uma reflexão do urbano a partir de uma perspectiva feminista que busca acrescentar novas lentes aos territórios para além da reprodução patriarcal do modo de se fazer cidades, através das ações intervencionistas e da arte muralista.

Este trabalho visa fomentar as discussões sobre arquitetura, urbanismo, feminismo, gênero, raça e classe, como manifestação urbana. A intenção é apresentar as produções artísticas dessas mulheres a partir de uma leitura poético crítica com fragmentos de textos variados a fim de formar uma composição própria. Esse ideal representa o fragmento que todas nós mulheres carregamos dentro de nós e a força da união e da ancestralidade de mulheres transformadoras e insubordinadas que vieram antes e virão após.

“Segredo”, fuga fértil em meio ao genocídio. Mantendo o segredo, espalhando sementes” (ITZÁ)

“A rua é o meu trabalho sem padrões, a minha casa sem marido, salão de festa colorido.” (ITZÁ)

“o útero é do tamanho de um punho...”. (FREITAS, 2017).

“As cidades são, notadamente, reduto dos homens.” (KERN, 2021).

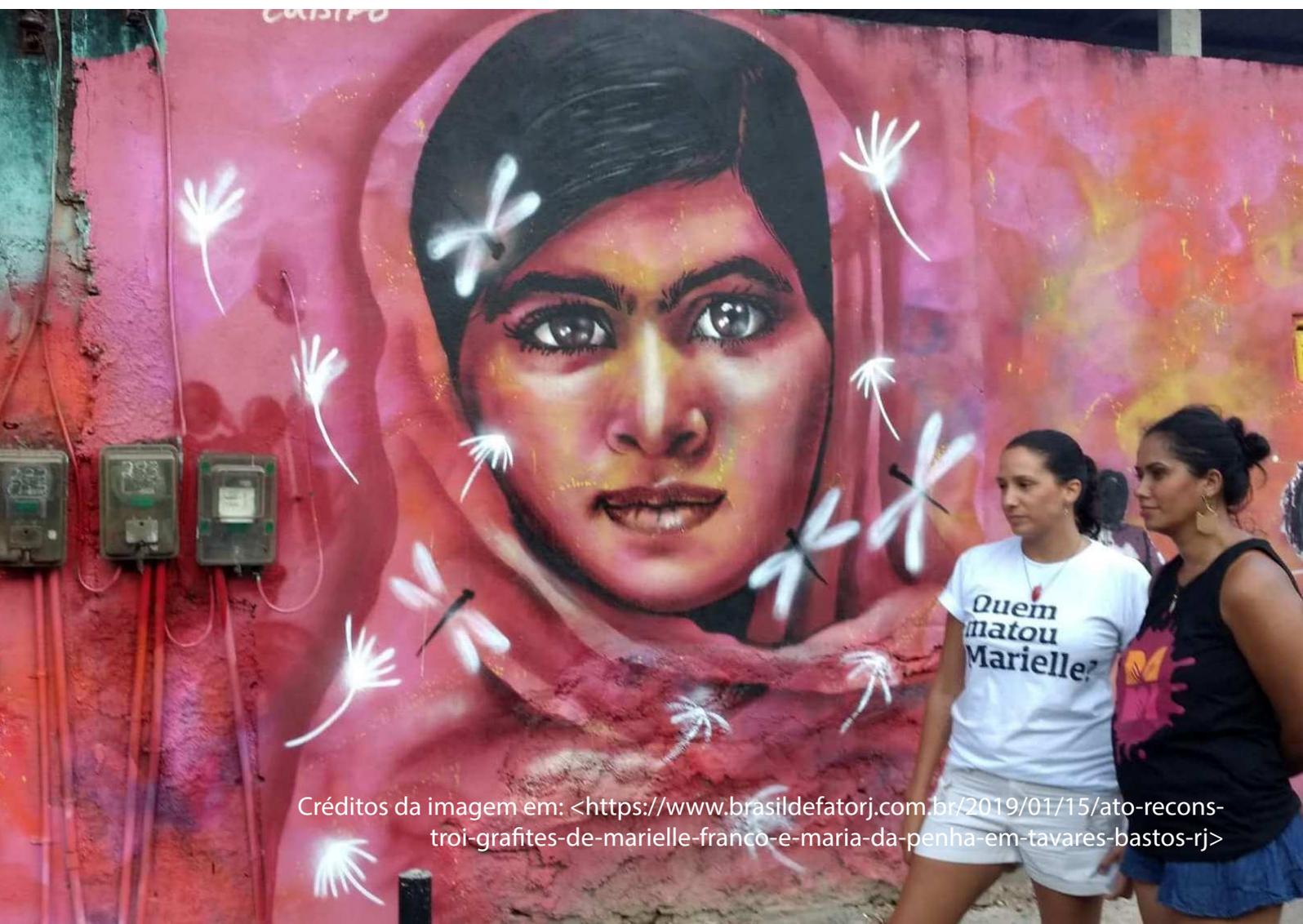
“Minha cidade, minha vida, meus sentimentos, minha estética, todas as vibrações de minha sensibilidade de mulher têm, aqui, suas raízes.” (Cora Coralina)

Luto como mulher.

“É a mulher que não recusa nada em sua história, que não foge de nada, embora paradoxalmente e, conseqüentemente poeticamente, apareça por vezes dizendo não e apareça também algumas vezes fugindo.” (ITZÁ)

Ser político. Ser social. Ser arquiteto e urbanista.

Por futuros urbanos, sem desigualdade, violência e privação.



Créditos da imagem em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2019/01/15/ato-reconstroi-graftes-de-marielle-franco-e-maria-da-penha-em-tavares-bastos-rj>>



Créditos da imagem em: <<https://agenciadenoticias.uniceub.br/cultura/artista-de-rua-na-bahia-evoca-feminismo-e-luta-antirracismo-em-grafite/>>

corpo e cidade

- Hugo Freitas da Cunha

Mesmo que a cidade venha com tuas luzes nos iluminar, meu bem
Mesmo que a energia que vem daí de seus dispositivos queiram nos governar [conduzir]
Eu ainda insistirei em encontrá-la [a cidade] por outras vias, que não de haver.

Mesmo que teu cenário armado e tramado num intenso espetáculo busque nos esvaziar
E que nossas ações se empobrecidas tendam a desvanecer
Há de se escapar da cena, fugir do enlace, prática errante de quem quer inda [ir de] vagar

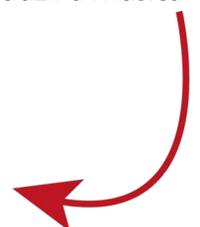
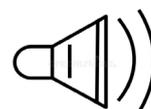
Mesmo que estratégias, poderes, discursos operem conjuntos a fins de dominar
Mesmo que essas terras tenham sido um lugar que o homem branco quis colonizar
Há de haver um bando, uma tribo, um espanto, um corpo encarnado que ainda resistirá

Mesmo que tudo isso assim exista ainda persistem forças a desviar
E que desta deriva pudemos ver a gravura que a urbe produzirá em nós
Há um reencontro, portanto, do corpo e a cidade, dança cigana, que irá nos alegrar.

Clique no ícone para reproduzir a música

Letra e música: Hugo Cunha

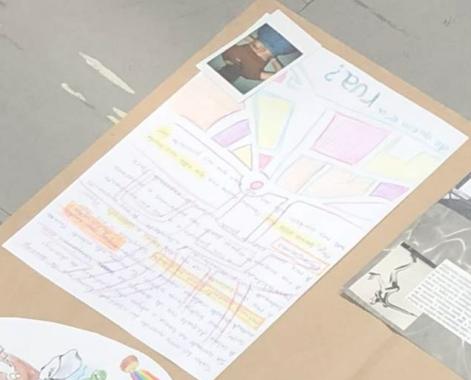
Violão e Voz: Hugo Cunha





S o que aprendemos?

Rossana Brandão Tavares



MASCULINIDADE



GUERRA FABRICADA



Handwritten notes and diagrams on a piece of paper, including the word 'MEMORIA' and various arrows and text.



Handwritten notes and diagrams on a piece of paper, including the word 'MEMORIA' and various arrows and text.

Uma das questões mais importantes desta experiência que ainda reverbera neste processo de organização da publicação, é ler e assimilar os depoimentos da turma, daqueles e daquelas que conseguiram se organizar com o prazo deste livro. É bom destacar que os autores e autoras aqui apresentados não compõem a totalidade da turma e de estudantes que transitaram pelas aulas. Contudo, é possível compreender a dimensão do impacto em todas, todos e todes nós. Esta perspectiva de ensino tem me feito acreditar no caminho e reconhecimento da escuta, da aproximação, do acalento, do compartilhamento, da fala, da pergunta (DINIZ e GEBARA, 2022) e da *indisciplina* como uma expressão da desobediência feminista, inclusive a acadêmica.

Tem sido reconfortante como professora perceber que as reflexões e problematizações, através do feminismo, sobre conceitos, teorias e práticas, correntes em arquitetura e urbanismo, são encaradas como perspectiva crítica e propositiva de novas abordagens para o campo. Apesar de início ser sempre uma dificuldade, até para os estudantes homens a disciplina fez sentido para seu aprendizado e pesquisa. A permanência deles na turma até o final do semestre, comprova a afirmação. Já tive outras experiências, ainda no doutorado, que em determinada disciplina quando tínhamos a oportunidade de compartilhar nossos projetos de pesquisa para debate, alguns se levantaram ou mesmo questionaram se a minha investigação fazia algum sentido para o mundo acadêmico...

Além disso, dar-se conta não só dos êxitos, mas de letramentos que ainda precisamos seguir construindo para si e com os outros, é ao mesmo tempo, lugar de reavaliações como lugar de aprendizagem para novas oportunidades de diálogos. Provavelmente aquilo que mais mexeu com esse grupo, no qual me incluo, são os desafios sobre as identidades de gênero, as trajetórias de luta e a própria condição das mulheres, em sua diversidade, no âmbito dos seus papéis sociais na história da divisão sexual do trabalho, e da própria colonialidade estruturante desse processo, combinando patriarcalismo e racismo. Muitas perguntas suscitam dessa experiência do ponto de vista pedagógico:

Como nos identificamos e identificamos o outro na linguagem, no trato, no olhar, no debate, no acolhimento, nas interpretações? Que espaços dialógicos são necessários construirmos sem constrangimentos, sem hierarquias de modo realmente interseccional, ou seja, na sua complexidade, onde atravessam patriarcado, racismo, heteronormatividade, ordem, poder, visões de mundo, experiências e corpo? Quais são as inclusões e exclusões a serem ponderadas nos temas e no modo como se constroem processos dialógicos em sala de aula?

Práticas espaciais de corpos que se *encorporam*, orientando ou desorientando espacialidades, como das que produzimos durante a disciplina, são o mote.

Dialogando com [...] Ahmed (2006), podemos supor a incorporação do trabalho intelectual ao compreendermos a própria consciência como sendo incorporada. Nesse sentido, nossos corpos se orientam

para alguns objetos enquanto outros são excluídos de nosso campo de percepção, postos em segundo plano: os objetos que percebemos depende de onde e como estamos situadas no mundo (espaço-temporalmente e nas rela..es de poder), mesmo que isso não envolva um ato voluntário de direcionamento (TAVARES e BONADIO, 2021, p.18).

Nesse sentido, o significado do *corpo* tanto como conteúdo programático (corpo-território), quanto do ponto de vista didático-pedagógico, parece ser central no modo como conduzimos o processo de ensino e aprendizagem. Em especial, num contexto de pandemia de Covid19, em que a reprodutibilidade digital na qual ficamos à mercê, colocou a presença dos corpos em xeque. Nesse sentido, é preciso radicalizar a leitura da materialidade social dos corpos, como um conceito que nos conduz à dimensão social e humana do espaço.. Como uma espécie de reivindicação do corpo como elemento central para romper com o positivismo metodológico na prática teórica e, consequentemente, na produção do conhecimento em arquitetura e urbanismo, onde a chamada “escala humana”, deixe de ser apenas um referencial antropométrico de projeto.

Por isso perguntas como:

Estamos reproduzindo os discursos e as ferramentas dos opressores ou dos oprimidos e oprimidas?

Faz sentido para a compreensão do lugar das teorias feministas, numa disciplina específica ou mesmo em outras em arquitetura e urbanismo, para provocar didaticamente um movimento de aprendizado crítico sobre os conteúdos programáticos?

Minha grande alegria com a disciplina INTERSECCIONALIDADE, GÊNERO E CORPO-TERRITÓRIO e com a produção deste livro é da simples possibilidade de nos **posicionarmos**, e mais ainda, de **valorizar** aquilo que é avaliado como desvio, isto é, nossa perspectiva sobre o mundo. ***O que tem valor na produção acadêmica? Como discutir teoria feminista como ferramenta para não nos neutralizar como sujeitas da pesquisa e do conhecimento?*** Parece que faz sentido confrontar a pedagogia dos conteúdos, da indiferença às estudantes, de dialogar de forma estreita com a realidade histórica e social, e com as biografias de cada um, isto é, valorizar os afetos que transitam e que podem ser mobilizados numa disciplina sobre interseccionalidade, gênero e corpo-território.

Nos sentirmos com desejo a, e orientar esse desejo num compartilhamento que ajuda a refletir sobre o nosso lugar, nossos compromissos, o que “topamos ou não topamos” fazer. Que disruptões, acomodações, limites, ações, suspensões são necessárias diante de nossos interesses práticos e estratégicos (MOLYNEUX, 2010) como corpos contra-hegemônicos? Isso porque o universal, a referência de mundo, de ordem, de eixo não é o feminino. Ao longo da história sobre a dominação colonialista, vimos que a masculinidade foi inventada como o modelo de existência, e representação do poder,

brutalizando, abusando e desumanizando a figura feminina, sobretudo, as mulheres negras, latinas e indígenas (LUGÓNES, 2020). O debate da reprodução social, do familismo, do *corpo-território* mobilizam e movimentam afetos e pontos de reflexão que tensionam as ditas “verdades científicas” aclamadas nas disciplinas que proclamam a ordem e a técnica. E mais do que isso, as críticas e os descréditos dos conhecimentos do cotidiano, da experiência, tomando a corporeidade como central nas interpretações de mundo e análises, colocam historicamente os saberes das mulheres no campo do sensível e não do racional (FEDERICI, 2017).

Ainda as mulheres são consideradas as ‘diferentes’ de outros que não se encaixam entre ‘os iguais’. Por isso, há indiferença ‘dos iguais’ perante tamanha diversidade. E isso se reflete também no urbanismo. (TAVARES, 2015, p.30)

Essa perspectiva ainda reverbera e fica evidente nos depoimentos. A própria indiferença às diferenças, que nos aponta Lefebvre (1970) e não foram inventadas por nós, atravessaram os debates sobre **corpo, espaço e território** realizados através dos textos de Verónica Gago e Dolores Hayden. Essa herança é inventada, mas produz ataques, destruições e corrosões reduzindo a diferença à indiferença. E os feminismos, em especial o feminismo negro e latino-americano, estão buscando formas de romper radicalmente com esses processos, ou seja, ir na raiz das indiferenças aos *corpos* contra-hegemônicos, aos *corpos* das mulheres, sejam elas cis, sejam elas pessoas trans ou lgbtqi+.

Quem autoriza e quem se sente autorizado?

*e quando falamos nós temos medo
de nossas palavras não serem ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
ainda estamos com medo.
Então é melhor falar
lembrando
nunca estivemos destinadas a sobreviver (LORDE, 2020).*

Ao mesmo tempo, vivenciei de forma profunda um processo de reflexão sobre minhas práticas, de naturalizações que cotidianamente é preciso desconstruir:

- Para corpos contra-hegemônicos, para as mulheres falarem, se posicionarem, analisar e interpretar a seu modo, não é algo natural.

- A nossa presença reconfigurada na fala e na própria performance, tensionando o que esperam de nós, permite também reconfigurar dinâmicas didáticas. Contudo, é preciso permitir que isso aconteça.

- E antes de tudo, levar em consideração a presença dos nossos corpos na forma de estruturar os conteúdos estudados em aula, faz sentido como parte dos critérios de organização de uma disciplina, não só para aquelas que tratam das questões de gênero.

- Além disso, é revelador um aspecto: o uso de obras artísticas, ou narrativas literárias, como a música e a poesia, ativam nossa sensibilidade, mas também a compreensão de conjunturas sociais que estão distantes da narrativa tradicional da ciência, das narrativas consideradas marginais (PEREIRA, 2015), ou não científicas.

- De como as teorias feministas numa abordagem interseccional, num fazer dialógico que alia subjetividade, história, cosmopercepções (OYĚWÙMÍ, 2021) e vivências, produzem possibilidades de um posicionamento não restritivo ao entendimento e assimilação dos conteúdos, e sim de compreensões para mudanças.

Como Ana Clara Ribeiro (2010) nos apontou sobre a importância de perceber as “viradas de mesa” dos sujeitos nos estudos urbanos, provocar essas viradas em sala de aula, correlacionado a teoria feminista interseccional com a didática, é central. Talvez essa seja uma forma radical de não partir do pressuposto da alienação de estudantes que se engajam em nossas disciplinas, tendo um olhar atento e sensível para além das aparências, do que se revela pela nossa percepção moldada e ordenada, que por vezes subjugada às compreensões e interpretações do mundo, reveladas em sala. Cada vez mais, nossas universidades são ocupadas por estudantes periféricos, negros, indígenas, deficientes físicos, e essa realidade nos impõe mudanças profundas no ensino do ponto de vista prático e teórico. Aqueles sujeitos, que num entendimento tradicional antropológico, seriam enquadrados cientificamente como objeto de estudo, hoje ocupam e disputam o modo de produção do conhecimento, inclusive, no ensino, no chão da sala de aula. Essas presenças emergem, por si só, a urgência das abordagens decoloniais.

Outro ponto é perceber que tanto os conteúdos como as mudanças na relação com as pesquisas e com o próprio campo do conhecimento - a arquitetura e o urbanismo, em diálogo com pessoas de outras formações, - é algo bastante significativo para considerar que, no sentido didático-pedagógico, os depoimentos e reflexões aqui compartilhados, podem contribuir com àqueles que buscam referências para construção de outras práticas *indisciplinares*, isto é, com disciplina o suficiente para romper com a indiferença às corporeidades diversas e aos modos de produção do conhecimento alienantes e de submissão de conteúdos, sem perspectivas críticas.

Iniciar as aulas solicitando para que a turma formule suas próprias perguntas, parece ser um caminho mais promissor do que pedir que elas e eles respondam às minhas perguntas e confirmem as minhas certezas de professora.

Entretanto, há algo que parece se repetir, tanto nesta disciplina, como em outras que venho lecionando há alguns anos na graduação em arquitetura e urbanismo: como o conceito de espaço é desafiador. A dimensão espacial provoca inquietações teórico-conceituais, pois é percebido pelos discentes que a reprodução da ideia de espaço como um sistema de objetos, e não a sua relação com o sistema de ações (SANTOS, 2006), acaba por reduzir a própria compreensão do conceito. Conseqüentemente, se revela nas disciplinas esse entendimento restrito ao físico, vindo a reduzir ou simplificar a correlação com as problemáticas de gênero em arquitetura e urbanismo. E assim, recair numa especificidade temática que nada tem a ver com as abordagens feministas como teoria social crítica.

É relevante destacar que essa disciplina aconteceu em um cenário devastador, num contexto de retomada de aulas presenciais por conta da pandemia de Covid19, quando as atividades acadêmicas enfrentam os desafios de defasagens de aprendizado; das dificuldades de sociabilidade coletivas próprias do ambiente universitário (FARAGE, 2022); das dificuldades de deslocamento até a universidade; e algo que se mostra um desafio constante nos últimos tempos: salvaguardar a importância de estarmos no chão da sala de aula. Talvez essa seja a grande orientação didático-pedagógica que nossa experiência tem para oferecer. A percepção de que todo o processo de aprendizagem e reflexões detonadas a partir da disciplina só foram possíveis por que partiram das presenças corpóreas de cada um de nós no espaço da universidade. Provavelmente, o ponto de partida temático mais promissor em função disso, reavaliando o modo como estruturamos nosso plano de aula, seria o de **corpo-território**, demarcando assim o sentido amplo e estrutural que atravessa múltiplos desafios de ensinagem e diálogos para dentro e para fora da universidade.

agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas envolvidas na produção e edição deste livro, colaboradoras, revisores, apoiadoras, diagramadoras, bolsistas e apoiadoras do nosso grupo de estudos e pesquisa Urb.ANAS/GPDU/UFF. Vocês foram fundamentais nesse processo coletivo.

Também a todas, todos e todes autores do livro, assim como a turma em geral da disciplina Interseccionalidade, gênero e corpo-território/Seminário Avançado IV, que fizeram parte direta e indiretamente da experiência de ensino, ocorrida no segundo semestre de 2022.

É importante salientar a importância da EAU/UFF, além do PPGAU/UFF, que permitiram que essa experiência de ensino fosse colocada em prática, e hoje, possa ser compartilhada ao menos em parte, através desta publicação.

Agradecer também à FAPERJ que por meio do projeto, Corpos e práticas especiais e os conflitos urbanos e socioambientais generificados nas centralidades da metrópole do Rio de Janeiro, financiado pelo edital Auxílio ao Pesquisador Recém-Contratado – ARC 2019, e também do projeto JCNE/FAPERJ, iniciado em 2022, possibilitou desdobrar nossa experiência de pesquisa, em disciplina e agora num livro que organiza e apresenta os frutos do nosso engajamento, há anos, no tripé ensino-pesquisa-extensão.

referências

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social?. Originalmente em *Socialist Worker*, 10 set.2013. Tradução de Maíra Mee Silva e revisão técnica de Mariana Luppi. **Outubro Revista**, Edição 32. set, 2019. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/o-que-e-a-teoria-da-reproducao-social/>

BUTLER, Judith. **Corpos que importam. Os limites discursivos do sexo.** São Paulo: n1-edições, Crocodilo Edições, 2019.

CARDOSO, Mirian Limoeiro. **O mito do método.** In: Seminário de Metodologia Estatística, PUC - Rio de Janeiro, 1971.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** São Paulo : Boitempo, 2020.

FARAGE, Eblin. Desafios da universidade pública, hoje. **Universidade à Esquerda.** 10 de junho de 2022. Colunas. Disponível em: <https://universidadeaesquerda.com.br/?p=16680>. Acesso em: 20 nov. 2022

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo.** São Paulo: Boitempo, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **Medo e ousadia cotidiano do professor.** 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Política e Educação.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho.** São Paulo: Schwarcz s.a, 2017.

GAGO, Verónica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo.** São Paulo: Elefante, 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, **Vitruvius**, fev. 2008 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>.

KERN, Leslie. **Cidades feministas – a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu.** Campinas, n. 22, pp. 201-246, 2004.

HEUCHAN, Claire. **Mulheridade: sobre sexo, papéis de gênero e autoidentificação.** QG Feminista, 20 março 2020. Tradução de Furiosa. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/introdu%C3%A7%C3%A3o-ao-radical-mulheridade-ff5d91faa900>

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Elefante, 2020.

_____. **Anseios: gênero e políticas culturais.** São Paulo: Elefante, 2019

_____. **Teoria feminista – da margem ao centro.** São Paulo: Perspectiva, 2019.

_____. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista.** Revista Brasileira de Ciência Política, n. 16, p. 193–210, jan. 2015.

_____. **Teoria feminista: da margem ao centro.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2019

_____. **O feminismo é para todo mundo : políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HORST, C.; MIOTO, R. Serviço Social e o trabalho com famílias: renovação ou conservadorismo? **EM PAUTA**, Rio de Janeiro _ 2o Semestre de 2017 - n. 40, v. 15, p. 228 - 246. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/32749>

JACQUES, Paola Berenstein. **Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas.** In: BRITTO, Fabiana Dultra; _____ (org.). Corpocidade: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 106-119

LORDE, Audre. **Irmã outsider.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

_____. **A unicórnica preta.** Belo Horizonte: Relicário Edições, 2020

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa B. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p.52-83.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: por uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MOLYNEUX, Maxine. Mobilization without emancipation? women's interests, the state, and revolution in Nicaragua. In: KROOK, M. Krook; CHILDS, S.. **Women, gender, and politics: a reader.** Oxford: Oxford University Press, 2010.

MONTANER, Josep M.; MUXÍ MARTÍNEZ, Zaida. **Política e arquitetura: por um urbanismo do comum e ecofeminista.** São Paulo: Olhares, 2021.

MONTEIRO, Poliana. **A Diretriz de Titulação Feminina no marco do Programa Minha Casa Minha Vida.** Dissertação de mestrado, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

MUXÍ MARTÍNEZ, Zaida. **Mujeres, Casas y Ciudades: más allá del umbral.** Barcelona: dpr-barcelona, 2018.

OLIVEIRA, E. L.; MARQUES, A. C. S. Familismo, patriarcado e empobrecimento feminino na comunicação pública do governo sobre o Programa Bolsa-Família. **Anagrama**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 1-21, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2019.157549. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/157549>.

OYEWÙMI, Oyèrónké. Conceituando gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, Heloisa B. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p.83-95.

PEREIRA, Gabriela Leandro. **Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus.** 2015. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

PRECIADO, P.B. **Manifesto Contrasexual — práticas subversivas de identidade sexual.** Rio de Janeiro: N. 1 edições, 2014.

RIBEIRO, Ana Clara. Dança dos sentidos: na busca de alguns gestos. In: JACQUES, P.B.; BRITTO, F.D. (org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 24-41.

RIBEIRO, Claudio. A sala de aula na era de sua reprodutibilidade digital. **Universidade à Esquerda**. 19 de maio de 2021. Colunas. Disponível em: <https://universidadeaesquerda.com.br/colunista/claudio-ribeiro/>. Acesso em: 25 jan.2022.

SANDERCOCK, Leonie. "Debatendo o preconceito: a importância das histórias e de sua narração na prática do planejamento". In: **Cadernos IPPUR**. Rio de Janeiro, Ano XIX, Nos 1-2, 2005, p. 1-27.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?. In: VELHO, Gilberto (org). **O desafio da cidade**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980, p. 37-57.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

TAVARES, Rossana. B., BONADIO, Mariana G. "Ao encontro do corpo: teorias da performatividade para um debate diferencial sobre espaço urbano". **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. v. 23, E202115, 2021.

____.; RAMOS, Diana H. . Indisciplina Epistemológica: Viradas metodológicas para o campo da Arquitetura e Urbanismo. **Indisciplinar**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 232–277, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/3814>.

____. **Indiferença à Diferença: espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero**. Tese de doutorado - Programa de Pós-graduação em Urbanismo, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

TZÁ, Carolina. Urbana e ancestral: a mulher guerreira. **Katawixi**, 28 dez. 2019. Disponível em: <https://www.katawixi.com/post/2019/12/28/urbana-e-ancestral-a-mulher-guerreira-de-it%C3%A1-ramifica-se-resistente-pelos-muros-da-cidad>. Acesso em: 19 Abr. 2023.



Foto de quando era estudante da EAU/UFF, a quem dedico esta publicação

ROSSANA BRANDÃO TAVARES

mulher, mãe, pesquisadora extensionista, feminista, coordenadora do grupo Urb.ANAS/GPDU/UFF, Professora Adjunta da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense EAU/UFF e professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo PPGAU/UFF. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela EAU/UFF (2003), especialização e mestrado em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ (2004 e 2007) e doutorado em Urbanismo pelo PROURB/UFRJ (2015), com doutorado-sanduiche na França. Tem experiência profissional e docente nos temas de gênero, habitação, saneamento ambiental, planejamento, legislação urbana, projeto urbano. Trabalhou 8 anos na ONG FASE RJ - Programa Direito à Cidade, acumulando prática em educação e participação popular. Vem desenvolvendo investigações sobre corpo, espaço, vida cotidiana, reprodução social, precariedade, políticas urbanas, assim como, perspectivas teórico-metodológicas na arquitetura e urbanismo a partir das teorias feministas e de gênero. Recentemente, recebeu entre outras educadoras a Moção de Reconhecimento e Aplausos da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na homenagem "A Esperança é feminista: Mulheres que nos inspiram".

sobre a ilustração da capa

Medusa, Lilith, Boitatá, Boiuna, Maria Caniana, Yube Nawa Aibu, apesar dos muitos nomes, na mitologia as serpentes quase sempre são retratadas como corpos feminizados. Michelangelo retrata a serpente do Gêneses com um rosto. O que todas essas histórias têm em comum? Segundo o Aurélio, "víbora", "serpente", "cobra" significa pessoa de má índole, gênio do mau, mal insinuante e ardiloso, caos, traiçoeira, bruxa. A mitologia, como conhecemos, não foge do estereótipo. Em todas as histórias, essas entidades buscavam proteger seus corpos e territórios, resistindo a estupros, assassinatos, escravidão e colonização.



Ilustração e texto: Tayná Silva

Este livro, de autoria coletiva, pretende ser uma apresentação e sistematização coletiva da experiência da disciplina optativa chamada INTERSECCIONALIDADE, GÊNERO E CORPO-TERRITÓRIO, oferecida no segundo semestre de 2022 para a graduação e pós-graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense.

A publicação é parte dos resultados do projeto financiado pela FAPERJ, através do edital Auxílio ao Pesquisador Recém-Contratado – ARC 2019; Projeto: Corpos e práticas especiais e os conflitos urbanos e socioambientais generificados nas centralidades da metrópole do Rio de Janeiro, coordenado pela professora Rossana Brandão Tavares, do Departamento de Urbanismo - TUR.



Acesse
https://urbanasuff.wordpress.com/@urb.anas_uff

eau.
escola de
arquitetura
e urbanismo
universidade
federal fluminense

PPG  UFF